

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE MARÍLIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS**

CLEILA DE FÁTIMA SIQUEIRA STANISLAVSKI

***SAUDADE (1919-2002):*
A CONTRIBUIÇÃO DE THALES CASTANHO DE ANDRADE PARA
O CAMPO DA LEITURA ESCOLAR**

MARÍLIA

2006

CLEILA DE FÁTIMA SIQUEIRA STANISLAVSKI

SAUDADE (1919-2002):

**A CONTRIBUIÇÃO DE THALES CASTANHO DE ANDRADE PARA
O CAMPO DA LEITURA ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, campus de Marília, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Políticas Públicas e Administração da Educação Brasileira;
Linha de Pesquisa: Filosofia e História da Educação.

Orientada pela Dr^a Ana Clara Bortoleto Nery

MARÍLIA

2006

Stanislavski, Cleila de Fátima Siqueira.

S786s *Saudade* (1919-2002): a contribuição de Thales Castanho de Andrade para o campo da leitura escolar / Cleila de Fátima Siqueira Stanislavski. – Marília, 2006.
158 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2006.

Bibliografia: f. 116-129

Orientadora: Profª Ana Clara Bortoleto Nery

1. *Saudade*. 2. História educação. 3. História cultural.
4. Leitura escolar. I.A. II.T.

CDD 370.109

CLEILA DE FÁTIMA SIQUEIRA STANISLAVSKI

SAUDADE (1919-2002):

**A CONTRIBUIÇÃO DE THALES CASTANHO DE ANDRADE PARA
O CAMPO DA LEITURA ESCOLAR**

BANCA EXAMINADORA

DRA. ANA CLARA BORTOLETO NERY

DRA. MARIA RITA DE ALMEIDA TOLEDO

DRA. ROSA FÁTIMA SOUZA

AGRADECIMENTOS

Minha homenagem e gratidão a todos
que contribuíram para que esta
conquista se realizasse.

RESUMO

Com o objetivo de compreender as formas pelas quais *Saudade*, do autor Thales Castanho de Andrade, se constitui como uma obra importante da literatura infantil brasileira, enquanto livro de leitura escolar utilizado nas escolas primárias, durante os anos de 1918 e 1932, apresento esta Dissertação de Mestrado. Para entender que fatores contribuíram para que *Saudade* se tornasse referência na literatura escolar, faço a análise da 2ª e da 17ª edições do livro, publicadas em 1920 e 1932, respectivamente. A análise terá como referencial teórico as idéias de Roger Chartier, numa abordagem identificada como “história cultural”. Segundo Chartier (1991), esta abordagem está focada na compreensão, manipulação e estudo de textos, impressos de formas variadas, em seu contexto histórico e social. *Saudade* foi escrito num momento histórico que dá início a publicação de uma literatura escolar, da qual se origina a literatura infantil brasileira como gênero literário. Foi destinado à leitura escolar nas séries do curso primário das escolas brasileiras; adotado principalmente, nos estados de São Paulo, Paraná, Ceará e no Distrito Federal, segundo a *Revista da Sociedade de Educação*, de 1923. O livro foi escrito em um momento de grande efervescência nacional no campo econômico, cultural, político e educacional, e estava comprometido com o processo de ruralização. O autor de *Saudade*, piracicabano, foi escritor e educador, e manteve relações de amizade ou convívio pessoal com pessoas importantes para a educação no Brasil, dentre elas, Sampaio Dória, Sud Mennucci, Monteiro Lobato e Lourenço Filho. Neste trabalho, levou-se em conta a afirmação de Roger Chartier de que é preciso unir duas perspectivas: estudar o próprio texto e os impressos que lhe dão suporte.

Palavras-chave: Thales Castanho de Andrade; *Saudade*; leitura escolar; história cultural.

ABSTRACT

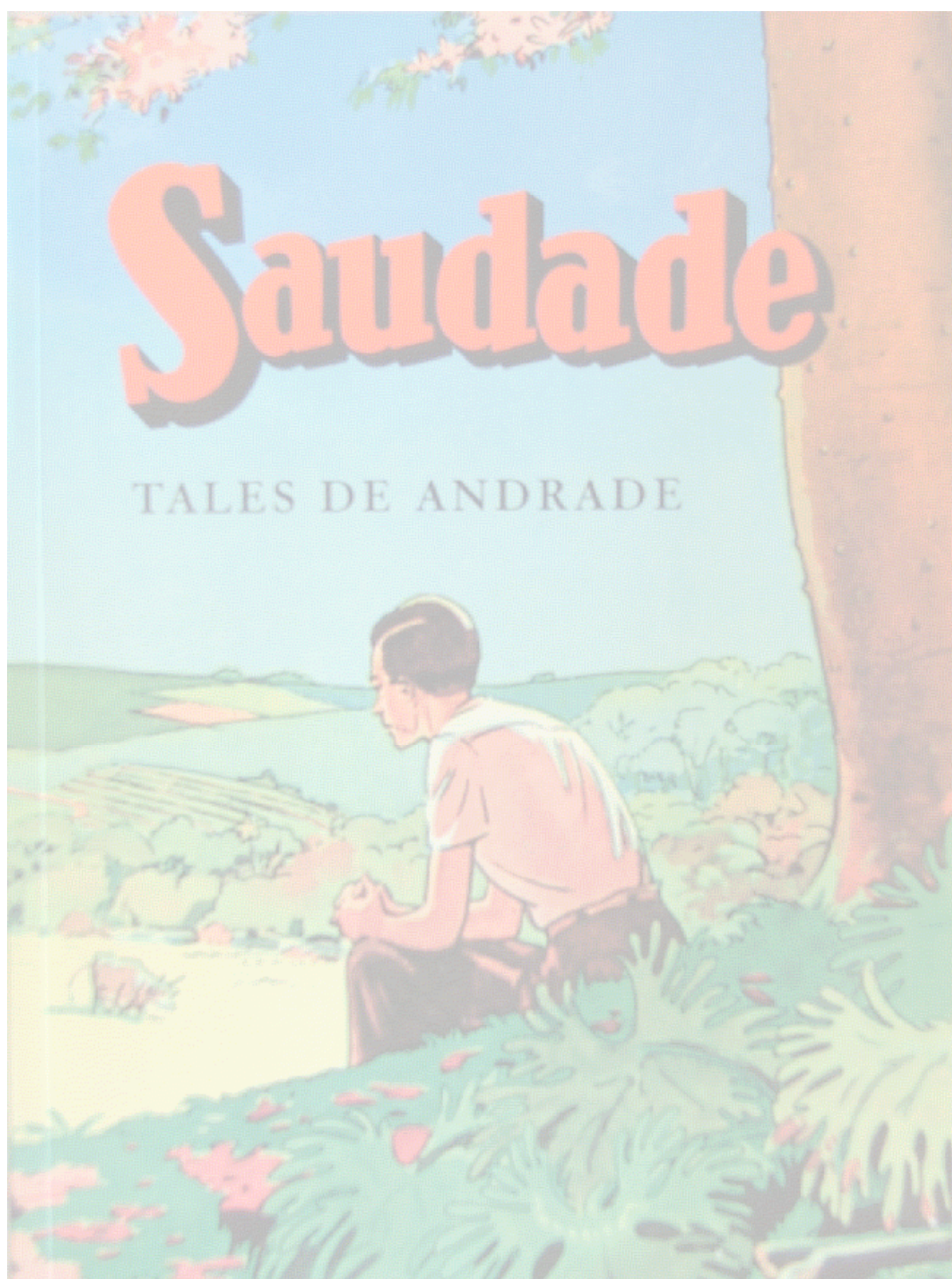
The aim of this research is to comprehend how *Saudade*, written by Thales Castanho de Andrade, constitutes an important book of the Brazilian literary production made for children, once it was used as pedagogical reading in Elementary Schools during the period from 1918 to 1932. To enlighten what factors contributed to make *Saudade* so important as a reference in the pedagogical literature, I analysed the 2nd and 17th editions of the book, published in 1920 and 1932, respectively. The analyses will be held by Roger Chartier's ideas, approaching the "cultural history". According to Chartier (1991), this approach focuses on the comprehension, manipulation and study of printed texts in several ways, and also on its historical and social contexts. *Saudade* was written in a historical epoch which makes an entry of the pedagogical publishing, from which originates the Brazilian literary production made for children as a literary order. The book was destined to pedagogical reading in the Brazilian Elementary Schools; being used, mainly, in the States of São Paulo, Paraná, Ceará and in the Federal District, according to the *Education Society Magazine*, from 1923. The novel was produced in a time of great effervescence on the economy, culture, politics and education, and was linked to the process of ruralism. The author of *Saudade*, Piracicabano, was writer and educator, keeping relations of friendship or social companionship with important people for education in Brazil; among them, Sampaio Dória, Sud Mennucci, Monteiro Lobato and Lourenço Filho. In this research, I considered the words of Roger Chartier that say it is necessary to join two perspectives: studying the text itself and the other printed matters that support it.

Key-words: Thales Castanho de Andrade; *Saudade*; pedagogical reading; cultural history.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
 CAPÍTULO 1	
<i>Contexto de produção de Saudade (1918-1932): Do Fim da 1ª Guerra Mundial ao Pós-Revolução de 1930</i>	<i>23</i>
A 1ª República: Breve caracterização	24
O cenário educacional: estrutura, movimentos, reformas e legislação	29
A história da leitura e do livro: aspectos relevantes.....	43
 CAPÍTULO 2	
<i>O texto em seu suporte: do conteúdo à materialidade</i>	<i>50</i>
<i>Saudade: A história de um menino narrada por um jovem.....</i>	<i>50</i>
<i>Saudade: o livro em sua materialidade.....</i>	<i>64</i>
 CAPÍTULO 3	
<i>Estratégias de leitura de Saudade: A crítica literária, o autor e suas relações no meio educacional</i>	<i>79</i>
<i>Saudade: os vários olhares sobre o livro.....</i>	<i>84</i>
Outros olhares sobre o conjunto da obra de Thales de Andrade.....	92
Relações autor-autores	106
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS	116
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	121
INSTITUIÇÕES, ACERVOS E SITES CONSULTADOS	129
ANEXOS	130

INTRODUÇÃO



Como professora, escolhi desenvolver trabalho de pesquisa para o Mestrado em Educação, com a finalidade de poder refletir mais sistematicamente sobre as relações entre educação, ensino e a literatura infantil brasileira. Meu interesse pela reflexão sobre essa relação foi inicialmente despertada quando, como aluna do curso de Pedagogia¹, realizei estágios e atividades em salas de aula e observações do processo de ensino-aprendizagem em classes de 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental de escolas públicas municipais de Teixeira Soares/PR e de Marília/SP. Pude, então, perceber que o trabalho dos professores com a literatura infantil era bastante restrito e superficial.

Desde então venho me interessando pelas questões envolvidas na utilização de textos desse gênero nas séries iniciais do Ensino Fundamental, no aparecimento e desenvolvimento de uma literatura dedicada às crianças no Brasil, e, também, pelas contribuições de autores de livros de literatura infantil para a educação brasileira.

No ano de 2001, como aluna concluinte do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília – Universidade Estadual Paulista - cursei a disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)”, ministrada pelo Dr. Antonio Geraldo Aguiar, tendo como desenvolvimento um trabalho com o título *Uma Leitura de Contos Infantis (1886), de Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida*, sob orientação da professora Dr.^a Maria do Rosário Longo Mortatti.

Desde então iniciei a fase exploratória com a leitura de textos básicos sobre história da educação e da leitura na escola, especialmente no que se refere à literatura infantil brasileira, as quais me permitiram compreender melhor a variedade e complexidade de questões relativas ao uso de livros na escola e à literatura infantil.

¹ Universidade Estadual do Centro-Oeste – Irati/Pr (1997 – 1998) e Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Marília/SP (1999 –2001)

Surgiram novas questões sobre a educação escolar e literatura infantil a serem investigadas e, assim, no ano de 2004, ingressei no Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista. Diante disso, desenvolvi esta Dissertação de Mestrado², sob a orientação da Dr.^a Ana Clara Bortoleto Nery, que me permitiu estudar e pesquisar sobre a educação brasileira no contexto histórico e social, a partir de impressos sobre literatura infantil, principalmente sobre a contribuição de Thales Castanho de Andrade para a educação brasileira.

* * *

A leitura é fundamental no trabalho do professor e dos alunos para que se desenvolva, em sala de aula, o processo ensino e aprendizagem. Os textos de literatura infantil desempenham uma função importante na formação das crianças, dentre outros tipos de texto que devem fazer parte desse trabalho escolar, e, de acordo com estudiosos do tema³, devem ocupar um espaço privilegiado no processo ensino e aprendizagem, especialmente no início da escolarização de crianças.

De acordo com leituras e estudos preliminares que fiz de textos de alguns estudiosos do tema, no Brasil, entretanto, é relativamente recente o reconhecimento dessa função e importância da literatura infantil, assim como o próprio processo de produção de livros para esse público leitor e de estudos sobre textos do gênero, os quais poderiam auxiliar os professores na seleção e utilização da literatura infantil na escola e no esclarecimento de lacunas ainda não estudadas sobre autores de literatura infantil no Brasil.

² O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

³ Lourenço Filho (1943), Leonardo Arroyo (1968), Lajolo e Zilberman (1999), Meireles (1979), Mortatti (2000a)

Ao fazer o levantamento dos trabalhos existentes na área de história da educação sobre a história do livro no Brasil, pude constatar trabalhos acadêmicos relevantes para esta pesquisa.

Destaco a Tese de Doutorado intitulada *Coleção Atualidades Pedagógicas: Do projeto político ao projeto editorial (1931- 1981)*, defendida em 1999 pela PUC –SP, de autoria de Maria Rita de Almeida Toledo, que se concentrou no estudo da *Coleção Atualidades Pedagógicas*, da Companhia Editora Nacional, com o objetivo de compreendê-la como uma estratégia específica de produção e circulação de livros pedagógicos para educadores. A partir da análise material da coleção, a autora verificou como foi se desenhando o projeto material e as mudanças sofridas ao longo dos anos.

Outro trabalho é a Dissertação de Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), com o título *À caça do sentido: práticas de leitura dos leitores de Monteiro Lobato (1926-1946)*, de Marco Antonio Branco Edreira, defendida em 2003. Trata-se de um estudo sobre as práticas de leitura, a partir de cartas enviadas a Monteiro Lobato por seus leitores, nas décadas de 1930 e 1940.

Ao tratar sobre as leituras infantis, a tese *A Semear Horizontes: leituras literárias na formação da infância, Argentina e Brasil (1915-1954)*, de Gabriela Pellegrino Soares, defendida pela FEUSP, em 2002, discute o espaço de produção e circulação de obras literárias para crianças, no período indicado acima, no Brasil e na Argentina. A autora preocupa-se com o papel atribuído às leituras na formação infantil e com a natureza dos repertórios proporcionados para além dos textos escolares. O trabalho privilegia as perspectivas que orientaram os autores de literatura infantil e seus mediadores.

Em vista do meu interesse inicial e dos problemas suscitados pela leitura dos textos básicos, pude, por um lado, perceber a necessidade de compreender melhor o aparecimento de uma literatura infantil brasileira e os problemas envolvidos na sua

constituição, e, por outro lado, devido à constatação da carência de estudos sobre livros e autores de literatura infantil, estudar livros de literatura infantil, de autores nacionais, utilizados na escola com finalidade de ensinar.

Defini, então, os objetivos que me orientaram no desenvolvimento da pesquisa:

- Compreender as formas pelas quais *Saudade* se constitui como uma obra importante da literatura infantil brasileira enquanto livro de leitura utilizado nas escolas primárias, durante os anos de 1918 e 1932.
- Analisar a 2ª e a 17ª edições do livro *Saudade*, publicadas em 1920 e 1932, a fim de verificar as mudanças ocorridas no projeto gráfico e editorial;
- Compreender as contribuições do escritor Thales Castanho de Andrade para a educação de sua época;
- Recuperar informações sobre aspectos biográficos, bibliográficos e da atuação profissional desse escritor;
- Recuperar e organizar a bibliografia de Thales Castanho de Andrade;
- Entender as relações pessoais e profissionais do autor;
- Evidenciar as marcas de materialidade contidas em *Saudade*.

Então pude definir o objeto desta pesquisa, confirmando meu interesse em desenvolver uma pesquisa de fundo histórico sobre a educação brasileira e optando pela análise do livro *Saudade*.

A partir da constatação de que o livro *Saudade* era utilizado para o ensino e aprendizagem nas escolas brasileiras no início do século XX, formulei o seguinte problema da pesquisa: quais os fatores que contribuem para que tal obra se torne referência na leitura

escolar durante a década de 1920, ao tomarmos tal período como fase de estruturação do campo educacional e de consolidação da obra no meio educacional?

Tendo em vista o problema, proponho neste trabalho a hipótese de que o que torna a obra *Saudade* referência no campo da literatura infantil, é o fato dela ser indicada pelo órgão oficial da Instrução Pública Paulista como livro de leitura para a escola primária, como resultado da aproximação de Thales Castanho de Andrade com o então Diretor Geral da Instrução Pública, Sampaio Dória, autor do prefácio.

Então, o livro *Saudade*, representativo na literatura escolar do Brasil, teve a sua 2ª edição publicada em 1920 e a sua 17ª edição no ano de 1932. Este período é marcado por grandes acontecimentos econômicos, políticos, culturais e educacionais em nosso país. O livro permaneceu até a metade do século sendo amplamente utilizado nas escolas brasileiras e sua última edição, a 66ª, ocorreu no ano de 2002.

Partindo da reflexão do problema da pesquisa e da hipótese, surgiram algumas questões que foram eixos auxiliares no desenvolvimento desse estudo. Estas questões permitiram conhecer o livro *Saudade* e a vida pessoal, social e profissional de Thales Castanho de Andrade, que contribuiu para a formação da literatura infantil no Brasil:

1. Quais os aspectos textuais que permitem relacionar o livro *Saudade* com as questões educacionais, culturais, econômicas e políticas do Brasil no período de 1918 a 1932?
2. Quais as marcas da materialidade contidas em *Saudade*?
3. Por que o livro *Saudade* foi indicado para o uso nas escolas brasileiras?
4. A partir de que necessidade e com que finalidade o escritor escreveu *Saudade*?
5. Qual foi a formação do autor, sua vida social e qual foi sua atuação profissional?
6. Como Thales Castanho de Andrade, enquanto autor, relaciona-se e relaciona *Saudade* com o contexto histórico, cultural e educacional da época?
7. Quais foram as contribuições do livro e do autor para a educação escolar da época?

8. De que forma as disputas pelo mercado editorial influenciaram na publicação de *Saudade*?

Em vista do exposto, espero, que esta pesquisa possa contribuir tanto para o desenvolvimento de outras pesquisas correlatas, tanto quanto permitiu conhecer a obra de um escritor que é integrante da história da literatura infantil no Brasil, e elucidar aspectos pouco estudados sobre a educação brasileira.

* * *

Para a consecução dos objetivos propostos neste trabalho, desenvolvi estudos que me permitiram abordar as idéias de estudiosos sobre literatura infantil, como Leonardo Arroyo, Marisa Lajolo, Regina Zilberman, Cecília Meireles, Lourenço Filho, dentre outros. Para fundamentar a análise e desenvolvimento deste trabalho, o conceito de literatura infantil aqui utilizado é o proposto por Mortatti (2000a), a saber:

[...] um conjunto de textos — escritos por adultos e lidos por crianças — que foram paulatinamente sendo denominados como tal, em razão de certas características sedimentadas historicamente, por meio, entre outros, da expansão de um mercado editorial específico e de certas instâncias normatizadoras, como a escola e a academia. (MORTATTI, 2000a, p. 4)

Partindo dos objetivos deste trabalho, do problema de pesquisa e da hipótese, procurei um referencial sobre história da educação que desse suporte metodológico ao material em questão - o livro de literatura infantil – dando-lhe um significado diferenciado, possibilitando a sua análise e relação com outros textos.

Nos últimos anos, devido a grandes transformações no campo da pesquisa histórica, “[...] novos interesses, novos problemas e novos critérios de rigor científico

fazem com que a antiga história das idéias pedagógicas... seja abandonada” (CARVALHO, 1998, p. 31). Segundo Carvalho, essas transformações deram origem a novos campos de pesquisa:

Pondo ênfase nos suportes materiais da produção, circulação e apropriação dos saberes pedagógicos, essas investigações abrangem estudos sobre uma pluralidade de impressos de destinação pedagógica: livros didáticos, manuais escolares, imprensa periódica especializada em educação, bibliotecas escolares, coleções dirigidas a professores, etc. [...] Livros, revistas, guias curriculares, programas, regulamentos, etc., não são mais, nessa nova perspectiva, apenas fontes de informação historiográfica. Passam a interessar como objeto, no duplo sentido de objeto de investigação e de objeto material, cujos usos, em situações específicas, se quer determinar. (CARVALHO, 1998, p. 34)

Neste estudo o objeto de pesquisa é o livro *Saudade*, do escritor Thales Castanho de Andrade, nascido em Piracicaba, Estado de São Paulo, no dia 15 de agosto de 1890, onde diplomou-se professor normalista pela Escola Complementar de Piracicaba e exerceu o magistério em diversas escolas da zona urbana e também em escolas da zona rural. Sua proximidade com questões de ordem agrária nas escolas rurais possibilitou que escrevesse seu livro *Saudade*, que nasceu como um pequeno artigo com o título de “Instrução e Agricultura”, publicado em 1911, no Jornal *O Monitor*, da Escola Complementar de Piracicaba, e teve sua primeira edição em forma de livro em 1919, ainda em Piracicaba⁴.

Thales Castanho de Andrade escreveu vários contos, pequenas novelas infantis e livros utilizados na literatura escolar. *Saudade* destacou-se em suas obras e, em 1923, já havia sido adotado nas escolas primárias dos Estados de São Paulo, Paraná, Ceará e no Distrito Federal.

⁴ Informações extraídas de MENEZES (1969, vol. 1)

O livro *Saudade* (1919) será o eixo deste trabalho. Farei a análise da segunda e da décima sétima edição, publicadas em 1920 e 1932, a fim de compreender os aspectos do conteúdo textual do livro e as mudanças materiais dessas edições, atendendo ao que Chartier denomina “protocolos de leitura”:

Do mesmo modo, a imagem, no frontispício ou na página do título, na orla do texto ou na sua última página, classifica o texto, sugere uma leitura, constrói um significado. Ela é protocolo de leitura, indício identificador. (CHARTIER, 1990, p. 133)

Organizei os dados a partir da coleta dos materiais impressos sobre o livro *Saudade*, a vida e a obra de Thales Castanho de Andrade. O contexto histórico do período de 1920 a 1932 é importante para verificar as mudanças ocorridas nas edições do livro, que perpassa o momento de constituição da literatura infantil, ambiente educacional e as questões históricas da época.

* * *

Quanto ao método, optei por desenvolver uma pesquisa histórica em educação, com procedimentos metodológicos de pesquisa documental e bibliográfica, com contribuições de fontes primárias e secundárias: recuperando, organizando e analisando dados e fatos. Os procedimentos utilizados iniciaram-se com a leitura e a catalogação de textos especializados sobre educação e literatura infantil; pesquisa, coleta, organização e análise de dados a partir de pesquisa em locais determinados nesta dissertação; e a elaboração da dissertação. Essa abordagem histórica está centrada nas idéias desenvolvidas por Roger Chartier, numa abordagem identificada como “história cultural”.

Neste contexto aplica-se a idéia de Roger Chartier (1991, p. 181) de que “[...] o essencial é, portanto, compreender como os mesmos textos – sob formas impressas possivelmente diferentes – podem ser diversamente aprendidos, manipulados, compreendidos.” Assim, para os trabalhos que se referem à análise de impressos e seu contexto histórico e social, Chartier (1991) estabelece algumas condições:

[...] de um lado, o estudo crítico dos textos, literários ou não, canônicos ou esquecidos, decifrados nos seus agenciamentos e estratégias; de outro lado, a história dos livros e, para além, de todos os objetos que contêm a comunicação do escrito; por fim, a análise das práticas que, diversamente, se apreendem dos bens simbólicos, produzindo assim usos e significações diferenciadas. (CHARTIER, 1991, p. 178)

Para Chartier, para que haja a compreensão das práticas culturais, a leitura é um bom exemplo, pois nesse terreno, “[...] como num microcosmo” são encontrados “[...] os problemas passíveis de ser reencontrados em outros campos.” (CHARTIER, 2001, p. 231)

Segundo Tambara (2003), a análise das práticas de leitura por muitos pesquisadores, no campo da história da educação no Brasil, e nas contribuições para preencher eventuais lacunas, estabelece uma interlocução metodológico-acadêmica por meio de seus estudos, permitindo, assim, uma melhor compreensão do processo de constituição do ato de ler no Brasil. Essas preocupações serão objeto da investigação neste trabalho.

Para estudar um texto impresso, segundo Chartier (1990), é preciso unir duas perspectivas: estudar o próprio texto e os impressos que lhe dão suporte. Nesse sentido as questões discutidas nos capítulos desta dissertação dão suporte à análise do livro, tendo como pressuposto de que:

[...] é necessário recordar rigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor. (CHARTIER, 1990, p. 127)

Nessa perspectiva, Bourdieu (apud CHARTIER, 2001, p. 233) denomina “leitura estrutural” a leitura que considera um texto ser lido “[...] nele mesmo e por ele mesmo”, tornando-o autosuficiente ao extrair dele tudo o que está ao seu redor. Não cabe aqui a leitura que decifra os códigos da escrita, mas cabe pensar na leitura crítica do estatuto social do livro, ou seja, para que uso esse texto foi feito (CHARTIER, 2001, p. 234).

Para Chartier, a leitura não é mensurável, ela fará emergir a memória de leituras anteriores e dados culturais, é fazer ler e dar-se a ler (CHARTIER, 2001, p. 116). Completando esta idéia, para Chartier (CHARTIER, 2001, p. 232), existe algo, também, importante que “[...] é o fato de que os textos, quaisquer que sejam, quando são interrogados não mais somente como textos, transmitem uma informação sobre o seu modo de usar.” (CHARTIER, 2001, p. 233)

Por meio de um livro é possível, segundo Bordieu (apud CHARTIER, 2001, p. 243) transformar a visão de mundo e o próprio mundo social:

Os livros que celebram o mundo social não são somente os grandes livros proféticos, a *Bíblia* ou *O Capital*; há também o doutor Spock, que, do ponto de vista da eficácia simbólica é sem dúvida, em sua ordem, tão importante quanto numa outra foi *O Capital*. (CHARTIER, 2001, p. 243)

Tendo em vista essa possibilidade, coloco *Saudade* nesse âmbito de leitura histórica e social, de inserção no mundo social e nas suas relações com ele. Os aspectos sociais são analisados porque, ao tornar-se público o que o escritor escreveu, há uma ruptura da censura do que era oculto, íntimo e não podia ser dito, mesmo que impensado, e

que agora pode ser dito e reconhecido (CHARTIER, 2001, p. 245). Para Chartier (2001, p. 248), “[...] um livro não chega jamais ao leitor sem marcas. Ele é marcado em relação a sistemas de classificação implícitos.”

Segundo Chartier (2001, p. 237), um estudo histórico acontece e é possível ser controlado pela análise do objeto: o livro *Saudade*, nesta pesquisa. Este livro foi escolhido como objeto desta pesquisa porque era utilizado para leitura nas escolas brasileiras, como já disse anteriormente.

Quanto à coleta de dados, apresento os locais de pesquisa:

- Biblioteca da FFC-UNESP/Marília;
- Biblioteca Municipal de Piracicaba/SP;
- Museu Histórico e Pedagógico “Prudente de Moraes” – Piracicaba/SP;
- Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba/SP;
- Academia Piracicabana de Letras;
- Companhia Editora Nacional;
- Sites e páginas na Internet.

Tendo em vista tudo o que foi exposto até aqui, optei por organizar o texto da seguinte maneira: após esta introdução, tem-se o 1º capítulo, que trará o contexto histórico do momento de produção de *Saudade*, período de 1918, que compreende a sua 1ª edição em 1919 e o Pós-Revolução de 1930, com a 17ª edição do livro em 1932. Até o ano de 1930, os estados de São Paulo e Minas Gerais centralizavam a maioria dos presidentes eleitos no Brasil. Neste período, também, o Brasil, que caracterizava-se por uma país essencialmente agrícola, recebeu muitos imigrantes, aumentando a urbanização, desencadeada pelo aumento da população nas cidades. Nesse momento, começam a aparecer as primeiras indústrias. Culturalmente, nesse período há o destaque da Semana da

Arte Moderna de 1922 e a criação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. No campo educacional, a década de 1920 e o início da de 1930 refletem um período de modernização nos modelos educacionais e de uma preocupação com os aspectos da construção de uma identidade nacional com a exaltação da nação e do solo, com o ruralismo. Em destaque, nesse momento, a educação paulista sofre reformas como meio de transformação educacional. Dentre elas, a Reforma Sampaio Dória. Para compreender o período pelo qual *Saudade* foi destinado às escolas primárias brasileiras, apresento, ainda, a legislação referente ao ensino da leitura nessas escolas. Finalizando, descrevo, rapidamente a história do livro e da leitura iniciando pelo surgimento do livro impresso, o uso de livros escolares no Brasil e a literatura infantil brasileira como gênero literário.

Em seguida, apresento no 2º capítulo, a análise do texto de *Saudade*: a história de Mário, que sai do sítio juntamente com seus pais para morar na cidade e, mais tarde volta ao sítio vivendo na sua volta, grandes aventuras com seus amigos, até ir estudar numa escola agrícola. Analiso, ainda, os episódios que compõem a história e os poemas. Apresento a análise dos aspectos materiais de *Saudade*, a capa, as ilustrações, a paginação, a contra-capas, o índice, o prefácio e a introdução do livro. Trato ainda de aspectos sobre o mercado editorial na década de 1920 e as estratégias de publicação, destacando a Editora Monteiro Lobato e Cia e a Companhia Editora Nacional, que publicaram o livro. Cabe aqui lembrar que *Saudade* está em sua 66ª edição, no ano de 2002. Dessa forma, faço uma análise dos aspectos referentes ao ano das edições, as tiragens correspondentes, número de páginas, as ilustrações, a classificação dos livros numa coleção, o formato, tipo de papel e as propagandas editoriais enquanto um livro de leitura escolar.

No capítulo 3, trato de informações sobre o nascimento do livro *Saudade* e aspectos sobre a vida e obra de Thales Castanho de Andrade, educador e escritor de grande importância para o campo da leitura escolar no Brasil. Destaco, ainda, neste capítulo, as

críticas e comentários sobre o livro, encontrados na literatura e na imprensa que exaltavam e qualificavam o livro como um bom livro de leitura escolar, dentre outros elogios que enaltecem a obra. Relaciono outros trabalhos sobre Thales Castanho de Andrade e que tratam, muitas vezes, de alguns aspectos do livro *Saudade*. No contexto da produção de *Saudade* - momento de grande efervescência nacional no campo político, econômico, cultural e educacional - destaco a relação do autor com pessoas importantes para a educação da época: Sud Mennucci, Monteiro Lobato, Lourenço Filho e Sampaio Dória.

Finalizando esta Dissertação seguem as Considerações Finais, as Referências, a Bibliografia e a relação de Instituições, Acervos e Sites consultados para o desenvolvimento deste trabalho. Ao final do trabalho estão os Anexos e a Bibliografia de Thales Castanho de Andrade.

CAPÍTULO 1

CONTEXTO DE PRODUÇÃO DE *SAUDADE* (1918-1932): DO FIM DA 1ª GUERRA MUNDIAL AO PÓS-REVOLUÇÃO DE 1930

Este capítulo tem por objetivo contextualizar o momento de produção e de consolidação de *Saudade*, ao evidenciar aspectos da história da educação brasileira, especialmente sobre a instrução pública. Para tanto, apresento o contexto sócio-histórico e educacional no Brasil entre o período de 1918 a 1932, a legislação educacional sobre a leitura vigente nas escolas paulistas no início da década de 1910 e os aspectos relacionados à reforma educacional empreendida em 1920. Serão compreendidos aspectos sobre a Reforma Sampaio Dória, esta, por ser empreendida pelo autor que escreveu o prefácio do livro *Saudade*.

Adicionando a este capítulo, que atenderá o objetivo de contextualizar e compreender a constituição e a história da leitura e dos livros no Brasil, naquele período específico, serão apresentados os aspectos principais desse campo: desde a utilização dos livros para o ensino escolar, passando pela implantação da imprensa e o surgimento de livros de literatura infantil para as crianças.

Nesse sentido, o capítulo dá suporte para a análise e entendimento do livro de Thales Castanho de Andrade, ao compreender as influências que sofre naquele momento, as idéias às quais adere ao escrever o livro e ao entendimento do livro *Saudade* enquanto parte da história da leitura nas escolas.

A 1ª REPÚBLICA: BREVE CARACTERIZAÇÃO

O período que vai do final do século XIX e o início do século XX configura a passagem do sistema de governo Imperial para o Republicano, conhecido como 1ª República. Compreende os anos de 1889 a 1930. O ano de 1889 é marcado, historicamente, pela Proclamação da República, que ocorreu com um movimento militar, simbolizado pelo Marechal Deodoro da Fonseca, que marcou a instauração da República no Brasil (FAUSTO, 1996).

Entre 1889 e 1930 na política brasileira aparecia uma instância intermediária de poder que consistia em apoio político em troca de favores de natureza econômica, empregos e verbas. Era a política dos governadores que dominou este período. No plano federal o domínio concentrava-se entre os estados de São Paulo com uma supremacia econômica decorrida do café e em Minas Gerais a vantagem se revelava no fato de ser o membro mais populoso da federação influenciando as votações presidenciais. Estes fatores aliados ao fato de contarem com partidos republicanos organizados desde 1889, São Paulo e Minas Gerais elegeram nove dos 12 presidentes republicanos brasileiros entre os anos de 1894 e 1930 (DEL PRIORE, 2001, p. 306).

O Brasil foi um país receptor de imigrantes, principalmente durante a década de 1920. Cerca de 3,8 milhões de estrangeiros europeus e asiáticos entraram no Brasil entre os anos de 1887 e 1930. O estado de São Paulo destacou-se na concentração de imigrantes com mais da metade (52,4%) de todos os residentes no país (FAUSTO, 1996).

Das últimas décadas do século XIX até a década de 1930 o Brasil era um país essencialmente agrícola. Segundo o censo de 1920 (FAUSTO, 1996, p. 281), cerca de 69,7% das pessoas em atividade no país se dedicavam à agricultura, o restante dos

trabalhadores se dividia entre a indústria, serviços domésticos, autônomos, lojistas, vendedores, entre outros trabalhos. São Paulo estava à frente do crescimento econômico, com as mudanças sociais caracterizadas pela diversificação agrícola, urbanização e o surto industrial, tendo o café como eixo da economia.

Outro fenômeno importante no período em destaque acima foi a urbanização, com o aumento da população das cidades. A capital do estado de São Paulo – a cidade de São Paulo – sofreu um crescimento espetacular pelo fluxo da chegada de imigrantes e de pessoas que saíam das atividades agrícolas em direção às cidades. A cidade oferecia um campo aberto de trabalho: artesanato, comércio de rua, pequenas fábricas, construtores, profissionais liberais. A opção mais precária era empregar-se numa fábrica ou trabalhar no serviço doméstico. Salienta Hilsdorf:

Da perspectiva dos trabalhadores verifica-se a formação do proletariado urbano pelos imigrantes estrangeiros e também pela migração do trabalhador nacional, além do processo de marginalização dos ex-escravos. (HILSDORF, 2003, p.58)

No aspecto industrial, a década de 1920 foi muito importante, destacando-se o surgimento de empresas com o incentivo do governo, período de crescimento das cidades e da diversificação das atividades urbanas. A industrialização é um dos aspectos mais polêmicos da história brasileira. Segundo Del Priore (2001, p. 296), discussões ocorreram a respeito dos mais variados aspectos sobre industrialização, porém, o que se sabe é que, ao contrário da evolução ocorrida no mundo europeu, a indústria brasileira cresceu lentamente entre o artesanato e a pequena manufatura.

Del Priore (2001, p. 297) considera que, para muitos estudiosos, nossa primeira industrialização, a “grosso modo”, de 1880 a 1930, originou-se da importação de máquinas modernas custeadas pelo mundo agrário. Nesse aspecto, o estado paulista se tornaria o principal pólo industrial do país.

Porém, para essa autora (2001, p. 297), ao contrário do que se imagina, São Paulo nem sempre foi a região brasileira mais industrializada, divulgada por meio do mito da “locomotiva do Brasil”. Muito pelo contrário: no início do século XX, os estudos comprovam que os habitantes da antiga “terra dos bandeirantes” não lideravam os primeiros processos de industrialização. Para elucidar como São Paulo se tornou um estado com maior concentração de indústrias, deixando de lado as diversas polêmicas acerca do assunto, recorre-se a uma explicação mais sintética, ressaltando-se um crescimento expansivo do cultivo de café, as estradas de ferro e o grande fluxo de imigrantes europeus, entre o início do século e a década de 1930. Além disso, podem ser incluídos na prosperidade econômica do estado as transformações políticas, o aparecimento de grandes obras públicas e a ampliação dos espaços urbanos (DEL PRIORE, 2001, p. 300).

Após a Primeira Guerra Mundial, que teve início em 1914 e só terminou em 1918, grandes transformações ocorrem no nosso país. Falava-se de reforma social, da educação do povo, do voto secreto. Aparecem movimentos de milícia, marcando revoltas militares, destacando-se a Revolta do Forte de Copacabana em 1922, a Revolução de 1924 em São Paulo e a Coluna Prestes em 1927. Todo este período pós-guerra, de grandes movimentos, é encerrado com a Revolução de 1930 (FAUSTO, 1996).

No aspecto cultural, a década de 1920 foi uma época de grandes transformações no Brasil. Com o final da Primeira Guerra, intensificavam-se as relações comerciais e financeiras com outros países, dando preferência aos relacionamentos com os

norte-americanos. Dessa relação estreita com os Estados Unidos, foram surgindo influências no campo intelectual brasileiro, que se estenderam para o campo educacional e pedagógico. O movimento da Escola Nova foi uma das influências americanas que mais se destacou nessa época.

Outro acontecimento de extrema importância para a sociedade brasileira na década de 1920 foi a realização da Semana de Arte Moderna. Esta Semana realizou-se nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, tendo sido idealizada por um grupo de artistas que pretendia colocar a cultura brasileira a par das correntes de vanguarda do pensamento europeu, ao mesmo tempo que buscava uma tomada de consciência de identidade nacional (NICOLA, 1989, p. 199).

Segundo Nicola (1989, p. 199), “a Semana de Arte Moderna deve ser vista não só como um movimento artístico, mas também como um movimento político e social”. As informações sobre o evento foram divulgadas pelos jornais *Correio Paulistano* e *O Estado de S. Paulo*. Os três dias do evento envolveram música, exposição de pinturas e esculturas e muita poesia.

Os anos posteriores à Proclamação da República foram marcados, como já mencionei, por muitas transformações, e o desejo de uma “europeização” transformou-se numa obsessão das políticas públicas. Tudo passava por mudanças radicais em nome do controle e dos métodos científicos vindos da Europa, principalmente (DEL PRIORE, 2001, p. 272).

Consequentemente, para muitos estudiosos, o período inicial do século foi caracterizado por uma *belle époque*. Porém, esta época, marcada pela importação da ciência europeia como critério definidor da sociedade, estava longe de ser ingênua e nem todas as transformações foram aceitas com tranquilidade. Tanto nas cidades quanto no

meio rural, as intervenções do poder governamental deram origem a importantes levantes coletivos, iniciados desde o período monárquico até aproximadamente 1930, com a eclosão da Revolução de 1930 (DEL PRIORE, 2001, p. 313).

A Revolução de 30, convencionalmente chamada dessa forma, culminou com a derrubada do governo do presidente Washington Luís. Foi o ponto alto de uma série de revoluções e movimentos armados que, entre o período de 1920 a 1964, empenhavam-se em rompimentos políticos e econômicos com a velha ordem social oligárquica. (ROMANELLI, 2000, p. 47)

Dentre os aspectos culturais da 1ª República, a criação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), fundado em 1894, segundo Ferreira (2002, p. 98), demonstrou o surgimento de atividades associativas de caráter cultural. Tal entidade estava integrada ao mundo oficial de São Paulo, pois seus presidentes, sócios fundadores e demais integrantes eram homens de “poder”, dentre eles, Prudente de Moraes, Rui Barbosa, Altino Arantes e Afonso de E. Taunay.

Os sócios-fundadores do IHGSP ocupavam cargos políticos estaduais e federais:

[...] além do próprio Presidente da República, participaram da sua criação o presidente do estado (Bernardino de Campos), os secretários estaduais da Justiça (Rubião Júnior) e da Agricultura (Teodoro Dias de Carvalho), o prefeito de São Paulo (Pedro Vicente de Azevedo), os presidentes do Senado e das Câmaras dos Deputados dos Estado (José Alves Guimarães Júnior e Luís de Toledo Piza Almeida), [...]. Completam a relação: representantes dos jornais mais influentes, à época - Júlio César Ferreira de Mesquita, d’*O Estado de S. Paulo*; José Maria Lisboa, do *Correio Paulistano*; Silva Prado, do *Diário Popular*; professores e diretores da Faculdade de Direito, um representante do clero católico, o cônego José Valois de Castro, mais uma extensa quantidade de pessoas à frente de postos públicos do segundo escalão. (FERREIRA, 2002, p. 99)

Até 1940, o IHGSP somava cerca de 1000 sócios que ingressavam na agremiação paulista, na maioria das vezes, para obter consagração intelectual. Dentre os sócios, apenas 16 eram mulheres, entre elas Júlia Lopes de Almeida, autora de *Contos Infantis* (FERREIRA, 2002, p. 101). Fazer parte desse grupo, ou seja, ser um membro do IHGSP parecia significar, naquele momento, ter apoio para se projetar no meio cultural paulista. Thales Castanho de Andrade foi sócio honorário do IHGSP, segundo Carradore (2004, p. 34).

Segundo Ferreira (2002), as atividades organizadas por esse órgão privilegiavam principalmente os acontecimentos de São Paulo e seus escritores dedicavam-se ao estudo do passado da história brasileira e os perfis biográficos.

O CENÁRIO EDUCACIONAL: estrutura, movimentos, reformas e legislação

Segundo Souza, a existência de casas escolares para a educação de crianças, ou seja, a construção de espaços edificadas para o serviço escolar surge nas décadas finais do século XIX. Antes desse período não existiam espaços próprios com função educativa, a escola pública funcionava na paróquia, em salas abafadas, em cômodos do comércio, e era, muitas vezes, a “extensão da casa do professor” (SOUZA, 1998, p. 122).

O espaço escolar refletia um projeto “com vistas a civilizar e moralizar as crianças”, configurando-se numa distribuição que correspondia a fragmentação, diferenciação e especialização de cada lugar e seu uso pelas pessoas. Assim:

Apesar dos ideais do movimento de renovação que colocavam na ordem do dia a valorização da criança e as especificidades da infância, o modelo de sala de aula para as escolas primárias predominantemente na maioria

dos países, inclusive no Brasil, atendeu ao princípio da racionalidade funcional e a critérios disciplinares. (SOUZA, 1998, p. 139)

Nesse mesmo período, no século XIX, surgiram as mobílias escolares - normalmente carteiras duplas e fixas ao chão - dentre outros móveis e objetos, entre os corpos que reforçavam o distanciamento entre eles mesmos (SOUZA, 1998, p. 141). Os outros espaços que formavam o espaço escolar eram especificados e correspondiam à hierarquização e ao poder existente nesse espaço.

Além do espaço escolar, da mobília e dos materiais escolares, a ordem, a limpeza e a disciplina “eram componentes primordiais para uma boa organização escolar” (SOUZA, 1998, p. 141). Entre os anos de 1894 a 1910 foram instalados 101 grupos escolares no Estado de São Paulo, sendo 24 na capital e 77 no interior. A escola primária paulista, no final do século XIX, era espaço para formar o cidadão republicano e o homem moderno.

Segundo Carvalho (2000), nas cinco primeiras décadas do século XX, “estilos distintos de normatização das práticas escolares buscavam legitimar-se como saber pedagógico de tipo novo, moderno, experimental e científico [...]”. No estado de São Paulo, a partir do final do século XIX, o campo normativo de institucionalização das escolas estruturava-se como pedagogia moderna centrada na arte de ensinar, propondo-se no segredo da imitação de modelos⁵ (CARVALHO, 2000, p. 11).

A partir dos anos 20, segundo Carvalho (2000, p. 114), a pedagogia moderna como arte de ensinar começou a esgotar-se como baliza da prática escolar no estado de São Paulo, e muitos aspectos contribuíram para que desse esgotamento emergisse a Escola Nova.

⁵ Para este assunto ver CARVALHO, Marta Chagas de. Modernidade Pedagógica e Modelos de Formação Docente. *São Paulo em Perspectiva*, p. 111-120, 2000.

A Escola Nova, movimento surgido a partir de experiências desenvolvidas na Europa e nos Estados Unidos, também chegaria ao Brasil e influenciaria, principalmente, as idéias educacionais daquele momento. Nesse sentido, nas últimas décadas do século XIX, em vários países, muitos educadores perceberam problemas referentes às crianças e tentaram resolvê-los por meio de descobertas sobre o desenvolvimento infantil. Dessa forma, na educação, iniciou-se uma modificação para variar os procedimentos de ensino e torná-los diferentes dos que já existiam, ensaiando assim, o que passou a ser denominado de Escola Nova (LOURENÇO FILHO, 1963, p. 15).

Segundo Lourenço Filho⁶ (1963), Escola Nova não diz respeito "a um só tipo de escola, ou sistema didático determinado, mas a todo um conjunto de princípios tendentes a rever as formas tradicionais do ensino" (LOURENÇO FILHO, 1963, p. 17). A era escolanovista no Brasil pode ser demarcada, então, como a era em que essas duas ordens de preocupações estiveram vigentes: inserir o indivíduo no contexto de uma sociedade moderna e, ao mesmo tempo, respeitar as particularidades do ser individual.

A expressão Escola Nova designa, em termos muito gerais, o conjunto de idéias e realizações voltadas para a renovação da mentalidade dos educadores e das práticas pedagógicas. A Escola Nova, conhecida e difundida mundialmente, refere-se ao conjunto de princípios que buscavam rever as formas tradicionais do ensino, com base numa nova compreensão das necessidades da infância e da sociedade em reação à função da escola, para reajustar a educação de modo geral aos novos fins e objetivos da realidade social.

⁶ Lourenço Filho é aqui tomado para compreendermos a visão de Escola Nova do grupo sobre o qual orbitava Thales Castanho de Andrade. Somente os conceitos presentes na obra clássica de Lourenço Filho (neste caso a 8ª edição, de 1963) serão utilizados. O significado do movimento será melhor compreendido através dos textos de Carvalho e Hilsdorf.

As idéias escolanovistas visavam reconstruir uma nação moderna. Para isso, a educação deveria superar os padrões cívico-nacionalistas. Um dos aspectos da Escola Nova se fundamentava numa nova concepção de infância, onde eram reforçadas as idéias escolanovistas. A educação centralizava-se na criança, respeitando-a com suas necessidades, interesses e seu desenvolvimento “natural” (NAGLE, 1976, 249).

O papel do educador na concepção escolanovista era o de fornecedor das condições para que a criança desenvolvesse os aspectos psicológicos, físicos, emocionais e sociais de forma natural. Assim, o educador e a escola de modo geral, agiam sobre o meio em que a criança estava e nunca sobre ela própria.

A metodologia também sofre influências e devia ser escolhida de acordo com as necessidades da criança, incluindo trabalho livre, atividade lúdica, trabalhos manuais, enfim, “a adoção do princípio da educação pela ação e não mais pelo imobilismo: eram algumas das conseqüências da nova concepção” (NAGLE, 1976, p. 249). O conceito de aprendizagem baseia-se nos interesses e nas necessidades da criança e surge a noção de aprender fazendo.

O movimento de renovação educacional prescrevia uma educação voltada para os novos tempos e apresentava-se com idéias científicas, opondo-se aos métodos mecânicos da Pedagogia Tradicional, incorporando conhecimentos de biologia, psicologia e sociologia para compreender as diferenças individuais no processo de aprendizagem.

Segundo Hilsdorf (2003, p. 79), as idéias de Fernando de Azevedo em *A Cultura Brasileira*, editado no final da década de 1930, descrevem a década de 1920 como o período de modernização da escola brasileira, com a introdução da Escola Nova por meio de algumas reformas realizadas no sistema de ensino. Assim,

Para Fernando de Azevedo a presença dos adeptos e divulgadores da Escola Nova nos anos 20 e 30 marca a educação brasileira como um verdadeiro “divisor de águas”, separando a mentalidade tradicional e velha da nova e progressista. (HILSDORF, 2003, p. 79)

Para esta autora:

Todos aqueles que se opunham, ou tinham propostas alternativas, como os trabalhadores, os católicos e os defensores da pedagogia moderna, quer tivessem atuado no período monárquico, quer no da República, quer fossem defensores da educação popular, quer tivessem renovado o ensino técnico, foram enfeixados por ele sob a rubrica de tradicionalistas. (HILSDORF, 2003, p. 79)

Azevedo deixa de fora apenas os americanos e algumas iniciativas dos republicanos paulistas que seriam pessoas envolvidas com iniciativas de caráter renovador: os educadores que tinham fundado no Rio de Janeiro a ABE, em 1924, promotora das Conferências Nacionais de Educação; aqueles que tinham participado do “Inquérito sobre o Ensino” promovido pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1926, realizado por Fernando de Azevedo; aqueles que haviam promovido reformas nos sistemas estaduais de ensino ao longo da década de 1920 e, por fim, aqueles que tinham assinado o manifesto de 1932 declarando-se “liberais abertos à sociedade capitalista-urbano-industrial e às idéias do movimento da Escola Nova que circulava no exterior” (HILSDORF, 2003, p. 79).

Segundo Hilsdorf (2003, p. 80), Nagle, em 1966, retoma cuidadosamente o entendimento do “antes” e “depois” da Escola Nova e explicita que os pioneiros, enquanto especialistas portadores de conhecimentos técnico-científicos, foram um diferencial na história da educação brasileira. Para essa autora, na concepção de Nagle, a escolha pelo modelo da Escola Nova tinha bases técnicas, representando o progresso para a modernidade dos anos 1920, o que é suficiente para reforçar o discurso construído por Fernando de Azevedo.

Para Carvalho (1989 p. 31), tal discurso de Azevedo que está presente nos trabalhos sobre história da educação e que se baseiam nos textos do próprio Azevedo, principalmente em *A Cultura Brasileira*, a aceção do “novo” teria o objetivo de “enfeixar seu significado naquilo que é referido como marcha resoluta para uma política nacional de educação, cujo objetivo principal seria minar o papel dos sistemas educativos estaduais, de conservação e difusão de tipos de ensino tradicionais e das velhas culturas” (CARVALHO, 1989, p. 31). Segundo a mesma autora, a discussão de Azevedo em torno da educação nos anos de 1920 apenas informa alguns pontos ao leitor:

(...) fica apenas sabendo que a laicidade, a coeducação e o chamado “monopólio” estatal no campo educacional fora alguns deles. Além disso, fica informado de que a luta se espraiou no campo específico da pedagogia em torno do ideário da “Escola Nova”. Para além disto, tudo se dissolve. (CARVALHO, 1989, p. 31)

Segundo Carvalho (1989), questões são ignoradas nessa discussão e, outras, elogiadas desnecessariamente. Dessa forma, esse discurso esvazia os embates políticos no movimento educacional, deixando esquecidos e fora da história aspectos relevantes para a educação, em função de uma excessiva demarcação das idéias mostradas por Azevedo. Entre essas idéias ignoradas, estão os saberes produzidos durante a formação dos educadores e nas suas práticas.

Ainda do ponto de vista de Hilsdorf (2003, p. 82), a autora Marta Carvalho estudou minuciosamente documentos da ABE e diverge de Azevedo e Nagle: para Carvalho, a ABE, composta por pioneiros da Escola Nova, na década de 1920, mostrava uma entidade autoritária e não-liberal, reunindo médicos, higienistas e engenheiros de orientação católica, preocupados com a formação das elites; somente no ano de 1932 os pioneiros que assinam o “Manifesto” são considerados liberais renovadores. Para Hilsdorf (2003, p. 84), a ABE tinha uma visão política diferente da que é pregada por Azevedo e

Nagle, de que trazia uma metodologia avançada. Para esta autora, a ABE não representava o novo, mas fazia ecoar o velho.

Além da Escola Nova, outra questão que influenciava as idéias educacionais era o nacionalismo. Na década de 1920, o pensamento de intelectuais brasileiros estava ocupado com reflexões sobre a nação brasileira, discutindo, segundo Oliveira (1990), uma questão central que se sintetizava no combate à imitação que impedia a construção de uma identidade nacional, que baseava-se na definição da identidade de um povo, de seus costumes, língua, etnias, religiões. Para essa autora:

O nacionalismo é uma representação ideológica preocupada em definir os traços específicos de um povo e suas diferenças frente aos demais – a identidade e alteridade. Esta é uma característica presente em todos os nacionalismos. Ou seja, embora o conteúdo do nacionalismo possa se diferenciar de grupo a grupo, de nação a nação, de época a época, esta ideologia procura sempre responder a essas questões. (OLIVEIRA, 1990, p. 189)

Em 7 de setembro de 1916 foi fundada a Liga de Defesa Nacional (LDN), tendo como linha mestra o patriotismo de Olavo Bilac que se centrava no serviço militar obrigatório e na educação cívico-patriótica. Assim, educação e defesa nacional eram o lema principal desse movimento. Outro movimento originado deste foi a Liga Nacionalista de São Paulo (LNSP)⁷, criada em 1917 e fechada em 1924. Da LNSP acrescentavam-se à LDN objetivos de ordem política.

A Liga constituiu-se a volta da sagrada idéia de Pátria, em defesa do sentimento nacional, para dar combate a tudo quanto seja suceptível de o enfraquecer, e para promover e estimular tudo quanto possa vigorá-la. (LEVI-MOREIRA, 1988, p. 49)

⁷Eram integrantes da LNSP: Frederico Vergueiro Steidel, A. F. de Paula Souza, Arnaldo Vieira de Carvalho, Júlio de Mesquita Filho, Amadeu Amaral, Mário Pinto Serva, Nestor Rangel Pestana, José Bento Monteiro Lobato e Plínio Barreto.

Outro movimento político significativo para a época foi o Propaganda Nativista, fundado por Álvaro Bomilcar em 21 de abril de 1919, que, segundo Oliveira (1990, p. 150), “pretendia entre outros pontos despertar a solidariedade entre as nações americanas, defender o mercado de trabalho para os brasileiros e regulamentar a imigração, que deveria ser dirigida apenas para os serviços de lavoura”. Essas idéias eram divulgadas na revista *Gil Blas*, criada em fevereiro de 1919.

Segundo Nagle (1976, p. 233), as preocupações com a nacionalização do ensino foram transformadas em medidas concretas, dentre elas: o fechamento de escolas estrangeiras em Estados do sul do país, em 1917, pelo Governo Federal e em 1920, com a reforma no Estado de São Paulo, alguns artigos da Lei n.º 3.356 propõem condições de funcionamento às escolas particulares, que orientam o sentido nacionalista:

a) Respeitar os feriados nacionais; b) ministrar, ou fazer ministrar o ensino em vernáculo, salvo o de línguas estrangeiras; c) incluir no programa, em número de aulas que o Governo determinar, o ensino de português por professores brasileiros natos, ou portugueses natos e o de Geografia e História do Brasil, por professores brasileiros natos, uns e outros de competência reconhecida, a juízo da Diretoria Geral da Instrução Pública; (NAGLE, 1976, p. 233)

Juntamente com o fenômeno do nacionalismo, também penetrou no pensamento educacional, mas não com tanta intensidade, o fenômeno do ruralismo, que influenciou parcialmente a legislação e as práticas escolares e que se constituía em uma ideologia de desenvolvimento. Tal fenômeno tem suas raízes no final do período monárquico e aparece ao lado de “novas tendências de pensamento” como o positivismo e o industrialismo. Assim,

Como interlocutor dessas tendências permanece o ruralismo, ideologia que colocava a idéia da vida campesina como ambiente ideal para a

formação de homens perfeitos, porque apresentado como “natural”, levando a sociedade ao dever de prestigiar todas as iniciativas de interesse dos cafeicultores. (HILSDORF, 2003, p. 58)

O ruralismo tornou-se mais forte e aparente nas décadas seguintes a 1930. A biografia de Thales aponta a criação de fóruns de discussão sobre o ruralismo. Em particular, sobre a ruralização do ensino. Tal movimento, encampado por educadores como Sud Menucci e o próprio Thales de Andrade, levam à criação de escolas de formação de professores para as escolas rurais, como o caso da Escola Normal Rural Dr Melo Moraes, em Piracicaba, ligada à Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – USP, instituição daquele município. Muitos aspectos do fenômeno do ruralismo e do nacionalismo cruzaram-se, ocorrendo principalmente quando o nacionalismo tratava da exaltação da “terra” e da gente brasileira. Assim, “terra” se traduziu em “produtos da terra” e tornou-se sinônimo de “agricultura”.

É por esse caminho que a ruralização do ensino significou, na década de vinte, a colaboração da escola na tarefa de formar a mentalidade de acordo com as características da ideologia do “Brasil-país-essencialmente-agrícola”, o que importava, também, em operar como instrumento de fixação do homem no campo. (NAGLE, 1976, p. 234)

Alguns livros de leitura, segundo Nagle (1976, p. 235), ao abordar em seu livro, *Educação e Sociedade na 1ª República* a ruralização e a nacionalização do ensino, deixaram transparecer um comprometimento com o ruralismo e o nacionalismo, como o livro *Saudade*, de Thales Castanho de Andrade.

Nos anos de 1920, a intenção de “homogeneizar e disciplinar a população” (CARVALHO, 1989, p. 33) significou trazer para a educação a responsabilidade de transformar o povo em nação. Esta idéia de nacionalismo contaminou, segundo Carvalho

(1989), a produção intelectual do período em destaque neste trabalho, fazendo da educação, em particular das escolas, o campo para a reforma social.

* * *

Para compreender melhor as orientações oficiais sobre a instrução pública no momento da publicação de *Saudade*, faço uma retomada da reforma Sampaio Dória.

O analfabetismo é tema de discursos de políticos e educadores nas primeiras décadas do século XX. Em 1918, Oscar Thompson, diretor geral da Instrução Pública, afirma em seu relatório a necessidade de se enfrentar o problema. Assim, em 1920, a Reforma Sampaio Dória tentará resolver, ou minimizar a questão.

A Reforma do Ensino de 1920, segundo Carvalho (2003, p. 228), foi idealizada nos moldes *spencerianos* de uma educação intelectual, moral e física, incorporando as metas das Ligas Nacionalistas. A grande reforma do Ensino Público Paulista, empreendida por Antonio de Sampaio Dória marcou a história do ensino primário e normal paulista da Primeira República.

Reduziu a escolaridade primária obrigatória de quatro para dois anos, sintetizando-a na seguinte fórmula básica:

1º - instrumento de aquisição científica, como aprender a ler e escrever; 2º - educação inicial dos sentidos, no desenho, no canto e nos jogos; 3º - educação inicial da inteligência no estudo da linguagem, da análise, do cálculo e nos exercícios de logicidade; 4º - educação moral e cívica, no escotismo, adaptado à nossa terra e no conhecimento de tradições e grandezas do Brasil; 5º - educação física inicial, pela ginástica, pelo escotismo e pelos jogos. (CARVALHO, 2003, p. 228)

Tal redução era a principal proposta para solucionar o problema do analfabetismo: com a redução de 4 para 2 anos a escolarização obrigatória ampliava em

100% o número de vagas nas escolas públicas. Além disso, segundo Carvalho (2003, p. 228), Sampaio Dória aliava o ensino intuitivo e os objetivos da Liga Nacionalista de moralização e vigorização da raça, ao sistema de ensino, convencendo a si mesmo de que o único método de ensino adequado era o chamado “método de intuição analítica”, tendo a urgência dos prazos e das metas do programa de ensino de uma escola popular. Para Sampaio Dória, o método consistia em desenvolver a capacidade de conhecer por meio do contato da inteligência com a natureza.

A Reforma de Sampaio Dória, segundo Hilsdorf (1998, p. 97), altera os níveis de ensino existentes na época, propondo uma série de modificações modernas como:

[...] controle e normatização dos procedimentos, com a unificação e centralização das diversas instituições de formação de professores pelo padrão das Escolas Normais Secundárias de formação acentuadamente pedagógica, o reforço da inspeção escolar e a criação da Delegacias Regionais de Ensino; tomada de decisões com base em informes técnicos, do tipo dados do Censo Escolar, adesão a Escola Nova [...] (HILSDORF, 1998, p. 97)

Para implantação desse programa, Sampaio Dória nomeou homens de sua confiança, com os quais mantinha relações ideológicas e pessoais para a organização do ensino. Dentre entre eles, Lourenço Filho, que, segundo Hilsdorf (1998, p. 98), foi transferido da Escola Normal de São Paulo e nomeado professor das cadeiras de Pedagogia e Psicologia e de Prática Pedagógica da Escola Normal de Piracicaba/SP.

Outros piracicabanos foram escolhidos nessa reforma, como Helio Penteado de Castro, Antonio Pinto de Almeida Ferraz, Olívia Bianco, Pedro Crem Filho, Romeu Camargo, Dario Brasil, João Alves de Almeida, Manoel Dias de Almeida, Fabiano Rodrigues Lozano, Joaquim Bueno de Matos, David Muller, Henrique Carneiro Seoane e Thales Castanho de Andrade, este último indicado para a cadeira de História Geral e do Brasil da Escola Normal de Piracicaba. Thales era amigo de Lourenço Filho desde o ano de

1915, quando ambos e Sud Mennuci, Júlio Dorta e Rafael Baena lecionavam no Grupo Escolar de Porto Ferreira/SP.

Sampaio Dória deixou a Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo em abril de 1921, porém, Lourenço Filho continuou ligado a ele, aplicando a orientação pedagógica preconizada na reforma e lecionando na Escola Normal.

A Reforma de 1920, entretanto, não foi colocada totalmente em prática. A impopularidade de algumas medidas, como a redução do ensino primário de 4 para 2 anos, resultou na exoneração de Sampaio Dória. Sucedido por Guilherme Kullmann, que encaminhou uma série de modificações – algumas consideradas retrocessos – a Reforma sofre um golpe. Tendo Washington Luis como Presidente do Estado e candidato “natural” à Presidência da República, medidas impopulares poderiam significar o fracasso da candidatura (NERY, 1999).

* * *

Para entender o momento que o livro *Saudade* foi destinado às escolas primárias brasileiras, faço um recorte cronológico centrado na década de 1910 e início de 1920. Neste período faço referência à legislação que regulamentava o ensino primário, principalmente no ensino de leitura nas escolas paulistas. Aqui, a leitura não é entendida como o ensino da leitura nas primeiras séries com fins de alfabetizar – ensinar a ler – mas como recurso para o ensino da leitura.

O decreto n.º 2.225 assinado por M. J. Albuquerque Lins e Altino Arantes no Palácio do Governo do Estado de São Paulo, em 16 de abril de 1912⁸ manda observar

⁸ Esta norma precede a elaboração de *Saudade*. A posterior será publicada em 1918 quando o livro já está pronto. Não podemos afirmar que entre a elaboração e a publicação – em 1919 – houve alterações em função do decreto de 1918.

algumas decisões sobre o ensino primário e as escolas normais constantes nas Consolidações das Leis, Decretos e Decisões referentes a eles.

Segundo a Consolidações das Leis, Decretos e Decisões referentes ao Ensino Primário e às Escolas Normais do Estado de São Paulo, de 1912, o ensino público e leigo dividia-se em primário, secundário, profissional e superior. Nesse período, no ensino primário, como era nomeado, havia diversas disciplinas que constituíam o curso, e, entre elas, a área de leitura estava inserida. Assim:

Do ensino publico⁹ primario

Artigo 41. O curso preliminar é de 4 annos, excepto nas escolas ambulantes e isoladas e comprehende as seguintes materias:

- Leitura e deducção de principios de grammatica;
- Escripta e calligraphia;

Para a matéria de leitura havia livros adotados pelo governo e destinados à utilização nas escolas:

Artigo 43. Os livros e mais objectos destinados ao ensino primario são os approvados e adoptados com exclusão de quaesquer outros, pelo Secretario do Interior, mediante escolha e indicação do director geral da Instrucção Publica.

Assim, havia, também, legislação para a utilização do material escolar, especialmente aos livros utilizados nas escolas:

Do material, da escripturação, hygiene e disciplina escolar.

Capitulo 1

Do material escolar

Artigo 247. Os livros destinados ao ensino preliminar são os approvados e adoptados pelo Secretario do Interior, por escolha e indicação do

⁹ Nesta, assim como em outras citações no decorrer do texto, quando houver será mantida a ortografia da época

director geral da Instrucção Publica, com exclusão de quaesquer outros.
(Decr. n. 1.239, art. 33)

A legislação continha os aspectos relacionados ao método ou maneira de como ensinar a leitura às crianças, e que deveriam estar contidos nos programas para a leitura nas escolas:

Annexo n. 1

Programa

Das escolas isoladas do Estado de S. Paulo

(Aprovado e mandado observar pelo Decreto n. 2.005, de 13 de Fevereiro de 1911)

Leitura

2º Secção

1. Leitura e interpretação de prosa e verso.
2. Resumo do assumpto lido.
3. Leitura de jornaes, cartas e requerimentos.
4. Leitura, commentada pelo professor, de excerptos escolhidos, proprios a despertarem nos alumnos o gosto e o amor pelo *bello*.

Annexo n. 2

Programa

Das escolas noturnas e cursos noturnos

(Mandado observar pelo dec. n. 1.915, de 18 de Julho de 1910)

Leitura e Linguagem

1. Exercicio
s de leitura elementar com auxilio do quadro-negro, onde as licções
devem ser dadas em typo de letra de impressão e manuscripta.
2. Exercicio
s de leitura nas cartilhas com reconhecimento das sentenças e vocabulos,
lidos no quadro-negro. Os mesmos exercícios no quadro negro com
inversão da ordem dos vocabulos e sentenças nas cartilhas.

Annexo n. 3

Programa

Dos grupos escolares e escolas-modelo

(Aprovado e mandado observar pelo Decreto n. 1.281, de 24 de Abril de 1905)

Segundo Anno

Leitura

Leitura diária, com expressão e naturalidade. Interpretação do trecho lido.

Terceiro Anno

Leitura

Leitura em prosa e verso. Sentido próprio e figurado das palavras. Formar com as palavras estudadas outras sentenças. Explicação oral do trecho lido.

Leitura de manuscritos.

Leitura suplementar.

Quarto Anno

Leitura

Leitura expressiva. Leitura com variedades de expressão. Uso dos synonymos e mudança de estrutura.

Leitura de versos, dialogos e de biographia de brasileiros illustres.

Noções de elocução; uso corrente da voz. Leitura suplementar.

No aspecto da leitura e o uso dos livros para o ensino-aprendizagem, os livros auxiliavam no ensino da leitura, pois proporcionavam alternativas variadas de trabalhar com o texto, assim como os diferentes tipos de textos também estavam presentes nas salas de aula. *Saudade* atende a legislação quando no anexo 1, na 2ª seção pede interpretação de textos em versos e principalmente, porque dentre outros requisitos, o livro confirma na sua história o amor pelo belo e desperta o desejo de encontrá-lo.

Tal legislação estava em vigor quando o livro *Saudade* foi publicado pela primeira vez, em 1919. A Reforma Sampaio Dória parece confirmar a indicação oficial do livro para as escolas paulistas, uma vez que o próprio Dória é quem prefacia o livro.

A HISTÓRIA DA LEITURA E DO LIVRO: ASPECTOS RELEVANTES

Como este trabalho tem por eixo a história do livro, tornou-se importante abordar tal questão ainda neste Primeiro Capítulo. Há, ainda, a preocupação em caracterizar

as relações estabelecidas entre escritores, editores e oficialidades para perceber melhor aspectos da estruturação do campo do livro no Brasil.

A história da leitura nos remete ao livro. Nem sempre o livro impresso pareceu com o que temos hoje: livros de diferentes tamanhos, encadernações, tipos de papel, de cor, de materiais como plástico e tecido, dentre tantos outros aspectos que caracterizam e diferenciam cada livro (CHARTIER (2002). Evidentemente, as diferentes maneiras de entender os materiais impressos são parte da história da leitura e a leitura é parte da vida das pessoas e, caracterizando-se de diferentes maneiras, dependendo da sociedade em que está inserida.

No final do século XVII e durante o século XVIII, nos países europeus, surgiram os primeiros livros para as crianças, porque, antes disso, não existia propriamente uma concepção de infância (ZILBERMAN, 1983, p. 15). Assim, a infância passou a ser percebida como um tempo diferenciado que necessitava de uma formação específica e, uma vez que a criança passa a ser percebida com suas singularidades, surge, no século XVII, a literatura para elas (DAROLT, 2004, p. 46).

No século XIX, a escola passou a ser direito de todas as pessoas e houve a necessidade de ser modificada para absorver o mundo que estava à sua volta, cabendo à pedagogia esse trabalho. A literatura é vista como um meio para a formação das crianças, e “[...] a partir de então buscam-se tipos de livros que agradem aos leitores, consolidando uma “*literatura para*”, feita para um público consumidor específico: a criança” (DAROLT, 2004, p. 53). Segundo Darolt (2004, p. 44), a “Literatura e a Infância sempre andaram juntas ...” e estão envolvidas com a escola, pois, senão o único, é o principal lugar onde a leitura acontece.

Segundo o historiador e escritor Leonardo Arroyo (1968, p. 26-28), a necessidade de leituras destinadas às crianças, sejam elas educativas, didáticas,

informativas ou recreativas, data dos fins do século XVII, - e é, portanto, muito recente - quando, principalmente nos países europeus procurou-se diversificar as tradicionais leituras de livros com histórias de santos e das sagradas escrituras, buscando proporcionar uma leitura adequada à idade e aos interesses intelectuais da infância. No século XIX surgem os contos de fadas e começa a definição dos livros que agradam mais às crianças, confirmando a literatura infantil como parcela significativa da produção literária.

Acrescentando-se às idéias de Arroyo, as pesquisadoras Lajolo e Zilberman (1999) informam que as primeiras obras de literatura infantil européia apareceram na primeira metade do século XVIII, que foi assinalado pela industrialização e pelo surgimento de novas concepções de família, criança e escola. Com isso, surgem livros que deixam transparecer como o adulto quer que as crianças vejam o mundo.

Para Arroyo (1963, p.46), a literatura oral veio para o Brasil com os primeiros marinheiros, pois, na época, saber ler era privilégio de poucos, e o povo, por sua vez, contentava-se com a literatura oral. Destaca-se nesse período, no Brasil, a primeira instituição literária – a dos *akapalôs* negros – exercida por velhas escravas e escravos, como ilustram as personagens velha Totônia, do livro *Estórias da Velha Totônia*, e a mãe Filipa do livro *Água Mãe*, ambos de José Lins do Rêgo. Ainda de acordo com Arroyo (1988), para que se compreenda a literatura infantil no Brasil, deve-se levar em conta a seguinte ordenação esquemática: a literatura oral, a literatura traduzida, a literatura escolar, a imprensa infantil, os precursores e a literatura infantil.”

No Brasil, segundo Lourenço Filho (1943), a primeira obra intencionalmente escrita e editada para a recreação das crianças foi publicada em 14/04/1894, com o título de *Contos da Carochinha*, de Artur de Azevedo, que também serviu para o agrado dos adultos. A partir dessa época, também surgem traduções e adaptações de livros de muitos autores de países estrangeiros para as crianças, com função didática.

Especialmente a partir da proclamação da República, o desenvolvimento da instrução pública, a criação de escolas primárias e de formação de professores e o uso de livros-texto na atividade didática possibilitaram condições para o surgimento de uma “literatura escolar”, constituída de livros traduzidos e/ou produzidos por brasileiros, dedicados à infância. No entanto, para o uso vinculado à escola, com a finalidade de ensinar valores morais e sociais, de forma agradável.

O livro *Contos Infantis* (1886), de Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida, que foi impresso em Lisboa, no ano de 1886, era um livro estrangeiro e destinava-se às escolas primárias brasileiras. Publicado no Brasil pela Editora Francisco Alves (RJ), e, de acordo com informações das autoras, por decisão da *Inspectoria Geral da Instrução Primaria e Secundaria da Capital Federal dos Estados-Unidos do Brasil*, de 14 de abril de 1891, o livro foi escolhido e aprovado para o uso nas escolas primárias de nosso país (STANISLAVSKI, 2003).

Segundo Arroyo (1968), é da “literatura escolar” que se origina a literatura infantil brasileira e esse modo de produzir livros com interesses na formação e solidificação do leitor está presente em nosso país até a década de 1920, verificada no tipo de literatura, como os livros com conteúdo destinados a agradar e seduzir o leitor, com prosa regionalista e a literatura infantil adaptada por escritores brasileiros. A difusão dos livros e da leitura no Brasil ficou ao encargo da escola e do governo:

Ocorre que uma literatura brasileira para crianças e jovens não existirá antes da década de 20. Ela só se iniciará, na verdade com Lobato, conforme atestam referências históricas até hoje disponíveis – e que não são muitas. Até então, o que possuíamos eram “leituras escolares”, de feição nitidamente didática e, ainda assim, segundo Leonardo Arroyo, em número extremamente escasso até o presente século. (PERROTTI, 1986, p. 57)

Ainda segundo Arroyo (1988), a literatura infantil brasileira se consolida como gênero literário com a produção de Monteiro Lobato, a partir de 1920.

A literatura escolar surgiu como reação às traduções de livros vindos de outros países e “caracterizou-se este período por uma farta literatura dedicada à infância, mas comprometida com o sistema pedagógico então vigente, sem o descompromisso da literatura infantil que a caracteriza hoje, no campo da pura ficção” (ARROYO, 1968, p. 24). Deste período é grande a quantidade de livros para crianças abordando temas patrióticos e aventuras, poesias, teatro, contos, todos de autores nacionais, ao mesmo tempo em que as editoras da época começavam a apresentar traduções dos clássicos da literatura infantil.

Muitos dos livros utilizados nas leituras escolares começaram, inclusive, a invadir o campo da ficção. Dentre eles, ficaram alguns livros que se destacaram, como, por exemplo, *Através do Brasil*, de Manuel Bonfim e Olavo Bilac; *Saudade*, de Thales de Andrade, ambos, contudo, com fundamentos na realidade” (ARROYO, 1988, p. 163).

Em 1921, com a publicação de *Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato, tem-se o início da constituição de uma literatura infantil brasileira, de fato. Conforme as idéias de Lajolo e Zilberman (1999), no Brasil, no início do século XX surgem autores nacionais de literatura infantil, a partir da produção de Monteiro Lobato e outros autores, como Viriato Correia e Thales Castanho de Andrade, que, nas décadas de 1930, 1940 e 1950, revelam tendências regionalistas, nacionalistas e rurais, com ênfase na tradição oral e popular, indicando uma integração entre a escola e a literatura.

No contexto da trajetória e constituição de uma literatura infantil brasileira, de acordo com a poeta e educadora Cecília Meireles (1979), os livros para aprender a ler, os livros de diferentes disciplinas escolares, os “livros-texto” e a literatura oral que foi difundida em forma de lendas, histórias orais, fábulas, canções, adivinhações e provérbios

também fazem parte do que denominamos, hoje, de literatura; contudo, a dificuldade está em delimitar o que é a literatura infantil, pois, segundo Meireles (1979, p.19), são as crianças, na verdade, que acabam fazendo essa delimitação, com a sua preferência; “[...] não haveria, pois, uma literatura infantil ‘a priori’, mas ‘a posteriori’ ”.

Concomitante ao processo de industrialização em curso na sociedade, nos anos de 1930, a literatura assume um papel de mercadoria, demandando o aperfeiçoamento das livrarias e a produção de livros, facilitando o crescimento das obras de diferentes autores e iniciando uma relação da escola e da literatura para a habilitação das crianças no consumo de obras impressas (LAJOLO E ZILBERMAN, 1999).

Somente nas décadas de 1940 e 1960, houve um grande crescimento da produção de literatura infantil, devido ao aumento do mercado consumidor e da dinamização da produção e circulação de livros. Após Lobato, outros escritores brasileiros se dedicaram à produção do gênero, mas, segundo estudiosos do tema, como Lajolo e Zilberman (1999, p. 124) e Magnani (1998, p. 248), é somente a partir dos anos de 1970 que se tem, em nosso país, o início de uma produção em massa de livros para crianças e jovens. Segundo esses mesmos autores, é a partir dessa década que há um aumento do número de pesquisas e estudos acadêmicos sobre literatura infantil e juvenil.

CAPÍTULO 2

O TEXTO EM SEU SUPORTE: DO CONTEÚDO À MATERIALIDADE

Este capítulo se estrutura a partir da premissa de Chartier segundo a qual

A questão essencial que deve ser colocada por qualquer história do livro, da edição e da leitura é a do processo pelo qual diferentes autores envolvidos com a publicação dão sentidos aos textos que transmitem, imprimem e lêem. Os textos não existem fora dos suportes materiais de que são veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados (CHARTIER, 2002, p. 61-2)

O capítulo, num primeiro momento, analisará o texto, a história contida no livro, para então, num segundo momento, estudar os aspectos materiais do livro.

SAUDADE: A HISTÓRIA DE UM MENINO NARRADA POR UM JOVEM

Para estudar o texto do livro *Saudade* escolhi para a análise, um exemplar editado em 1920 - a 2ª edição do livro - ao que tudo indica. Este exemplar pertence à Biblioteca Pública Municipal “Ricardo Ferraz de Arruda Pinto”, da cidade de

Piracicaba/SP. A 2ª edição foi escolhida, e não a primeira, porque não foi possível tê-la disponível para manuseá-la e estudá-la.

O livro conta a história de Mário, um moço que escreveu sobre sua própria vida, dando o nome à história de *Saudade*. A narrativa inicia-se com a venda do sítio onde Mário e seus pais moravam e com a mudança para a cidade. Na cidade, a casa era pequena e alugada, sem árvores no quintal, era tudo diferente da vida no sítio: tudo na casa era muito arrumado, as roupas eram alinhadas e o pai de Mário só estava em casa na hora das refeições, pois, como havia planejado, abriu um armazém na esquina e trabalhava lá. A vida na cidade era difícil, tudo precisava ser comprado e pago. Com isso o pai de Mário foi contraindo dívidas e empobrecendo, precisando até mesmo vender alguns móveis da casa. O tempo passava: o pai de Mário, agora, estava desempregado, e Mário e sua mãe ficaram doentes. A vida, com o passar dos dias, começou a melhorar. O pai de Mário arrumou um emprego e ele e sua mãe sararam, mas as despesas da casa eram rigidamente controladas para não caírem novamente em uma situação ruim. Nessa época, numa visita à chácara do amigo da família, o Sr. Ferraz, todos sentiram saudades do sítio, lamentando tê-lo vendido, mas, na cidade, a vida continuava, até que o pai de Mário decidiu comprar outras terras: visitou e olhou alguns lugares e comprou um pequeno sítio novamente. Somente o pai de Mário foi morar lá, voltando para casa somente nos finais de semana e, depois de algum tempo, toda a família visitou o sítio, que, agora, já tinha uma casa, tendo ido morar lá também. Mário foi estudar na escola da vila, e com o passar dos dias, foi conhecendo toda a turma, se acostumando com a vida no sítio, aprendendo, brincando e se divertindo em sua nova casa. Ele foi crescendo, vivendo em meio às ocupações do sítio. Com o passar do tempo, um dia, um amigo da família sugeriu a Mário que estudasse para ser agrônomo e, ao lerem uma notícia sobre a formatura na Escola Superior Luiz de Queiroz em Piracicaba,

Mário decidiu ir estudar lá. Uma semana depois, deixou sua família e seus amigos e foi morar em Piracicaba.

Os personagens que aparecem no livro *Saudade* são:

Mário (personagem principal)	Cármem e Raul – amigos de Mário
Emília – Mãe de Mário	Áurea e Violeta – Primas de Mário
Raimundo – Pai de Mário	Dona Alzira – Professora de Mário
Rosinha – Irmã de Mário	Alexandre e seu filho Gabriel – Vizinhos do sítio
Juvenal – Primo de Mário	Raul, Eugênio, Gabriel, Tissiani, Tonico, Paulino, Firmino, Egídio, Inocêncio, Honório, Nabor, Evaristo – Amigos da escola de Mário
Seu Ferraz – Amigo da Família	Dona Francisca – Amiga da mãe de Mário
Sr. Pontes– Amigo da Família	Pascoal – Camarada do sítio
Sr. Raimundo– Amigo da Família	Bertassa – Dono do armazém perto do sítio
Dr. Gilberto Lopes – Amigo da Família	Giocondo – Entregador de correspondências
Seu Pedro Benedito e Dona Tudinha – Casal de amigos da Família	Zé Feliz – vizinho do sítio
Tia Juventina	João Batista de Oliveira e seu filho Honório – amigos de Mário
Estanislau Pires (Nhô Lau – linguagem caipira da época)– camarada do sítio	

Segundo Giesbrecht (1998, p. 23), neto de Sud Mennucci, Mário, o personagem principal do livro, foi idealizado tendo como inspiração o menino Mário da Silva Oliveira que, na época tinha 10 anos de idade e era filho do casal Daniel e Constança da Silva Oliveira. Estes últimos eram os pais da esposa de Sud Mennucci, Maria da Silva Oliveira, ou seja, Mário era cunhado de Sud. Outros personagens também foram inspirados nos irmãos Olímpia e Urbano, também cunhados de Sud Mennucci.

No decorrer do livro, Mário é o próprio narrador de sua história. É o autor na fala do personagem. Ele descreve sua infância referindo-se a todos com sua própria voz: “é a mamãe”, e não “a mãe de Mário”: “Eu ainda não sabia escrever e minha irmã Rosinha mal contava até cinco, quando papai vendeu a fazenda.” (ANDRADE, 1920, p. 11)

Todo o livro é dividido em episódios que aconteceram na vida do personagem Mário, desde a venda da fazenda de seu pai até sua partida para estudar longe de casa. Não aparecem no livro lições de moral ou de bom comportamento, ou ainda questionários para fins didáticos, como era comum nos livros de leitura daquela época. *Contos Infantis*, mencionado anteriormente, apresentava estes aspectos: eram contos, alguns, acompanhados de pequenas ilustrações, um questionário, que contemplava uma necessidade didática da época e, de acordo com suas autoras, Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira, deveria constar nos livros para o ensino elementar (STANISLAVSKI, 2003, p. 21). Em *Saudade*, a divisão do texto em pequenos episódios indica uma característica particular dos livros de leitura escolar.

Cada episódio tem um título que é uma palavra-chave ou frase retirada do texto que o segue. Por exemplo, no episódio em que o pai de Mário recebe uma carta:

Uma carta?

- Ninguém me procurou? perguntou papai ao entrar em casa.
- Pelas três horas mais ou menos, respondeu mamãe, apareceu aí um menino com uma carta do Sr. Pontes.
- Uma carta do Sr. Pontes? Que quererá ele?
- Não sei, Raimundo; não quis abri-la. Ei-la:
- Papai rasgou o envelope e disse admirado:
- Mas isto não é uma carta! É uma folha de revista! Traz um escrito... Vejamos o que há nele. (ANDRADE, 1920, p. 33)

No quadro a seguir, tem-se a relação dos 75 títulos que dão nome a cada episódio encontrado no livro.

1. Uma história...verdadeira...	26. O nome	51. O Governo
2. Deixamos a fazenda	27. Colheita	52. Na horta
3. Na cidade	28. A casa	53. Zé Feliz
4. Fim de ano	29. Despedidas	54. “Músicos”
5. Economias forçadas	30. A mudança	55. São João
6. Papai empobrecia	31. A escola	56. Meia-noite
7. Todos trabalhavam	32. Matriculados	57. Devaneios
8. Na chácara de seu Ferraz	33. Livros	58. Pomar
9. Os jornais	34. A “Mansinha”	59. Duas histórias
10. O Sr. Pontes	35. Convite	60. Um banho
11. Dr. Gilberto	36. Colegas	61. Medo
12. De trole	37. Dona Alzira	62. Frutas
13. As terras	38. As tardes	63. Iças
14. O acordo	39. As noites	64. Jardim
15. O meu primo Juvenal	40. Tempestade	65. Patriotas
16. Dona Francisca	41. Feriado	66. A “guerra”
17. O “Pelintrá”	42. Nós dois	67. As “pazes”
18. Sábado	43. A roça do Raul	68. O cordão
19. Em serviço	44. Um provérbio	69. Último dia
20. No domingo	45. O pão	70. Regresso
21. Nhô Lau	46. Brinquedos	71. Três anos depois
22. Na farmácia	47. Correspondência	72. Agricultura
23. Um recado	48. Uma revista	73. Uma notícia
24. Rosinha	49. Uma criação	74. Resolução
25. Planos	50. Pescaria	75. A partida

FONTE: ANDRADE, Thales Castanho de. *Saudade*. 2ª ed. Monteiro Lobato: São Paulo, 1920.

No livro, são destacados aspectos que definem o campo como um lugar melhor para se viver, ao contrário da vida na cidade.

De manhã até à noite batiam palmas ao portão ou faziam soar a campainha. Aquilo parecia não ter fim; enjoava a gente. Era o padeiro, o leiteiro, o verdureiro, o peixeiro, o carteiro, o mascate, o cego, o aleijado

e mil outras pessoas que iam oferecer alguma coisa ou pedir, ou visitar mamãe e acompanhá-la nos passeios. (ANDRADE, 1920, p. 15)

E ainda:

Dantes, quando possuía a fazenda, tudo apreciava cair do céu por descuido. Não pagava aluguel de casa, não pagava água, lenha, café, feijão, arroz, batatas, cebola, banha, leite, queijo, manteiga, frangos, ovos, verduras, frutas, flores... (ANDRADE, 1920, p. 17)

O autor descreve a sua saudade de morar no sítio:

Já fazia dois meses que morávamos na cidade e eu ainda tinha saudades do sítio.

A nossa vida ficou muito diferente.
Mamãe obrigava-me a andar bem vestido o dia inteiro. (ANDRADE, 1920, p. 14)

Estes aspectos descritos por Mário durante a história demonstram o crescimento urbano das cidades com a chegada de pessoas que saíam do campo para buscar um trabalho diferenciado e melhor. Mas, o que encontravam, muitas vezes, era o desemprego e a falta de condições para se viver. Na cidade, tudo é comprado: o leite, a carne, as verduras, as frutas, enfim, tornando a vida mais difícil. O desemprego, na época em que o livro foi escrito, já oprimia as famílias nas cidades urbanizadas: “Até parece impossível! Mais de três meses e sem emprego! Papai mexia por toda a parte, falava com toda a gente. Nada!” (ANDRADE, 1920, p. 20)

Como já informei no primeiro capítulo desta dissertação, o crescimento da urbanização das grandes cidades deu-se, principalmente, com a chegada das pessoas que saíam do campo, e também dos imigrantes, que se destacam na década de 1920.

As pessoas que buscavam as cidades por melhores condições de vida eram atraídas pelos encantos de um lugar que tinha mais conforto e infra-estrutura: “A cidade

tem seus encantos: ruas bem arranjadas, igrejas, teatros, mercados, iluminação, automóveis, muita gente e tantas outras coisas boas, [...]” (ANDRADE, 1920, p. 26). Este pensamento estava presente em várias cidades brasileiras, principalmente nas cidades paulistas, que se destacavam no crescimento populacional e econômico. Dentre elas, a cidade de Piracicaba, que encontrava-se no início da década de 1920 em pleno desenvolvimento, como aponta Hilsdorf (1998), e num intenso processo de urbanização, na qual:

[...] as quadras centrais têm água encanada e iluminação elétrica, fornecida por uma empresa particular. A cidade tem telefones – e empregos para moças telefonistas que saibam ler e escrever ... [...]“Jardineiras” partem diariamente para as cidades vizinhas de Rio Claro e Limeira e duas linhas de bondes ligam o centro à Vila Rezende, do outro lado do rio, e à Escola Agrícola, transportando os “agricolões” para as suas aulas. (HILSDORF, 1998, p. 103)

Piracicaba foi a primeira cidade brasileira a ter energia elétrica por meio de uma pequena usina hidrelétrica construída por Luiz de Queiroz no final do século XIX. Foi, ainda, a segunda cidade a ter telefone (NETTO, 2000, p. 50). Tinha, além do que já foi citado, uma agência do Banco Comercial, duas livrarias, a Americana e a Giraldes, a agência Piracicaba Express, onde eram vendidos jornais e revistas de circulação nacional, como *A Cigarra*, *Parafuso*, *Seleta*, *O Malho*, *A Careta*, *Fonfon*, *Paratodos*, *Revista da Semana*. O jornal *O Estado de S. Paulo* era vendido nas ruas. Havia uma papelaria do *Jornal de Piracicaba* onde eram vendidos livros, como, por exemplo, o livro *Como se aprende a língua*, de Sampaio Dória, alguns livros de Thales Castanho de Andrade, inclusive uma edição nova de *A Filha da Floresta*, as “fábulas de Narizinho e do Saci” e outros livros de autores como Mario Sette e Oliveira Lima (HILSDORF, 1998). Segundo esta autora, [...] os leitores piracicabanos podiam aproximar-se – por meio de vários

caminhos – das modernas tentativas de reinterpretação do Brasil. (HILSDORF, 1998, p. 103)

A cidade denominada gentilmente por seus cidadãos de “A Noiva da Colina”, na década de 1920, tinha, também, duas bandas musicais, *União Operária* e *Municipal*, a Orquestra Lozano, três cinemas, uma pequena rede de escolas municipais e as escolas do sistema estadual, a Escola Normal, a Escola Agrícola, a Escola Livre de Odontologia, a Escola Livre de Comércio, a Escola Prática de Contabilidade e escolas particulares. (HILSDORF, 1998, p. 105)

Apesar de todo um crescimento impulsionando, nas cidades, no início do século XX, estavam presentes os problemas de saúde como epidemias de tuberculose, sarampo, cachumba, catapora, coqueluche e as enchentes, que são lembradas pelo autor em *Saudade*.

- E as doenças, seu Ferraz?

- É verdade. Só poeira... só a poeira quantas moléstias não espalha! Basta falar da tuberculose. Depois há sempre as epidemias de gripe, de sarampo, cachumba, catapora, dor d’olhos, coqueluche... Alastram-se espantosamente. (ANDRADE, 1920, p. 27)

O pai de Mário, Raimundo, gostava de ler jornais e incentivava seus filhos a também ler, pedindo que lessem as notícias para ele. Outro exemplo de incentivo de leitura às crianças, que aparece no texto, refere-se ao livro do próprio autor, *A Filha da Floresta*. Certamente também é uma indicação de leitura para o próprio leitor:

Ao meio dia mais ou menos, a tarefa estava terminada. Então, eu e o primo apresentamos os nossos presentes à Rosinha. Juvenal ofereceu-lhe um livro de histórias, chamado: *A Filha da Floresta*, da Biblioteca Infantil. Eu dei-lhe um estojo com agulhas, dedal e uma tesourinha. (ANDRADE, 1920, p. 79)

O autor também menciona o livro de leitura de João Kopke, quando Mário foi estudar na escolinha do sítio. Nela estudavam com o primeiro livro, e escreve:

[...] livro muito meu conhecido e do qual eu tanto gostava. Era nele que havia *A questão*, história da briga de João e Jorge, por causa de um coquinho achado no mato. Havia também a do *Janjão e o relógio*, a de *Noel, o malcriado*, a de *Ana e o gato*... (ANDRADE, 1920, p. 108)

Nesse aspecto, escrevendo sobre seu livro, o autor utiliza o menino-personagem para dar voz aos seus conhecimentos, seu gostos e seu próprio interesse em divulgar outro livro de sua autoria. Quando cita o livro de Kopke, o autor demonstra sua própria cultura na autoridade de um professor recém-formado, tendo ingressado há apenas 7 anos no magistério, indica este escritor - Kopke – nas questões da educação.

Outras revistas são citadas no livro. São revistas que tratavam de assuntos agrícolas, da vida no campo:

- Logo que Giocondo nos entregou a correspondência, pusemo-nos de volta para casa.
- Que é que veio hoje? foi perguntando o Juvenal.
- Hoje? Só jornais e uma revista.
- Uma revista? Decerto é a “Brasileira”.
- Deixe-me ver isso.
- Espere um pouco. Vou arrancar este papel que a enleia.
- “Chácaras e Quintais”! exclamamos a um tempo. (ANDRADE, 1920, p. 160)

Esta revista era publicada mensalmente e tratava dos assuntos como criação de marrecos, crianças cultivadoras, cultura de rosas, como fazer uma horta, porcos de raça, um colmeal, “como fiquei rico criando galinhas” (ANDRADE, 1920, p. 161).

O autor cita outras revistas agrícolas da época: *A Lavoura*, *Revista de Agricultura*, *O Fazendeiro*, *A Fazenda*, *O Criador Paulista*, *O Brasil Agrícola e Vida Rural*.

Como autor que esperava prosperar com seu livro, Thales escrevia sobre a vida no campo, enfatizando em suas histórias a beleza de viver no sítio, cultivar a terra, andar na mata, divertir-se com os amigos na simplicidade das brincadeiras, com roupas também simples, estudar numa escolinha da vila e compartilhar os momentos de alegria e tristeza com os poucos vizinhos. Em contrapartida incentivava a luta dos jovens pelos estudos agrícolas para melhorar as condições do trabalho agrícola e, por consequência, a vida no campo.

- Mais vantagens? Ora, seu Raimundo, por favor, não diga disparates. Pois admite que haja, dentre as carreiras que se acham ao nosso alcance, uma outra que seja mais rendosa, mais honrosa e mais brilhante que a de agricultor? A sua vida, meu amigo, a sua volta à lavoura e o seu próprio sítio “Congonhal” não serão, talvez, a melhor prova em favor do que eu estou dizendo? Fique certo de que na continuação do seu trabalho proveitoso, seguindo o seu exemplo, Mário encontrará a felicidade e a riqueza e se tornará um cidadão útil e estimado. (ANDRADE, 1920, p. 280)

As descrições que Mário faz dos lugares por onde passa, onde vive, por onde busca estudo, descrevem a cidade de Piracicaba. Tais detalhes parecem contribuir para que o leitor – pelo menos o leitor local – identificasse a história como verdadeira.

Na história, Mário vai estudar na Escola Agrícola na cidade de Piracicaba/SP. Esta escola, atualmente, é a Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, da Universidade de São Paulo. Para Mário Pires (1990), “*Saudade* é uma obra de grande importância porque realça o valor da vida saudável no campo e essa bela e romântica profissão do engenheiro agrônomo.”

A Escola Agrícola Prática de Piracicaba surgiu com a realização de um sonho do agrônomo e fazendeiro Luiz Vicente de Souza e Queiroz. Luiz de Queiroz era formado em agronomia na França e herdeiro de uma rica família da nobreza rural de São Paulo. Terminando seus estudos na França, voltou ao Brasil e viu um grande atraso das práticas

agrícolas nacionais e entendeu que seria importante divulgar novas técnicas e práticas à população, criando uma escola. Comprou uma propriedade agrícola de 319 hectares em Piracicaba/SP, no ano de 1891. Com recursos financeiros próprios planejou e construiu a Escola Agrícola Prática de Piracicaba, oficialmente criada por meio do decreto-lei n.º 683A, em 29/12/1900. Somente em 03/06/1901 foi inaugurada a escola Agrícola Prática “Luiz de Queiroz” que, a pedido do Secretário da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo, teve o nome do seu idealizador incluído na instituição, pois falecera antes de ver seu sonho concluído.

A escola passou por diferentes denominações até chegar aos dias atuais com o nome de Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo (ESALQ). Nasceu, em 1900, como a Escola Agrícola Prática de Piracicaba; em 1901, acrescentou-se o nome de seu idealizador. Em 1917 passou a ser denominada apenas de Escola Agrícola Luiz de Queiroz, apesar de ainda tratar-se de uma instituição de caráter prático. No ano de 1931 a escola ganhou *status* de estabelecimento de ensino superior com o nome de Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” e, somente em 1934, foi incorporada à Universidade de São Paulo.

O livro exalta a importância da escola e da profissionalização, num período marcado por altos índices de analfabetismo, denunciado por Oscar Thompson em 1918 cujo combate é a Reforma de 1920.

Thales Castanho de Andrade, piracicabano, estava envolvido com questões agrárias em sua cidade, principalmente porque seu livro *Saudade* enfatizava o bem-estar da vida no campo e o estudo agrícola, em detrimento da vida na cidade, divulgando a Escola Agrícola “Luiz de Queiroz” como exemplo de instituição para estudar agronomia. O livro *Saudade* e seu autor, no ano de 1959, foram homenageados pela ESALQ, por esta ter sido

difundida, por meio do livro, no Brasil. Na edição de 2002, esta homenagem aparece na última página do livro.

Nesse aspecto, *Saudade* mostrava, por meio de sua linguagem, a realidade do país na questão agrícola. Com sua utilização para o ensino, o livro destinado pelo governo às escolas enfatizava e reforçava as idéias de um país agrícola e um desejo de desenvolvimento por meio da agricultura.

Constam no desenvolvimento da história 7 poemas: *Coração*, escrito por Guilherme de Almeida; *Rosas*, de autoria de Luís Pistarini; *Tarde*, de Paulo Setúbal; *Manhã*, escrito por Álvares Azevedo Sobrinho; *A Árvore*, de Ricardo Gonçalves; *Aves*, de Canto e Melo e *A Vida no Campo* do escritor Luís de Camões; e uma narração de Max Duran, com o título “Chacarinha”. Todos os poemas e a narração de Max Duran interagem com os episódios.

O primeiro poema, *Coração*, de Guilherme de Almeida, localiza-se depois da pequena introdução. É o primeiro do livro, e está todo ilustrado. Este poema retrata o sentimento de lembrança da infância, do tempo que já passou na vida dos adultos, da ingenuidade de criança, do mundo de faz de conta, da imaginação, da saudade da meninice.

Lembrança, quanta lembrança
dos tempos que já se vão!
Minha vida de criança,
minha bolha de sabão! (ANDRADE, 1920, p. 11)

Há, também, uma pequena narração que vem logo após o episódio que o pai de Mário recebe uma carta contendo uma página de uma revista. Essa página de revista traz a narração do autor Max Duran, com o título “Chacarinha”, que narra a história de um homem que comprou uma pequena chácara e estava muito feliz depois de morar alguns anos naquele lugar e ter prosperado.

O poema *Rosas*, de Luis Pistarini, está entrelaçado com o decorrer da história. Logo acima dele está escrito que fora recitado na festa de aniversário de Rosinha por sua prima Violeta.

outra que, em duas pétalas graciosas
Num sorriso arcangélico se abria...
E assim, formosa entre as irmãs formosas, (ANDRADE, 1920, p. 80)

O nome indica que o poema foi escolhido justamente por coincidir com o nome da irmã de Mário, Rosinha, e em sua homenagem. O texto trata da beleza da flor que, ao mesmo tempo, faz remeter à beleza da menina, que de tão bela se parece não só com uma rosa, mas com um buquê de rosas “[...] que falava, que andava e que sorria” (ANDRADE, 1920, p. 80).

O próximo poema, *Tarde*, de autoria de Paulo Setúbal, aparece no livro para descrever a beleza do entardecer no sítio e a tristeza do entardecer na cidade: com barulho, poeira, sem a luz natural que vem do céu. A cidade é vista como um lugar agitado e, em consequência, as pessoas que vivem nela também. Esse poema complementa o episódio *As Tardes*, que também enfatiza as belezas naturais do sítio durante o entardecer.

É preciso viver longe da turba humana,
Longe do mundo vão, longe da vida insana,
Para sentir, amar, ouvir essa tristeza,
Que exala, ao pôr do sol, a maga Natureza. (ANDRADE, 1920, p. 131)

O poema *Manhã*, escolhido por Thales de Andrade, demonstra o amanhecer no campo. Descreve a beleza do sol nascente, do azul do céu, do orvalho, do verde das matas, das águas limpas transparentes, da flores, do canto do galo...

E ouve-se, ao longe, em coro, de repente,
O canto dos alígeros tenores
E os galos a cantar festivamente. (ANDRADE, 1920, p. 144)

De autoria de Álvares Azevedo Sobrinho, está complementando o episódio com o título *Nós Dois*, no qual são contadas as aventuras de Mário e seu amigo Juvenal durante o dia até o anoitecer.

O poema *A Árvore*, de Ricardo Gonçalves, demonstra o respeito que se deve ter pelas árvores e sua beleza enquanto morada dos pássaros e das abelhas; suas flores e os perfumes que exalam e sua sombra refrescante.

Ama-a; - toda árvore é sagrada –
 Ama esta esplêndida morada
 De abelhas de ouro e aves gentis!
 Busca entender tanta poesia,
 E faze coro à sinfonia
 Da natureza que a bendiz! (ANDRADE, 1920, p. 202)

Complementa o episódio “Devaneios”, que conta o momento em que Mário e Juvenal armam um balanço numa bela árvore da fazenda.

O penúltimo poema que aparece no livro tem o título *Aves* e é de autoria de Canto e Melo.

Que seria da paz dos caminhos,
 Ao raiar das auroras suaves,
 Se não fosse a tarefa dos ninhos,
 Se não fosse o concerto das aves? (ANDRADE, 1920, p. 231)

Este poema está localizado depois do episódio *Içás*. O episódio descreve os meninos correndo para caçar formigas, porém, os pássaros, mais hábeis, caçavam todas as içás antes de Mário e Juvenal.

O poema *A Vida no Campo*, de Luís de Camões, encerra o livro, descrevendo a beleza de morar no campo. Descreve o sossego, a terra de que provêm os alimentos, a água pura, a criação de ovelhas e outros animais para prover sustento.

Ditoso aquele que alcançou
Poder viver na doce companhia
Das mansas ovelhinhas que criou. (ANDRADE, 1920, p. 296)

Os poemas e a narração contidos no livro são marcos importantes em *Saudade*, indicam uma particularidade do autor ao escolher autores renomados para complementar sua obra. Não foi possível encontrar informações das ligações existentes entre esses autores e Thales de Andrade. Os poemas, em sua maioria, apresentam rimas que indicam musicalidade e descontração presentes no livro.

SAUDADE: O LIVRO EM SUA MATERIALIDADE

No Brasil, segundo Toledo (2001, p. 09), o trabalho “rico em informações” de Laurence Hallewell é pioneiro no estudo sobre editoras e suas produções. Ele articula as diferentes histórias de diferentes editoras que constituíram o desenvolvimento editorial brasileiro.

Segundo Toledo (2001), o mercado editorial no Brasil até a década de 1920 estava focado principalmente nos livros importados e em livros brasileiros impressos fora do país. As poucas editoras que existiam no país dedicavam-se à publicação de livros didáticos, jurídicos e de autores famosos, não existindo uma abundância de livros. No caso paulista, havia uma expansão dos jornais e revistas.

Evidenciava-se, nesse período, o crescimento das tipografias e de impressos que veiculavam a cultura letrada nas diferentes camadas sociais. Os autores que escreviam nesse contexto de uma imprensa “caseira”, segundo Toledo (2001), adaptavam-se às

condições existentes para publicação que, mais tarde, se tornariam grandes expoentes da literatura e da imprensa.

Esse modelo “caseiro” de imprensa vai declinando ainda nos anos de 1920 e, em contrapartida, fortalece o jornalismo empresarial que impõe modelos e monopoliza a produção (TOLEDO, 2001, p. 23). Ainda para Toledo, na década de 1920, o mercado editorial estava sofrendo um deslocamento rumo à produção nacional, iniciando por uma pequena procura do público aos livros nacionais, impulsionado pela industrialização crescente pelo campo das artes presentes nessa década, como já discuti no primeiro capítulo.

Nesse contexto, Lobato, dono da Editora Monteiro Lobato e Cia, apresentava uma estratégia de levar o livro ao leitor, impondo aos leitores que lessem livros brasileiros, apostando na distribuição e propaganda dos livros. Nos anos de 1920, Monteiro Lobato ganhou certa centralidade, relata Toledo (2001), pois, além de se empenhar na transformação da indústria editorial, implementando uma editoração moderna no Brasil, ainda permite que o movimento educacional entre nos programas de edição de suas editoras. Monteiro Lobato era dono da Revista do Brasil, da Editora Monteiro Lobato e Cia, além de ser escritor do Jornal O Estado de S. Paulo. Com isto, tinha uma posição privilegiada e articulava diferentes autores de diferentes regiões do país entre os intelectuais paulistas, transformando-se numa espécie de autoridade na escolha de autores e livros (TOLEDO, 2001).

Para Toledo (2001), havia a estratégia de adequar os livros ao público leitor, enquadrando a publicação na definição de autores e de livros para o perfil do leitor. Ainda para Toledo, as leituras eram feitas por meio das recomendações de autoridades significativas. Nesse aspecto, os livros de leitura escolar adotados pelo governo para as

escolas, atendem ao fato da criança ler livros brasileiros selecionados para a leitura ao invés dos que as Diretorias Gerais da Instrução Pública indicavam para o público infantil.

A Coleção “Encanto e Verdade”, de Thales Castanho de Andrade, que trata somente de temas nacionais, é um exemplo de articulação entre as editoras e a produção de livros que atendam o perfil de leitor, com recomendações oficiais do Estado compartilhando com a escola o que seria adequado aos leitores, neste caso, as crianças (TOLEDO, 2001, p. 34).

Para tanto, para que se estude a literatura infantil é necessário considerar sua relação com a escola e com o Estado. Um dos aspectos para explicar o aparecimento tardio de uma literatura infantil brasileira está focado na ausência de leitores suficientes para exigir uma literatura como tal, pois a contribuição estrangeira de livros para as escolas criou um consumo de livros que não aqueles de língua portuguesa. É a partir do incentivo do Estado, com a compra de livros destinados à escola, que a literatura infantil brasileira se expande.

Casos como este, da intervenção e ajuda editorial do Estado para a destinação dos livros, são evidenciados com a publicação de diversas obras, entre elas *Narizinho Arrebitado*: segundo livro de leitura para uso das escolas primárias, de Monteiro Lobato, em 1921.

José Bento Monteiro Lobato, nome completo do autor, em 1918, comprou a *Revista do Brasil*, da qual era diretor. Seu primeiro livro saiu por esta editora e chamou-se *Urupês*. Foi editor e fundador da Editora Monteiro Lobato & Cia “[...] introduzindo no mercado editorial processos totalmente novos: abre espaço para escritores inéditos; moderniza não só o tratamento gráfico dos livros como também os processos de venda e distribuição comercial. Sucesso absoluto. [...] Em 1921, os lançamentos já passam de 50 títulos. (COELHO, 1995, p. 843)

Nessa onda de sucesso, escreve *A Menina do Narizinho Arrebitado*, destinado ao público infantil, voltando-se para a área da literatura infantil e passa a escrever muitos livros, rendendo todo o sucesso de sua vida.

Monteiro Lobato¹⁰ publica, em 1921, o livro *Narizinho Arrebitado*: segundo livro de leitura para uso nas escolas primárias e, portanto, com preocupação explícita de sua destinação, foi distribuído pelo governo do estado de São Paulo para as escolas primárias. Segundo Edreira (2004, p. 04), *Narizinho Arrebitado* foi escolhido para entrar no mercado escolar por meio da aquisição maciça de exemplares pelo governo de São Paulo. Esta escolha aconteceu quando o governador do estado, na época, visitava as escolas juntamente a Alarico da Silveira, secretário do interior, em 1921. Vendo um exemplar do livro em cada escola, todos estragados pelo uso contínuo, disse que a compra fosse efetivada porque as crianças gostavam muito e liam bastante.

Porém, esta versão não é tão simples e inocente! Para Edreira (2004, p. 15), além de Alarico Silveira ser amigo pessoal de Monteiro Lobato, este, por sua vez, também tinha ligações com o governador Washington Luís. “Para divulgar o livro, o autor distribuiu, gratuitamente, 500 exemplares às escolas públicas de São Paulo (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p. 161 apud EDREIRA, 2004, p. 14)

Para Edreira

aparentemente, Lobato via-se às voltas com o problema da venda dessa edição. Basta lembrar que o autor tinha uma edição de mais de 50 mil

¹⁰ Nasceu em Taubaté/SP, em 1882, e faleceu em São Paulo/SP, em 1948. Durante sua vida estudou Direito, foi promotor público de Areias/SP e fazendeiro, mas essa experiência com a fazenda foi frustrada. Informações extraídas de COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 1995. A cronologia geral da obra de Monteiro Lobato pode ser encontrada nesse dicionário.

livros para escoar pelo mercado. E conseguiu, vendendo mais da metade ao governo de São Paulo. O autor não diz de que forma, isto é, com qual estratégia, mas dificilmente ele arriscaria fazer uma edição tão grande para o período sem garantia de que seria bem-sucedido. Talvez já houvesse algum acerto com o governo do estado. Nenhuma das pesquisas aponta essa questão, que entretanto seria de interessante investigação. É importante ressaltar, também, que a edição foi inteiramente dedicada às escolas. (EDREIRA, 2004, p. 14)

Alarico da Silveira¹¹ iniciou suas atividades de jornalista em 1895, como redator do periódico *Guanumbi*, em Casa Branca/SP e formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1899. Neste ano, passou a advogar em Casa Branca, onde fundou o Grêmio Literário e Recreativo. Foi promotor das cidades paulistas de Caconde e Ituberava. Em 1905, transferiu-se para São Paulo, trabalhando no *Correio Paulistano*. Durante o governo Hermes da Fonseca (1910- 1914), chefiou o Gabinete de Censura à Imprensa no ano de 1914. Em 1920, assumiu a Secretaria do Interior de São Paulo e, em 1926, após a posse de Washington Luís na Presidência da República, foi nomeado Secretário da Presidência da República.

Monteiro Lobato, para muitos estudiosos, marcou a consolidação da literatura infantil brasileira e passou a ser um marco na reação contra a leitura escolar, como já foi dito anteriormente. Porém, esta idéia é contrariada quando se sabe que seus livros eram utilizados na leitura escolar e que, portanto, escreveu para esta finalidade. Era editor, pois era proprietário da Editora Monteiro Lobato e publicava livros para as escolas, inclusive *Saudade*, lembrando que da 3ª à 13ª edições foram publicadas por essa editora. Além de ser editor e escritor, dentre outras afinidades, era tradutor, ou seja, introduzia no Brasil os livros de outros países.

¹¹ Alarico da Silveira nasceu em São Paulo em 11/01/1875 e Faleceu no Rio de Janeiro/RJ em março de 1943. Informações extraídas de ABREU, Alzira Alves de [et al.]. *Dicionário Histórico e Biográfico Brasileiro: pós 1930*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, CPDOC, 2001.)

Em *Saudade*, como um exemplo, nota-se, por meio das tiragens dos livros, entre os livros de uso escolar, aqueles autorizados e com prescrição do governo, que apresentam uma grande quantidade no número de exemplares e edições.

Outra estratégia utilizada por Lobato, apontada por Toledo (2001), foi a de lançar, na década de 1920, livros no mercado escolar, disputando com outras editoras como a Francisco Alves. Segundo Toledo (2001) os livros publicados pela Editora Monteiro Lobato, inclusive *Saudade* da 3ª e da 13ª edição, organizavam-se em decorrência do que era prescrito pelas escolas como leitura adequada às diferentes faixas etárias, possibilitando um movimento de expansão editorial da Lobato e Cia, mediado pela escola.

Numa entrevista de Lobato, citada por Edreira (2004, p. 15), o autor declara que as edições escolares são melhores em termos de “negócio lucrativo” do que outros tipos de editorações, e todos os editores que começam com outro tipo de edição logo partem para a literatura didática. No catálogo de 1925 da Editora Monteiro Lobato e Cia, observa-se que os livros de Lobato são classificados como livros de literatura infantil e *Saudade* como livro de literatura didática. Apenas um livro de Lobato é classificado como literatura didática, como será visto no final deste capítulo.

Saudade (1919) foi um livro que, em sua época, foi utilizado na atividade didática escolar e possibilitou uma leitura do cotidiano e da situação da vida das pessoas daquela época, contrariando outros livros que traziam situações diferentes e que não condiziam com a realidade da população. Segundo a Companhia Editora Nacional, o livro fez parte da Coleção Infantil e também foi indicado como leitura didática escolar.

A Companhia Editora Nacional é uma das mais importantes editoras do país, pelo seu porte de produção, fundo editorial que adquiriu e fez publicar. Foi responsável por editar coleções de livros como “Biblioteca Pedagógica Brasileira”, publicada entre 1931 e 1960, por autores de renome como Fernando Azevedo e Anísio Teixeira, e também por

traduções de obras do francês, inglês, russo, entre outras línguas, desde sua fundação em 1925.

Esta editora surgiu depois da falência da Editora Monteiro Lobato e Cia em 1925, recomeçando com os fundos editoriais da antiga editora, dando continuidade aos padrões de edição estabelecidos por ela. A Companhia Editora Nacional, desde seu primeiro ano, produziu livros escolares, de literatura e poesia, diversificando a partir desse mercado consumidor, outros tipos de obras, porém, transformou-se na maior editora do Brasil por meio dos livros escolares.

Segundo Toledo (2004), seu “arquivo morto” é precário, não há uma organização de conteúdos, datas e procedência, dificultando a pesquisa na documentação, na qual estão guardados documentos importantes para a história dos livros no Brasil, sendo que já foram encontrados pela equipe organizadora do arquivo documentos referentes aos contratos de direitos autorais de Fernando de Azevedo, Almeida Jr., Thales de Andrade, entre outros importantes autores.

Também já foram encontrados originais de diversas obras literárias, livros didáticos de grande sucesso e circulação publicados pela Editora, que

permitiriam acompanhar o desenvolvimento e história do livro didático no Estado de São Paulo.

Segundo a Companhia Editora Nacional, constam em seus registros apenas informações a partir da 13ª edição do livro *Saudade*, publicado no ano de 1928. A 1ª edição foi publicada em 1919 e a 2ª em 1920, da 3ª à 12ª edições não foi possível encontrar o ano das publicações.

No quadro a seguir está a relação das edições do livro *Saudade* a partir da 13ª edição. Em destaque a coluna central que informa o ano das edições, e se houve mais de uma edição no mesmo ano:

EDIÇÃO	ANO	TIRAGEM
13ª	1928	10.000
14ª		10.000
15ª	1930	5.000
16ª	1931	5.000
17ª	1932	5.000
18ª		5.000
19ª	-	-
20ª	1933	10.000
21ª	-	-
22ª	1935	10.118
23ª		10.118
25ª		-
24ª		15.000
26ª		15.000

27ª	1936	14.993
28ª		-
29ª		14.993
30ª	-	-
31ª	1938	8.075
32ª		8.075
33ª	1939	10.110
34ª		10.110
35ª	1941	10.000
36ª		10.000
37ª	1944	10.001
38ª		10.001
39ª	1945	10.045
EDIÇÃO	ANO	TIRAGEM
40ª	1948	10.110
41ª		10.110

42 ^a	1949	8.072
43 ^a		10.150
44 ^a		10.150
45 ^a	1952	10.011
46 ^a		10.011
47 ^a		5.027
48 ^a	1954	10.000
49 ^a		10.000
50 ^a	1956	10.064
51 ^a		10.064
52 ^a	1958	15.207
53 ^a		15.207
54 ^a		15.207
55 ^a	1962	5.002
56 ^a	1966	5.047
57 ^a	1967	10.051
58 ^a		10.051
59 ^a		11.187
60 ^a	1969	10.066
61 ^a		10.250
62 ^a	1971	5.000
63 ^a	1974	6.002
64 ^a	1977	19.125
65 ^a	1982	7.491
66 ^a	2002	-

FONTE: Companhia Editora Nacional

Ficha editorial

Em preparo No Coife DEPARTAMENTO EDITORIAL
 .. tradução .. Prelo DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL Edição 1936 N.º 1447/236
 SÃO PAULO 1.º expl. Entregue em 30/11/1936

Serie Escolar Primario THALES DE ANDRADE Vol. _____
 Original N.º _____ Rec. em _____ e 29a
 Titulo da obra: S A U D A D E Edição 27a, 28a
 Autor: Thales de Andrade End.: _____ Numerada? nao
 Direitos: ---- Portador: Propriedade da C.E.N. Contr. Lavr. _____
 Original pertencente a _____ Aprov. por _____
 E' tradução Titulo original: _____ e/ pgs. _____
 Traductor: _____ End.: _____
 Autorização dada em: _____ Aprov. _____ Cr. ou Pgt. _____
 Revisão: _____ Ortographia velha Provas e: n/ revisores
 Capa: _____ Ilustrações texto: _____
 Desenhos: (18.000) Pgt. _____
 Tiragem: 15.000 expls. Formato: 60 x 100 Vol. 208 pgs. Acab.: Cart.
 Papel: Ant. 70/32 Preço de venda - Vol. br.: 4\$ Epoca prov. sahida: DEZ-1936
 Originaes com as officinas da S. PAULO EDITORA LIMITADA Entregue em: 5/9/1936

Ficha do movimento das edições

Movimento de Edições						
Obra <u>SAUDADE</u>						
Autor <u>Thales de Andrade</u>						
Serie <u>"Escolar"</u> Volume N.º <u>1573</u>						
Data	Edição	N. Ordem	N. Anno	Tiragem	TYPOGRAPHIA	PREÇO TYPOGRAPHIA
5/2/27	13a	30	3	10.000		
14a	108	33	33	10.000		
Janº 950	15a	248	8	5.000		
Marcº 931	16a	447	12	5.000		
Janº 932	27a	549	20	5.000		
Janº 932	18a	550	21	5.000		
Fevº 933	20a	683	21	10.000		
Janº 935	22,23	1.013	10	10.118	S. Paulo Editora	
Dezº 935	24,26	1.203	205	15.000	" " "	
				-vire-		

(Fonte: Companhia Editora Nacional)

A partir da pesquisa realizada na Companhia Editora Nacional, pude constatar mudanças na cor e no desenho de algumas edições. A ilustração da capa do livro *Saudade*

mudou algumas vezes. Nas edições que estavam disponíveis na editora, da 13ª à 23ª edição, a ilustração é a mesma, mudando apenas a cor da capa que alterna entre o verde e o marrom. É uma capa de cor lisa: na parte superior tem o nome da série, do autor, do livro em letras grandes, a edição e ano.

Segundo o *Jornal de Piracicaba*, em um artigo de dezembro de 1919, ano da publicação da 1ª edição de *Saudade*, as ilustrações desta edição eram de Alipio Dutra, João Dutra e João Pfahl. Por meio das fichas de impressão de algumas edições sabe-se que da 23ª à 26ª edição do livro, os desenhos eram de Nino Borges. Não pude identificar o autor das ilustrações das outras edições de *Saudade* e nem a partir de que edição o livro adquiriu a ilustração da capa atual. A capa a que me refiro é da 66ª edição do livro, editada em 2002, ilustrada por J. G. Villin. Na parte superior da capa está o nome do livro com as letras em cor vermelha; logo abaixo o nome do autor na cor preta; em seguida o nome da editora com letras na cor branca. A capa é toda colorida, com uma paisagem da natureza e a figura de um rapaz sentado num morro embaixo de uma árvore, observando uma vaca no pasto, que ocupa totalmente a página, não havendo espaços em branco ou bordas. Nas edições encontradas no acervo da editora, a 42ª edição apresenta esta capa.

Outro aspecto que teve mudanças no decorrer das edições do livro foi o número de páginas. A 27ª e 28ª edições tinham 208 páginas, a 33ª e a 34ª, 200 páginas, nas 35ª e 36ª, houve um retorno para 208 páginas; a partir da 37ª, a quantidade de páginas foi diminuindo; e da 43ª edição em diante, permaneceu com 176 páginas. Essa mudança no número de páginas ocorreu principalmente devido ao aumento ou diminuição do tamanho da letra, do espaçamento entre as linhas. Algumas páginas não tiveram o seu verso utilizado. Estas mudanças indicam que a editora adaptava seus livros para o seu público leitor. O quadro a seguir destaca algumas informações editoriais sobre o livro *Saudade*, entre a 22ª e a 64ª edições: (FONTE: Companhia Editora Nacional)

EDIÇÃO	ANO	SÉRIE	Formato	Tipo de papel
22 ^a	1935	Série Livros Escolares	74x100	-
23 ^a	1935	-	-	-
24 ^a	1935	Série Thales de Andrade	80x110	-
25 ^a	1935	Série Thales de Andrade	80x110	-
26 ^a	1935	Série Thales de Andrade	80x110	-
27 ^a	1936	Série Escolar Primário	80x110	Asset. 3 ^a
28 ^a	1936	Série Escolar Primário	80x110	Asset. 3 ^a
29 ^a	1936	Série Escolar Primário	80x110	-
30 ^a	-	-	-	-
31 ^a	1938	Série Escolar Primário	80x110	Asset. 3 ^a
32 ^a	1938	Série Escolar Primário	80x110	Asset. 3 ^a
33 ^a	1939	Série Escolar Primário	80x110	Asset. 3 ^a
34 ^a	1939	Série Escolar Primário	80x110	Asset. 3 ^a
35 ^a	1941	Série Didático Primário	80x110	Buffon 3 ^a
36 ^a	1941	Série Didático Primário	80x110	Buffon 3 ^a
37 ^a	1944	Série Livros Primários	80x110	Buffon 3 ^a
38 ^a	1944	Série Livros Primários	80x110	Buffon 3 ^a
39 ^a	1945	Série Livros Primários	80x110	Buffon Ipiranga
40 ^a	1948	Série Livros Primários	80x110	Buffon 3 ^a
41 ^a	1948	Série Livros Primários	80x110	Buffon 3 ^a
42 ^a	1949	Série Livros Infantis	-	Buffon 3 ^a
43 ^a	1949	Série Livros Primários	80x110	Buffon 3 ^a
44 ^a	1949	Série Livros Primários	80x110	Buffon 3 ^a
45 ^a	1952	Série Livros Primários	80x110	Asset. 3 ^a
46 ^a	1952	Série Livros Primários	80x110	Asset. 3 ^a
47 ^a	1952	Série Livros Infantis	66x96	Buffon 1 ^a
48 ^a	1954	Série Livros Infantis	88x128	Buffon 3 ^a
49 ^a	1954	Série Livros Infantis	88x128	Buffon 3 ^a
50 ^a	1956	Série Livros Infantis	88x128	Buffon 2 ^a
51 ^a	1956	Série Livros Infantis	88x128	Buffon 2 ^a
52 ^a	1958	Série Livros Primários	88x128	Buffon 1 ^a e 2 ^a
53 ^a	1958	Série Livros Primários	88x128	Buffon 1 ^a e 2 ^a
54 ^a	1958	Série Livros Primários	88x128	Buffon 1 ^a e 2 ^a
55 ^a	1962	Série Literatura Infantil	88x128	Buffon 1 ^a
56 ^a	1966	Série Infantis	88x128	Buffon 1 ^a
57 ^a	1967	Série Infantis	88x128	Buffon 1 ^a
58 ^a	1967	Série Infantis	88x128	Buffon 1 ^a
59 ^a	1967	Série Literatura Infantil	88x128	Offset 1 ^a
60 ^a	1969	Série Infantis	88x128	Buffon 1 ^a
61 ^a	1969	Série Literatura Infantil	88x128	Offset 1 ^a
62 ^a	1971	Série Infantis	88x128	Offset 1 ^a
63 ^a	1974	Série Infantis	88x128	Offset 1 ^a
64 ^a	1977	Série Infanto Juvenil	88x128	Offset 2 ^a
65 ^a	1982	-	-	-
66 ^a	2002	-	-	-

Nas fichas editoriais das edições descritas no quadro acima, o formato do livro mantém-se do mesmo tamanho da 24ª edição à 46ª e da 48ª à 64ª edição, com exceção da 25ª edição, que aparece com um formato bem menor que todas as outras, talvez na tentativa de facilitar o manuseio do livro e fazendo parecer um livro “de bolso”.

Até a 54ª edição, do ano de 1958, a editora classifica *Saudade* em diferentes nomes de coleções: Livros Primários, Livros Infantis, Didático Primário, Escolar Primário, Livros Escolares, porém, mantém a mesma idéia de que se trata de um livro para ser utilizado nas escolas primárias. A partir da 55ª edição, do ano de 1962, a classificação do livro muda, passando para a série Literatura Infantil, e voltando nas próximas edições com a série Infantis. Pode ser notado que a partir de 1962 o livro está se tornando um livro de literatura infantil e deixando, ao poucos de circular somente no espaço escolar. Na edição de 1977, a 64ª edição torna-se parte integrante da série Infante Juvenil, excluindo a obra, de fato, do mundo escolar.

Analisando os Catálogos de Livros Escolares da Companhia Editora Nacional dos anos de 1932, 1933, 1934, 1935, 1936 e 1937, pude perceber que em todos os anos *Saudade* era indicado como livro escolar para o ensino da leitura do curso preliminar.

No Catálogo de 1932 a 1936, a propaganda de *Saudade* era igual, ou seja, o texto em todos os anos era o mesmo: enfatizava a linguagem simples e acessível do livro, e o desenrolar da história, que é considerada uma narrativa que se desenrola naturalmente. Outros livros como *Ler Brincando*, *Espelho*, *Trabalho* e *Vida na Roça*, do autor Thales Castanho de Andrade, também estão nesse catálogo.

Em 1937, o Catálogo de Livros Escolares da Companhia Editora Nacional indica *Saudade* para o ensino da leitura da 3ª e 4ª séries do curso primário. Não há comentários sobre o livro como nos anos anteriores, apenas é apresentada uma listagem dos livros, para que série eram indicados, o autor e o preço. O livro está listado entre outros livros, inclusive com os livros de Monteiro Lobato, autor com grande referência em livros infantis.

A diferença entre os catálogos está em 1932, no final do Catálogo Geral da Companhia Editora Nacional. Neste ano, há um artigo sobre os livros de Thales Castanho de Andrade. Na primeira página do artigo é destacada a seguinte frase de Motta Filho: “A Alemanha tinha os irmãos Grimm, a França, Perrault. Nós temos Thales de Andrade. Nada mais e nada menos.” Para este autor, Thales é considerado o melhor autor dessa época, comparado com os grandes nomes da literatura infantil estrangeira.

Nesse mesmo catálogo os livros de Thales Castanho de Andrade faziam parte da Série Thales de Andrade e eram todos aprovados pela Diretoria Geral da Instrução Pública dos estados de São Paulo, Paraná, Ceará, Rio Grande do Norte e outros estados não citados no catálogo. Faziam parte desta coleção: *Ler Brincando*, *Espelho*, *Trabalho*, *Saudade*, *Sonhos* e *As Rocinhas de Raul* – que estavam no prelo – e um último livro sem título, com a observação de que estava em preparo.

Conforme o “Catálogo Geral da Companhia Graphico – Editora Monteiro Lobato”, do ano de 1925, aparecem com a classificação de livro de literatura infantil os livros *A Menina do Narizinho Arrebitado*, *Narizinho Arrebitado*, *O Sacy*, *O Marquez de Rabicó*, *A Caçada da Onça*, *Jeca Tatuzinho*, *Fábulas de Narizinho* e *Fábulas*, todos do autor Monteiro Lobato, proprietário da editora. O livro *Saudade*, como já informei, publicado por esta editora desde a 3ª edição, aparece classificado nesse mesmo catálogo como livro didático, indicado para leitura do 2º ano do Curso Preliminar e 1º ano do Curso

Médio. Há ainda a informação de que se trata da 8ª edição de *Saudade*. Também aparece classificado como livro didático o livro *Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato, sendo, assim, ora livro de literatura infantil, ora livro didático.

CAPÍTULO 3

ESTRATÉGIAS DE LEITURA DE SAUDADE: A CRÍTICA LITERÁRIA, O AUTOR E SUAS RELAÇÕES NO MEIO EDUCACIONAL

Este capítulo procura evidenciar as estratégias envidadas para a circulação do livro em suas várias etapas: desde a primeira edição até a publicação pela Companhia Editora Nacional. Tais estratégias, para além da qualidade da produção de Thales de Andrade, podem ter contribuído com o sucesso da obra. Igualmente, busca na biografia do autor elementos para a compreensão do momento de produção e da circulação do livro, passando pelas relações pessoais e profissionais ao longo de sua carreira.

Saudade (1919), segundo Arroyo (1988), nasceu como um pequeno artigo com o título de “Instrução e Agricultura”, publicado em 1911, no Jornal *O Monitor*, da Escola Complementar de Piracicaba. Essa informação não foi confirmada porque durante a pesquisa não foi encontrado o jornal. Entretanto, segundo a placa colocada na casa da cidade de Porto Ferreira, o livro foi escrito em 1918. Partindo dessas duas informações, o livro nasceu do artigo como sugestão e prévia idéia do autor, que, mais tarde, renasceu como o livro.

Teve sua primeira edição impressa em Piracicaba no ano de 1919, feita pelo Governo do Estado de São Paulo por meio da Secretaria da Agricultura, totalizando 15 mil exemplares. A segunda edição foi feita alguns meses depois pelo Jornal de Piracicaba, totalizando uma tiragem de 20 mil exemplares e, da terceira à 13ª, os livros saíram com a chancela da Gráfica Editora Monteiro Lobato, depois, sob a égide da Companhia Editora Nacional (ARROYO, 1988, p. 191). A segunda edição, apontada por Arroyo, é outra informação não confirmada: não se sabe se realmente é a segunda edição ou apenas uma reimpressão da primeira. Essa dúvida surge pela ausência da informação naquela que seria a 2ª edição. No entanto, a partir do momento em que o livro começa a ser publicado pela Monteiro Lobato e Cia, a primeira é a 3ª edição.

Na página a seguir segue a foto do autor:

THALES CASTANHO DE ANDRADE

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba/ SP

As informações sobre a vida profissional e pessoal do autor de *Saudade*, Thales Castanho de Andrade, são importantes para entender em que condições o livro foi escrito e publicado e quais influências sofreu durante sua publicação e divulgação.

Thales Castanho de Andrade¹² estudou no curso denominado, na época, de pré-primário, no Kindergarten do Colégio Americano, hoje Colégio Piracicabano, e fez o curso Primário no Primeiro Grupo Escolar “Barão de Rio Branco” de Piracicaba, e no Grupo Moraes Barros, hoje Escola Estadual Barão do Rio Branco e Escola Estadual Moraes Barros. Fez o curso normal na antiga Escola Complementar, posteriormente chamada Escola Normal Primária de Piracicaba e, atualmente, Escola Estadual Sud Mennucci.

Residiu nas cidades do estado de São Paulo de Rio das Pedras, Capivari, Piracicaba, São Paulo e em Porto Ferreira, pois nessa última cidade há uma placa na casa onde ele escreveu o livro *Saudade*.

Iniciou¹³ sua carreira no Magistério em Jaú, em 1912, estado de São Paulo, na Escola Rural de Banharão, posteriormente chamada de Escola da Saudade e que hoje está abandonada. Foi professor do Grupo Escolar de Porto Ferreira e do Grupo Escolar Modelo, anexo à Normal Oficial de Piracicaba, lecionando as disciplinas de História da Civilização e do Brasil e, mais tarde, foi diretor dessa escola. Lecionou, também, História da América,

¹² Neste trabalho optei por escrever o primeiro nome do autor da seguinte forma: “THALES”, exceto nas citações onde preservarei o texto do autor da referência. O “H” é preservado conforme a ortografia da época, considerando que na escola, em Piracicaba, que leva o nome do autor, a grafia é com H, bem como na 1ª edição de *Saudade*. Thales Castanho de Andrade nasceu em Piracicaba, Estado de São Paulo, no dia 15 de agosto de 1890. Era filho de um industrial dono de fábrica de bebidas, José Miguel de Andrade e de Castorina Castanho de Andrade. Seus avós paternos eram Antônio Pinto de Andrade, natural de Itaquiri, Rio Claro, Estado de São Paulo, e Luisa Maria Andrade, natural de São Pedro, Estado de São Paulo, e os avós maternos eram Augusto César de Arruda Castanho e Theodora Marins Bonilha, naturais de Capivari, estado de São Paulo. No dia 2 de outubro de 1977, domingo, às 12 horas e 15 minutos, em sua residência na cidade de São Paulo/SP, morreu Thales Castanho de Andrade aos 87 anos de idade. Seu corpo foi levado para a Biblioteca Municipal Mário de Andrade por ordem do Governador do Estado para ser velado, sendo sepultado em Piracicaba.

¹³ Quando rapaz, trabalhou como tipógrafo na *Gazeta de Piracicaba* e também aprendeu com o pai a fabricar licores, refrigerantes, vinagres, enlatados, doces e caramelos. Obteve carta de habilitação para dirigir carro de tração animal por meio de um exame realizado em praça pública. Assim, foi vendedor de bebidas na cidade, ercorrendo de trem e a cavalo as cidades paulistas de Capivari, Rio das Pedras, São Pedro, Torrinha e Santa Bárbara. Foi industrial de fábrica de bebidas e inventor do refrigerante com o nome Cotubáina.

História Geral, Direito Geral, Pedagogia, Psicologia e Prática de Ensino. Foi inspetor e assistente técnico de ensino rural, nomeado no ano de 1943, diretor geral do Departamento de Educação do Estado de São Paulo¹⁴ – nomeado em 16 de setembro de 1947 – aposentando-se com mais de 47 anos de serviços prestados ao estado de São Paulo. Também lecionou Filosofia, História da Civilização e do Brasil no Colégio Piracicabano e na Escola de Comércio Cristóvão Colombo, que eram escolas de ensino privado.

Estas informações sobre a carreira de professor do autor demonstram que ela foi intensa, culminando com o cargo de Diretor Geral do Departamento de Educação do Estado de São Paulo. Thales, além de professor, esteve envolvido com questões políticas. Colaborou com os jornais *Gazeta de Piracicaba*, *Jornal de Piracicaba*, *Folha Ferreirense* e *Diário Carioca*, e com as revistas *Vida Moderna*, *Revista da Educação* da Escola Normal de Piracicaba e *A Cigarra*. No ano da publicação de *Saudade*, 1919, Thales recebeu muitos elogios do *Jornal de Piracicaba*, segundo o artigo com o título *Saudade*, de 27 de dezembro de 1919.

Thales Castanho de Andrade foi vereador da Câmara de Piracicaba entre os anos de 1920-1922 e o seu primeiro Projeto de Lei propunha a criação de um parque infantil, o que causou espanto e risos entre os seus colegas vereadores. Em 1932 foi integrante do M.M.D.C.¹⁵ como voluntário, e serviu no Batalhão dos Professores, durante o Período da Revolução Constitucionalista de 1932 (CARRADORE, 2004, p. 33), participando, também, do Partido Republicano Paulista e, depois, do Partido Constitucionalista. Pertenceu à Academia Piracicabana de Letras, União Brasileira de Escritores e foi sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. No auge

¹⁴ Thales Castanho de Andrade foi nomeado Diretor Geral do Departamento de Educação pelo Governador Dr. Adhemar Pereira de Barros.

da publicação de *Saudade*, Thales era vereador, ou seja, esta envolvido em questões políticas na cidade e, conseqüentemente, no país, além de participar do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, discutido no capítulo 1, possibilitando relacionar-se com pessoas importantes.

Participante da vida rural de sua época, foi iniciador dos clubes de horticultura com o apoio da Sociedade Amigos de Alberto Tôrres, participando, também, do 1º Congresso Normalista de Ensino Rural realizado em Campinas. Foi fundador da instituição nacional dos Clubes Agrícolas Escolares e promotor da primeira Festa do Milho, da Uva, do Pêssego e do Vinho. Até o momento não foi possível localizar as cidades onde aconteceram esses eventos. Fica evidente a intensa participação de Thales e sua aproximação com as questões da vida rural.

Thales Castanho de Andrade foi criador do Método Brasileiro da Alfabetização pela Imagem – a figura ensina, destacado por meio da cartilha *Ler Brincando*. Enquanto foi Secretário da Educação do Estado de São Paulo, criou cursos de Alfabetização de Adultos.

Thales Castanho de Andrade¹⁵ ingressou no Magistério em 08/02/1912 e aposentou-se em 07/03/1955. Foram 8 anos no Ensino Primário nas seguintes escolas: Grupo Escolar Modelo de Piracicaba, Grupo Escolar Porto Ferreira e Escola Isolada de Banharão em Jaú. Foram 23 anos lecionando no Ensino Secundário e Normal; 4 anos e meio como Assistente Técnico do Ensino Rural; 7 anos e meio como Diretor Geral do Departamento de Educação. Trabalhou durante 43 anos, sendo considerados alguns anos como prêmios para completar o tempo de sua aposentadoria.

¹⁵ O M.M.D.C. é uma sigla que significava as iniciais dos nomes dos estudantes paulistas mortos em confronto com forças legais - Miragaia, Martins, Dráusio e Camargo - na Revolução Constitucionalista de 1932, ocorrida em São Paulo, que durou 3 meses.

¹⁶ Thales Castanho de Andrade (CARRADORE, 2004, p. 33) destacou-se na educação e participou de entidades de classe, esportivas e culturais. Foi presidente do XV de Novembro de Piracicaba, clube desportivo que abrigou equipes esportivas como o time de futebol local "XV de Piracicaba", foi presidente do Centro do Professorado Piracicabano, do Grêmio Normalista de Bola ao Cesto. Participou ativamente nos Congressos Normalistas de Educação Rural em Campinas, Piracicaba e Casa Branca, cidades do estado de São Paulo.

Segundo Carradore¹⁷ (2004, p. 13), Thales Castanho de Andrade foi um “[...] notável educador, pioneiro e expoente da literatura infanto-juvenil brasileira, sendo a educação e a literatura marcos na vida do autor. Foi reconhecido e premiado como educador, literato, folclorista, sociólogo e pioneiro na luta ecológica em defesa da natureza. Atualmente, existe uma escola de Ensino Fundamental em Piracicaba que recebeu o nome do autor.

SAUDADE: OS VÁRIOS OLHARES SOBRE O LIVRO

Na literatura e na imprensa há vários comentários acerca do livro *Saudade*. Cada um dos autores olha *Saudade* de um determinado ângulo. A partir desses olhares analisarei a repercussão do livro no meio acadêmico e literário, bem como no meio educacional. De imediato destaco não encontrar crítica contrária ao livro ou que o desabone.

Dentre outras obras, segundo Lajolo e Zilberman (1999, p. 30), *Saudade* estava disponível para a leitura da infância brasileira, em particular das crianças que freqüentavam a escola. O livro *Saudade* (1919) de Thales de Andrade, é considerado, por Leonardo Arroyo (1988, p. 65), um livro clássico:

Desse prolífico período da literatura escolar, enquanto reação brasileira às traduções e originais portugueses, e que cobriu vários anos no panorama cultural brasileiro e dentro do qual todo professor se sentiu na obrigação de fazer pelo menos um livro – ao final de tanto papel gasto, de tantas edições, de tanto esforço, restaram apenas dois livros superiores: *Através do Brasil*, de Manuel Bonfim e Olavo Bilac, *Saudade*, de Thales de Andrade. (ARROYO, 1988, p. 187)

¹⁷ As informações extraídas de Carradore (2004) são priorizadas devido à constatação de que conferem com as fontes primárias. Foram utilizadas como fontes devido a falta das fontes primárias que numa primeira visita ao IHGP foram consultadas e não mais encontradas nas visitas posteriores. Segundo informações do responsável teria havido uma reorganização dos arquivos e, dessa forma, os documentos poderiam estar arquivados em outras pastas, não encontradas.

Os livros escritos nesse período eram para uso didático e estavam sobrecarregados de idéias nacionalistas, as quais muitas vezes não condiziam com os verdadeiros sentimentos que as pessoas tinham por sua pátria (ARROYO, 1988, p. 188). Nesse sentido, *Saudade* mostrava os sentimentos existentes entre as pessoas que viviam em uma época na qual o país era essencialmente agrícola. Durante o início do século XX até a década de 1930, o Brasil era um país com grandes índices de pessoas trabalhando na atividade agrícola, como já discuti no capítulo 1. Assim, para Arroyo:

Esta obra de Tales [sic] de Andrade, na verdade, em que pesem suas excelentes qualidades literárias, inaugurava, na área escolar, um esforço concentrado, aplaudido pelo Governo, de retorno ao campo, à mentalidade de país essencialmente agrícola [...] (ARROYO, 1988, p. 188)

Um dos aspectos que diferenciava *Saudade* de outros livros era a linguagem que Thales de Andrade utilizava, sendo vista como “a língua que todas as crianças deste país falam, que do Norte a Sul todos nós falamos [...]” (ARROYO, 1988, p.188), ou seja, o livro mostra, por meio de sua linguagem, a realidade do país na época em que foi escrito, de maneira reveladora, destacando o espaço e as características ainda agrícolas que havia na população. No livro de Thales Castanho de Andrade, via Monteiro Lobato a coragem de contrariar os “moldes estabelecidos e aborrecidos”, somada à sua originalidade e audácia “pela língua em que está vazado” (ARROYO, 1988, p. 188).

Além do livro *Saudade*, outros livros apareciam com as mesmas características, dentre eles: *Sombras que vivem*, escrito por João de Toledo, *Coração Brasileiro*, de Faria Neto, *Campos e Arrebóis* escrito por Túlio Espíndola de Castro e *As Férias no Pontal*, de Rodolfo von Ihering.

Leonardo Arroyo (1988, p. 189) aponta críticas feitas por Monteiro Lobato ao livro *Saudade* (1919), de Thales de Andrade: “ ‘é um livro para a infância das escolas que cai em nossos meios pedagógicos com o fulgor e o estrondo de um raio’ ” e por Sud Mennucci, que o consagrou como “ padrão da nossa literatura didática”. Assim, *Saudade* (1919), escrito por Thales de Andrade, é considerado um dos três grandes livros da literatura escolar brasileira, entre outros dois: *Através do Brasil*, escrito por Manuel Bonfim e Olavo Bilac, e *Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato.

Para Nagle:

Saudade é um romance para crianças. (...) É história de uma família que abandonou a vida da fazenda pela da cidade e que, reconhecendo as vantagens daquela em face dos prejuízos desta, retorna ao campo e prospera admiravelmente. Tem, pois, intuítos mais elevados que o simples ensino da leitura. Incute, na criança, o amor pelo cultivo da terra, de que tanto carecemos. (NAGLE, 1976, p. 360)

No livro *Uma História Verdadeira* (2004), de Hugo Pedro Carradore, uma obra memorialística, são encontrados vários depoimentos que o autor reuniu sobre Thales e sua obra, porém, sem mencionar, muitas vezes, a data desses depoimentos. As críticas selecionadas a partir do livro de Carradore marcam *Saudade* como um trabalho sério, merecedor de respeito, devido ao conteúdo da história, na qual o autor enfatiza o amor ao solo.

Saudade não é apenas um bom, um ótimo, um excelente livro. Cabem-lhe adjetivos mais fortes, como admirável e extraordinário. Ainda assim são louvores inexpressivos. O verdadeiro elogio a que faz jus é este: *Saudade* fica sendo de agora em diante, indiscutivelmente, o padrão da nossa literatura didática. (SUD MENNUCCI apud CARRADORE, 2004, p. 51)

Entre uma das críticas, segundo Affonso D’ E Taunay, - citado anteriormente como membro do IHGSP , o livro ensina o que o país precisa saber.

Livro são, singelo e natural, advogando mais salutar causa, ensinando o amor ao solo, merece *Saudade* ser lido como um desses breviários da honestidade e do critério, que tanto precisamos. (AFFONSO D' E TAUNNAY apud CARRADORE, 2004, p. 50)

Para Lima Barreto, dentre outros aspectos, a poesia contida em *Saudade* torna-se uma marca importante para o livro, o faz diferente e especial.

No formoso *Saudade* eu só vi a excelência, a poesia e a transcendência da meiguice, da honestidade e da amizade. Foi por isso que o livro do Sr. Thales encheu-me de prazer e me fez recordar os meus inocentes anos de menino. (LIMA BARRETO apud CARRADORE, 2004, p. 50)

E completa Lourenço Filho: que a linguagem utilizada no livro é aquela falada pelos brasileiros, ou seja, rompe com os padrões de uma linguagem trazida de Portugal, presente em muitos outros livros.

Acima de tudo porque *Saudade* é escrito nessa bela língua, que se esfolha, se enfolha e começa a frutear, em tão potentes manifestações de graça e de sonoridade – o idioma nacional. (LOURENÇO FILHO apud CARRADORE, 2004, p. 51)

A crítica feita por meio do *Jornal de Piracicaba*, de um autor desconhecido, enfatiza que Thales, apesar de ser professor, não seguiu os padrões ao escrever um livro de leitura com características comuns em outros livros, deixando, assim, a história de *Saudade* mais interessante e menos convencional. Os padrões a que se refere o autor podem ser percebidos pela falta de questionários e de lições de moral nos episódios. Para este crítico, a história de *Saudade* é tão real que confunde-se com uma autobiografia do autor. *Saudade* é tão brasileiro que até o título é uma palavra genuinamente brasileira.

Até então, os livros de leitura destinados à escola primária seguiam uma chapa estereotipada, em que a atitude do autor, colocado na sua posição de professor, era a de transmitir conhecimentos, contar histórias de velhas estampas francesas, coroadas indefectivelmente por severas lições de moral. A leitura se tornava enfadonha, desinteressante e sem alvo certo, porque o material usado era frio e convencional. Aquelas páginas estavam distantes da vida dos escolares, do ambiente de suas cidadezinhas, das horas palpitantes de seus lares. Faltava o quid [sic] que inflama a imaginação infantil, e incorpora à sua própria vida interior os afazeres da escola. Faltava fermento emocional, faltava o flagrante real, faltava a linguagem simples e humana da terra e da gente brasileira. *Saudade* veio revolucionar a técnica de conversar com as crianças do Brasil. Escrito com o coração, quase como autobiografia, trazendo às páginas fatos idos e vividos, justifica-se plenamente o símile que já aventou com a imortal obra paralela da literatura infantil peninsular – o *Cuore*. Brasileiro até o título, no livro de Thales de Andrade sulcou caminhos novos de nossa literatura escolar. E é esse, justamente o seu valor. O de precursor, o de desbravador de novos horizontes para novas técnicas de ensino e de educação. (*JORNAL DE PIRACICABA* apud CARRADORE, 2004, p. 53)

No estado de São Paulo, o livro *Saudade*, uma obra didática para o ensino da leitura, estava comprometido com o processo de ruralização de ensino, pois por meio de sua história, mostrava os benefícios de como a vida no campo pode ser melhor do que a vida na cidade.

Thales Castanho de Andrade esteve ligado com as questões que envolviam a vida rural e agrícola. Assim, quando foi professor de uma escola rural, pôde ter mais contato, contribuindo com observações e elementos para o surgimento do seu livro *Saudade*. Segundo Arroyo (1988), em um depoimento, Thales Castanho de Andrade conta que *Saudade* (1919) foi escrito em quarenta manhãs.

Monteiro Lobato escreveu um artigo com o título *Saudade* no jornal *O Estado de S. Paulo*, transcrito para o *Jornal de Piracicaba* no dia 24 de fevereiro de 1920. Neste artigo, o autor tratava do livro *Saudade*, de Thales Castanho de Andrade. Inicialmente, é descrita, resumidamente, a história contida no livro. Logo em seguida, Monteiro Lobato elogia Thales por sua autenticidade ao escrever um livro com uma história vivida por muitas crianças, num ambiente habitual, diferente dos livros com histórias “inventadas”.

Para Lobato, Thales de Andrade escreveu como o adulto que é, mas com “espírito” de criança, e ressalta que o ideal seria que crianças escrevessem para crianças, mas, como isso não é possível, o elogia pela linguagem do livro *Saudade*, uma linguagem ideal e ao alcance das crianças, comparando-o ao livro italiano *Il Cuore*, De Amicis e *Robon Crusoe*, da Inglaterra

Para Monteiro Lobato (1920), o livro *Saudade* foge dos padrões da literatura didática no país que traziam muitas idéias nacionalistas que não condiziam com a verdadeira face do país.

As crianças empanturram-se alli de verborrhéa nacionalistica, falsa e mentirosa sempre, adquirindo, não raro, engulho por uma pátria que as sécca tão impiedosamente. Eis porque nos surprehende o livro do sr. Thales, tão fora dos moldes estabelecidos e aborrecidos. É original, pela sinceridade ingênua das confidencias; é novo, pela fórmula e disposição adotada; é encantador, pelo estylo em que está vazado; é audacioso pela língua em que foi escrito. (LOBATO, 1920)

Para Lobato (1920), o estilo referido no livro *Saudade* é novo, diferente dos livros utilizados para leitura escolar e audacioso pela língua, pois representa uma reação do brasileiro contra o português, tal qual a opinião de Lourenço Filho. *Saudade* mostra a linguagem regional e rompe, segundo Monteiro Lobato (1920), com as palavras escritas entre aspas, que indicavam uma certa timidez em empregar o brasileirismo. Para ele, indica um rompimento tímido e natural com a língua e a escrita vinda de Portugal, para transformar-se numa língua verdadeiramente pátria. A metade do encantamento das crianças pelo livro está na linguagem de *Saudade*, pois elas falam e entendem essa realidade.

Para Monteiro Lobato (1920), o livro *Saudade*, publicado em dezembro de 1919, é um presente para as crianças brasileiras, e sugere que o artigo que acaba de

escrever parasse ali, porque não haveria espaço suficiente para escrever tudo o que o livro significa de bom para a literatura.

Posteriormente, e apostando na boa fórmula do livro, a Monteiro Lobato e Cia lança a 3ª edição de *Saudade* e continua a publicá-lo até seu fechamento enquanto editora. Isto supõe que Lobato apresenta uma crítica literária que exalta o livro para abrir um campo no mercado editorial, uma vez que assumirá a publicação deste.

Outros artigos escritos no *Jornal de Piracicaba* no ano de 1920, entre os meses de fevereiro e abril, alguns com autoria, outros desconhecidos, ressaltam a importância do livro *Saudade* para a leitura nas escolas, sua afinidade com o estilo brasileiro e o tom patriótico. Estas críticas constituem-se em estratégias para vender o livro editado pelo próprio *Jornal*. Lourenço Filho escreveu no dia 02 de março de 1920, para o *Jornal de Piracicaba*, n.º 7.345, o artigo que ressalta a importância de tratar nas escolas de assuntos através dos livros que condiziam com a realidade do país, referindo-se ao *Saudade*.

No dia 27 de dezembro de 1919 foi escrito um artigo no *Jornal de Piracicaba*, sem autoria, anunciando a publicação do livro *Saudade* de Thales Castanho de Andrade, por meio do Governo Estadual. E já na primeira edição foi adotado pelas escolas rurais e preliminares.

Segundo o artigo, não é somente um livro de leitura escolar, mas de adultos, e indica ainda a leitura do episódio *O Cordão* para que se saiba o valor do livro.

É uma série de pequenas, simples e interessantes narrativas, todas ligadas pelo fio comum de um mesmo assumpto – a vida rural – apresentando o todo as características de despretencioso e bello romance.

No livro *Rodapés*¹⁸, de Sud Mennucci, encontra-se um pequeno artigo sobre o livro *Saudade*, de Thales de Andrade, que trata de uma breve análise do livro. Para Sud Mennucci, leitor do livro, a história lida nas escolas revela o amor à vida no campo, contrapondo-se à tendência acentuada no país de mostrar excessivamente o urbanismo.

Mennucci chama o livro de “um encantador romance”, traz desenhos dos personagens com linhas fortes e expressivas dando vida a eles e tornando-os humanos; os episódios, segundo ele, entrelaçam-se naturalmente e muitos deles são modelos para a vida das pessoas e, do ponto de vista do método, são uma escala que gradua-se lentamente até o final.

Para Sud:

Mais que todos esses requisitos, para mim, o valor impagável do livro de Thales de Andrade esta em haver reabilitado a gente da roça. Foi, e é até hoje, veso [sic] nacional deprimir, nos compêndios escolares, os nossos caipiras e habitantes das fazendas.

Em *Saudade* o roceiro esta reabilitado: é um homem como nós. Ou antes, um homem melhor que nós: com menos vícios, pulmões mais longos e músculos mais rijos. (MENNUCCI, 1927, p. 119)

Tal visão contrapõe-se com a do livro *Jeca Tatu*, caracterizado por Monteiro Lobato. Afirma ainda que, para *Saudade*, não há elogios que o cubram: é bom, ótimo, um excelente livro, e ainda completa que é admirável e extraordinário, enfatizando que representa o padrão da literatura didática no país.

¹⁸ *Rodapés* era o título de uma coluna do jornal *O Estado de S. Paulo* assinada por Sud Mennucci. O livro *Rodapés* (1927) resulta do apanhado dessas colunas.

OUTROS OLHARES SOBRE O CONJUNTO DA OBRA DE THALES DE ANDRADE

Para o amigo de Thales, o piracicabano Hugo Carradore (2004), o escritor Thales Castanho de Andrade centrava seus trabalhos em três faces, tornando-as os motivos centrais de sua obra: a terra, a criança e a educação. A terra, um de seus motivos, está presente no decorrer do seu livro *Itaí, O Menino da Selva*. Thales nunca desligou, nos seus livros, o homem da terra, dos seus usos, dos seus costumes... Por exemplo, o livro *A Filha da Floresta* traz idéias contra a derrubada das árvores (CARRADORE, 2004, p. 24).

Segundo Carradore (2004, p. 25), a criança era o segundo motivo do escritor, porque havia uma afinidade emocional com crianças, que são personagens constantes em seus trabalhos, como por exemplo, o personagem Mário, do livro *Saudade* e Itaí do livro *Itaí, o Menino das Selvas*.

Ainda para Carradore, Thales de Andrade escreveu *Saudade*, que conta a história de seu tempo de criança. O livro *Campo e Cidade*, também de Thales, conta a história de sua vida na juventude. Porém, essas informações contidas no livro de Carradore não podem ser comprovadas, visto que não há evidências sobre a vida pessoal e profissional de Thales que confirmem esta versão. Pode haver passagens nos livros citados que demonstrem algumas fases da meninice e juventude de Thales, porém, o que será visto no decorrer da análise do livro não remete à vida do autor.

CAMPO E CIDADE de Thales Castanho de Andrade



Fonte: Museu Histórico e Pedagógico “Prudente de Moraes” – Piracicaba/SP

A educação é outro aspecto presente na obra de Thales Castanho de Andrade. Em muitos de seus livros são assinaladas idéias de amor a Deus, à Pátria, à natureza, à família e ao próximo, ensinando, ao mesmo tempo que educa (CARRADORE, 2004, p. 26).

A grande preocupação de Thales foi de usar a obra literária como meio de ligação entre a criança, o universo que a cerca. Para ele, o meio mais eficaz para trazer a tona um estado de consciência verdadeiramente ajustado na formação da personalidade. Seus livros possuem o valor do didatismo que inspirava virtudes, advogando os sentimentos de brasilidade, abrindo a cancela do coração para a natureza e oferecendo pão de alfabetização. (CARRADORE, 2004, p. 47 e p. 48)

Thales Castanho de Andrade é considerado um dos primeiros ecólogos brasileiros e, segundo Carradore (2004, p. 14), na Academia Paulista de Letras, na sessão em homenagem ao autor, em 13 de outubro de 1977, foi levantada uma dúvida: seria ele ou Monteiro Lobato o pioneiro da literatura infantil no Brasil? Essa dúvida pairou sobre os acadêmicos: o primeiro livro de Thales Castanho de Andrade, *A Filha da Floresta*, foi publicado em 1919, ou seja, três anos antes da publicação de *Narizinho Arrebitado* (1921) por Monteiro Lobato. Nesse momento, pode ser lançada a questão de que, além do livro *A Filha da Floresta*, Thales publicou *Saudade*, em 1919, e era, também, anterior ao livro de Lobato. Essa questão pode ser repensada na medida em que o livro *Saudade* foi escrito e utilizado na leitura escolar e só mais tarde tornou-se livro de literatura infantil.

A Associação Amigos de Thales Castanho de Andrade¹⁹ relançou, em 1999, o livro *El Rei Dom Sapo*; em 2001, o livro *O Fim do Mundo* e, em 18 de setembro de 2003, mais uma edição do livro *A Filha da Floresta*.

¹⁹ A Associação Amigos de Thales Castanho de Andrade, foi fundada em 14 de setembro de 1999, primeiramente sob a presidência da professora Benedita Ivete Brandine Negreiros e, mais recentemente, do professor Moacir Nazareno Monteiro.

Segundo Carradore, os livros de Thales Castanho de Andrade referiam-se à interpretação da realidade brasileira, pois tratava de assuntos do campo, do folclore e da história nacional, sendo marcados pela intencionalidade ecológica/ regionalista. Lembro aqui que Thales era professor de História do Brasil na Escola Normal de Piracicaba.

Segundo Arroyo (1988), Thales de Andrade, com *Saudade*, marcou e delimitou a fase da literatura escolar, especialmente porque seu livro promoveu uma nova visão de como escrever literatura infantil, enfatizando a vida rural do país.

Em 1922, os alunos de Thales Castanho de Andrade escreveram, sob sua orientação, um livro de contos sobre a História da Pátria, com o título *Histórias e História*, que foi editado somente em 1929.

Em 42 anos, Thales Castanho de Andrade foi autor de aproximadamente 40 livros destinados, em sua maioria, ao público infantil e juvenil²⁰. Seu primeiro livro publicado foi *A Filha da Floresta*, em 1919, pelo *Jornal de Piracicaba*: um livro para estimular nas crianças o amor pela vida campestre, pelas árvores, pelas fontes, pelas florestas, enfim, pela natureza” (CARRADORE, 2004, p. 14). Com essa publicação, o escritor inicia seu trabalho com a literatura infantil brasileira, sendo que seu último livro foi *Cafezal Assim, Sim!*, em agosto de 1961. Sua obra compreende 15 volumes de Educação Cívica, 12 volumes de Educação Rural, Série Encanto e Verdade, 8 volumes da Série Escolar (Alfabetização e Leitura Escolar), 2 volumes da Série Irmãos Amigos (Romance Juvenil), 3 volumes na Educação Popular e Série Café.

²⁰ Os livros de Thales Castanho de Andrade inspiraram músicas como a *Marcha Thales de Andrade*, do compositor Benedito Leite, *Hino Rumo ao Campo*, do maestro Fabiano Lozano, *Coração* do maestro Vicente Aricó, *Sombra Bendita*, do maestro Piragien, *Cantiga Serrana*, de Erotides de Campos, a valsa *A Filha da Floresta*, de Benedito Dutra Teixeira, a valsa *Saudade*, de Waldemar Castellar de Barros, *Sobre as Ondas do Piracicaba*, do maestro Belencase e a *Festa do Trigo*, do Prof. Faustino de Oliveira. E também poesias: *Rumo ao Campo*, de Elias de Mello Ayres; *Boa Noite Thales*, de Carlos Mauro Algodoal; o soneto *Saudade*, de Júlio Soares Diehl; *Queremos Encanto e Verdade*, de Manuel Rodrigues Lourenço; *Escolinha Rural*, de Zenaide Pitta; *Ao Mestre*, de Virginia Del Nero; *Elogio à Floresta*, de Dulce Carneiro; *Saudação*, de Corrêa Júnior; *Gente de Casa*, de Moacyr Campos; *Traços*, do Prof. Quissak; *Escola Rural*, de Túlio de Castro; e *Saudade*, de Antonio Salvador Sobrinho.

Os livros escritos por Thales Castanho de Andrade abordavam assuntos sobre a natureza, datas comemorativas e fatos importantes que aconteceram no país. Há dois livros que tratam de campanhas nacionais.

A partir dos assuntos abordados nos livros, é evidente a ligação e preocupação do autor com o meio ambiente e sua conservação, a agricultura e os aspectos envolvidos, os indígenas, órfãos, riquezas do Brasil, flora e fauna, cristianismo, paz na escola e nos povos, formas de governo, datas importantes e comemorativas no Brasil.

O autor escreveu seis livros sobre um menino chamado Itai e os vários lugares em que esteve, como na selva, na cidade maravilhosa (entre os cariocas), no Palácio do Catete, no Palácio da Alvorada e entre as estrelas. Desses livros, somente um foi publicado, e os outros ficaram em fase de conclusão.

Pude constatar, até o momento, que existem poucos trabalhos acadêmicos sobre o autor Thales Castanho de Andrade. O primeiro encontrado sobre o autor é um trabalho de iniciação científica, de autoria de Cristina C. Gonçalves, com o título *Thales Castanho de Andrade: um educador em defesa do ruralismo*. Foi elaborado durante o curso de Pedagogia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Araraquara, no ano de 1990, sob a orientação da Dra. Maria Lucia Spedo Hilsdorf.

Existem duas pesquisas de Mestrado em andamento sobre Thales Castanho de Andrade. Uma pesquisa está sendo feita pelo aluno Fernando Luiz Alexandre, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Dra. Maria Lucia Spedo Hilsdorf. Outra pesquisa de Mestrado é do aluno André Dela Vale, da Universidade Metodista de Piracicaba, que está centralizada na idéia de comparação entre o campo e a cidade como temas principais de *Saudade* e *Campo e Cidade*, livros de Thales Castanho de Andrade. Sua pesquisa foi apresentada em uma comunicação, com o título

Thales de Andrade – O Campo e a Cidade, durante o III Congresso Brasileiro de História da Educação, realizado em Curitiba/PR no ano de 2004.

Todos os trabalhos mencionados acima não estão diretamente relacionados, de alguma forma, à análise do livro *Saudade*.

Outro trabalho de natureza pessoal é o livro *Thales de Andrade: Uma História Verdadeira*, escrito por Hugo Carradore, autor piracicabano e amigo de Thales. Este livro pretendeu retratar a vida do autor e sua obra de maneira descritiva e pessoal. Foi publicado pela editora Degaspari de Piracicaba no ano de 2004.

A proposta deste capítulo é analisar os aspectos materiais da 2ª e 17ª edições do livro *Saudade*, bem como informações sobre as demais edições. A análise dos aspectos materiais descritos a seguir referem-se à capa, contra-capas, paginação, sumário, tipo de letra e de figuras, que contemplam, juntamente com o conteúdo, uma parte fundamental para compreender o livro *Saudade* como um todo. Neste contexto serão abordados aspectos referentes à editoração do livro e as relações entre o autor, outros autores e a cidade de Piracicaba – palco da publicação da 1ª edição de *Saudade*.

Para Toledo (2001), esta análise possibilita entender como as editoras transformam e compõem um livro para atender e “tocar” um público específico, e ordenar uma circulação para determinando lugar, que, nesse caso, é para as escolas brasileiras da década de 1920. A análise material de *Saudade* e suas transformações no período de 1918 a 1932 atende ao que foi indicado na introdução deste trabalho e que Chartier propõe como “protocolos de leitura”.

Para estudar os aspectos materiais do livro *Saudade* escolhi para esta análise um exemplar pertencente à Biblioteca Pública Municipal “Ricardo Ferraz de Arruda Pinto”, da cidade de Piracicaba/SP, editado em 1920, ou seja, a 2ª edição do livro, e a 17ª edição, pertencente à Companhia Editora Nacional, publicada em 1932.

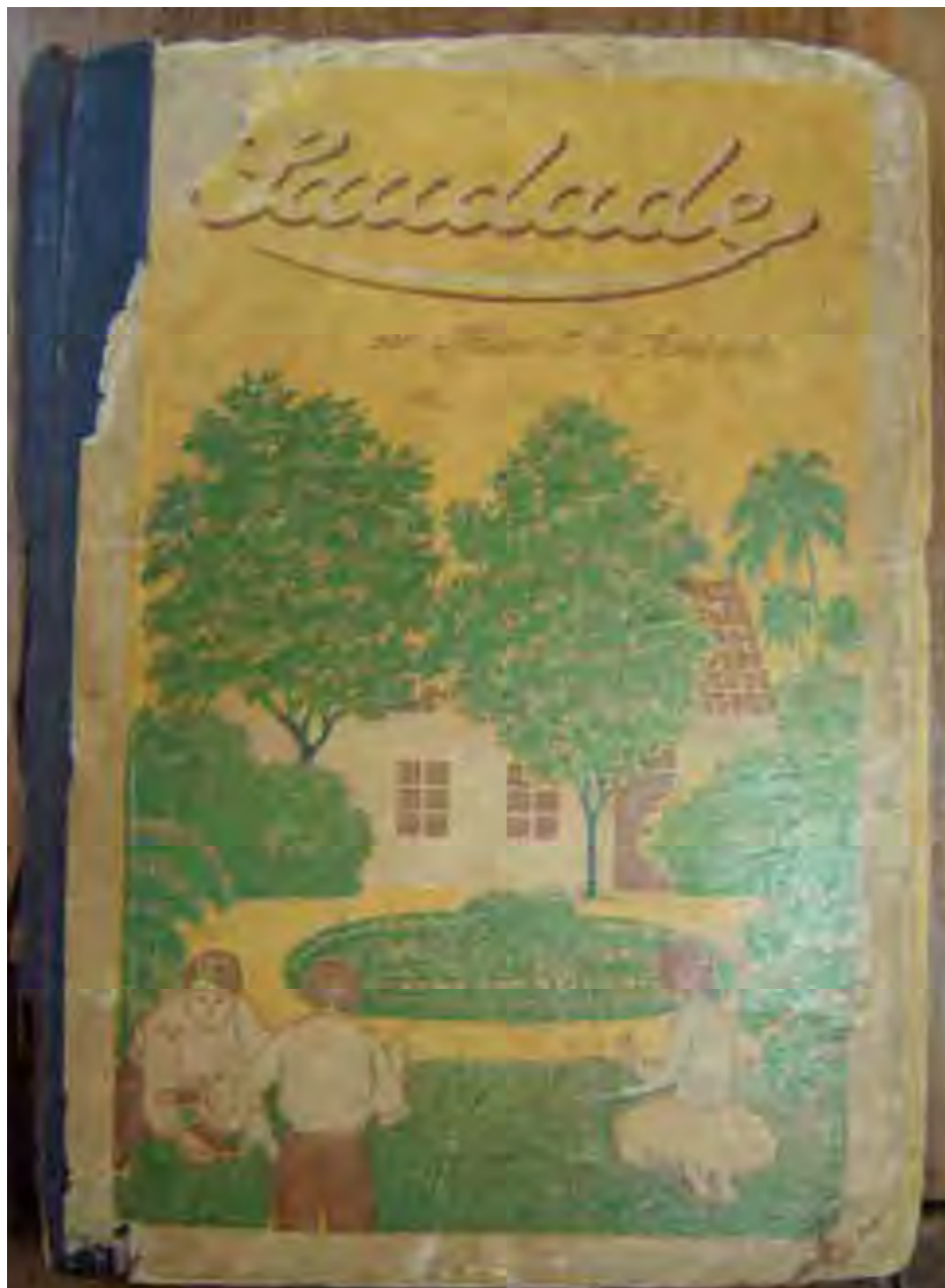
A 17ª edição publicada em 1932 foi escolhida contemplando o fato de que era a 5ª edição do livro através da Companhia Editora Nacional e o último exemplar disponível no acervo desta editora com a tiragem de 5000 exemplares (consultar tabela p. 71). Esta edição foi publicada no ano de 1932, encerrando o período escolhido para estudo nesta pesquisa.

Para que o leitor reconheça num olhar imediato o nome do livro, em sua 2ª edição, ele é colocado em letras grandes. O título, assim como o nome do autor, são essenciais na capa, para reconhecimento do leitor. Não aparecem na capa as informações do ano da edição, editora ou local dessa publicação.

A ilustração da capa indica as 3 crianças que brincam: uma menina e dois meninos jogando bolinha de gude. Os meninos são Mário e seu amigo Juvenal e a menina é Rosinha.

Em seguida à capa, há uma folha em branco e, no seu verso, está a informação que esta edição foi composta e impressa nas oficinas da “C. Paulista de Papeis e Artes Graphics” em dezembro de 1920. Isto significa que é a 2ª edição, considerando que a partir da 3ª edição quem publica é a Editora Monteiro Lobato e Cia. Considerando as informações obtidas em ARROYO (1988, p. 191) e as informações da contra-capas, trata-se da edição publicada pelo *Jornal de Piracicaba*.

A CAPA - Saudade: 2ª edição



Fonte: Biblioteca Municipal de Piracicaba/SP

Dando continuidade, há uma página com uma ilustração de ramos e flores com o nome do autor e do livro. Esta página, assim como outras no livro, tem a mesma decoração, mostrando um desejo de enfeitar todas as páginas, com ilustrações ou desenhos que não deixem somente palavras soltas na folha em branco, pois se tratava de um livro para crianças.

Na contra-capá estão listados alguns livros, seus autores e o valor para comercialização. Todos publicados pela Typographia do *Jornal de Piracicaba*. O primeiro livro da lista é de Sud Mennucci, *Alma Contemporanea*, depois estão *Vida Inútil* e *Estudo de Linguagem*, com a indicação de que ainda estavam no prelo para serem publicados.

Outros livros para venda são o livro de autoria de Leo Vaz com o título *O Professor Jeremias* e os livros *Lições Práticas sobre Pontuação e Accentuação do “A”*, de Honorato Faustino de Oliveira²¹. De autoria de Thales Castanho de Andrade, a *Filha da Floresta* estava à venda, e os livros no prelo: *El Rei Dom Sapo*, *Bem-te-vi Feiticeiro*, *Dona Içá Rainha*, *Árvores Milagrosas*, *Totó Judeu*, *A Morte Atropelada*, *Castigo do Sol*, *Quadrilha Perigosa* e *Aposta Empatada*.

O índice está localizado no final do livro. Ocupa duas páginas e está dividido em duas colunas. Nele estão indicadas as páginas do prefácio, de todos os episódios e dos poemas e seus autores.

O livro é dividido em pequenos episódios: cada um tem seu próprio título, como consta na relação dos títulos contidos em *Saudade*. Para a época, esta divisão facilitava a utilização do livro nas escolas. Os episódios eram independentes, podendo ser trabalhados individualmente de maneira mais rápida e suscitavam, ao mesmo tempo, a vontade de saber o que iria acontecer nos episódios seguintes. Essa grande quantidade de episódios indica uma característica particular dos livros de leitura escolar. A disposição

²¹ Honorato Faustino de Oliveira foi Diretor da Escola Normal de Piracicaba entre 1920 e 1924.

dos episódios interfere na maneira como o leitor deve ler e interpretar os textos, seguindo uma ordem e, ao mesmo tempo, possibilitando o leitor de lê-los independentes uns dos outros, criando a união do sentido total da história.

O prefácio é escrito por Sampaio Dória. No ano em que prefaciou o livro, Sampaio Dória era Diretor Geral da Instrução Pública do estado de São Paulo, e foi responsável, nesta mesma época, pela Reforma Sampaio Dória, de 1920. No prefácio, observa-se que o livro foi escrito para ser utilizado nas escolas e com a aprovação de Sampaio Dória, pois este escreve no 4º parágrafo: “Nas mãos dos escolares, *Saudade* será um encanto sugestivo.”

Ainda na visão de Sampaio Dória, Thales de Andrade fez uma caridade escrevendo o livro de grande utilidade para as crianças na escola. Sampaio Dória compara *Saudade* com os melhores livros de leitura, inclusive com os livros de Kopke. Enfatiza que o livro faz reviver os tempos de criança, “com a leitura deste livro, a memória nos revive, num aperto de coração, os dias descuidosos de nossa meninice. Temos saudades do que fomos”.

Para o autor do prefácio, *Saudade* tem uma linguagem própria para a criança, sendo sugestiva na escola, pois enfatiza o amor à terra e à Pátria, agradecendo o autor por ter escrito um livro de tanta utilidade (ANDRADE, 1920, p. 07).

Após o prefácio, está uma pequena introdução, chamada assim por mim, que encaminha o leitor e explica o que é o livro *Saudade* e o que está por vir no decorrer do texto. O autor escreve que *Saudade* trata da história de uma criança: “Era uma vez um menino chamado Mário.” Não nos esqueçamos aqui que Thales era ainda um jovem professor quando escreveu o livro.

Na voz de autor do texto, ele conta que o menino, chamado Mário, é o protagonista da história do livro, e que, desde criança, queria escrever sobre sua história de

vida, para recordá-la. Escreveu sua história e, de tão grande, tornou-se um livro, dando o nome de *Saudade*. Portanto, o livro que o autor conta que o menino escreveu é o próprio livro em questão, *Saudade*, parecendo que foi escrito pelo próprio Mário. Mário, segundo o autor, descreve sua própria vida, sua saudade do tempo que era criança. Nessa pequena introdução fica claro que Mário mostra o seu desejo de recordar e guardar suas memórias de infância. Para que isso se torne possível, ele escreve um livro. O autor encaminha o texto, principalmente na introdução, fazendo o leitor pensar que ele mesmo é Mário, confundindo o leitor.

Inicialmente, o título desta pequena introdução, “Uma história... verdadeira”, sugere que a história que o livro *Saudade* traz não é apenas a história que o autor inventou e retrata uma ficção. Mas, com a colocação das reticências e a continuação com a palavra “verdadeira”, fica explícito que se trata de algo real que aconteceu na vida de alguém. No tom que o autor usa ao escrever, pode ser percebido que esse título suscita o interesse de verificar, por meio da história, se ela aconteceu de fato, e não é apenas uma invenção.

Segundo Chartier (1990), as opiniões e visão sobre um texto dependem do seu leitor, do juízo de valor, aptidões e expectativas que cada um tem ao lê-lo. “Estas diferenciam-se consoante o escalão etário: niños, mozos, mancebos e viejos não manipulam do mesmo modo a matéria escrita [...]” (CHARTIER, 1990, p. 122). Da mesma forma, a utilização que se faz de um texto também pode diferenciar as opiniões sobre ele, podendo modificar o seu significado. Logo após o prefácio, há uma página com a foto de um casal e, abaixo deles, está escrito: “papai e mamãe”. Em seguida, o nome do livro e o nome do personagem principal, Mário.

Constam no livro 133 ilustrações em preto e branco. Não há informações sobre o ilustrador. Os desenhos estão distribuídos no decorrer do texto, ilustrando os acontecimentos da história, o retrato dos personagens, as casas, os sítios, o cotidiano dos

personagens. Incluem-se nessa contagem os poemas ilustrados, pequenos desenhos para separar os episódios. Todas as ilustrações estão relacionadas com o texto da página em que estão dispostos. As ilustrações indicam que o livro era para crianças, para o agrado de seu público leitor.

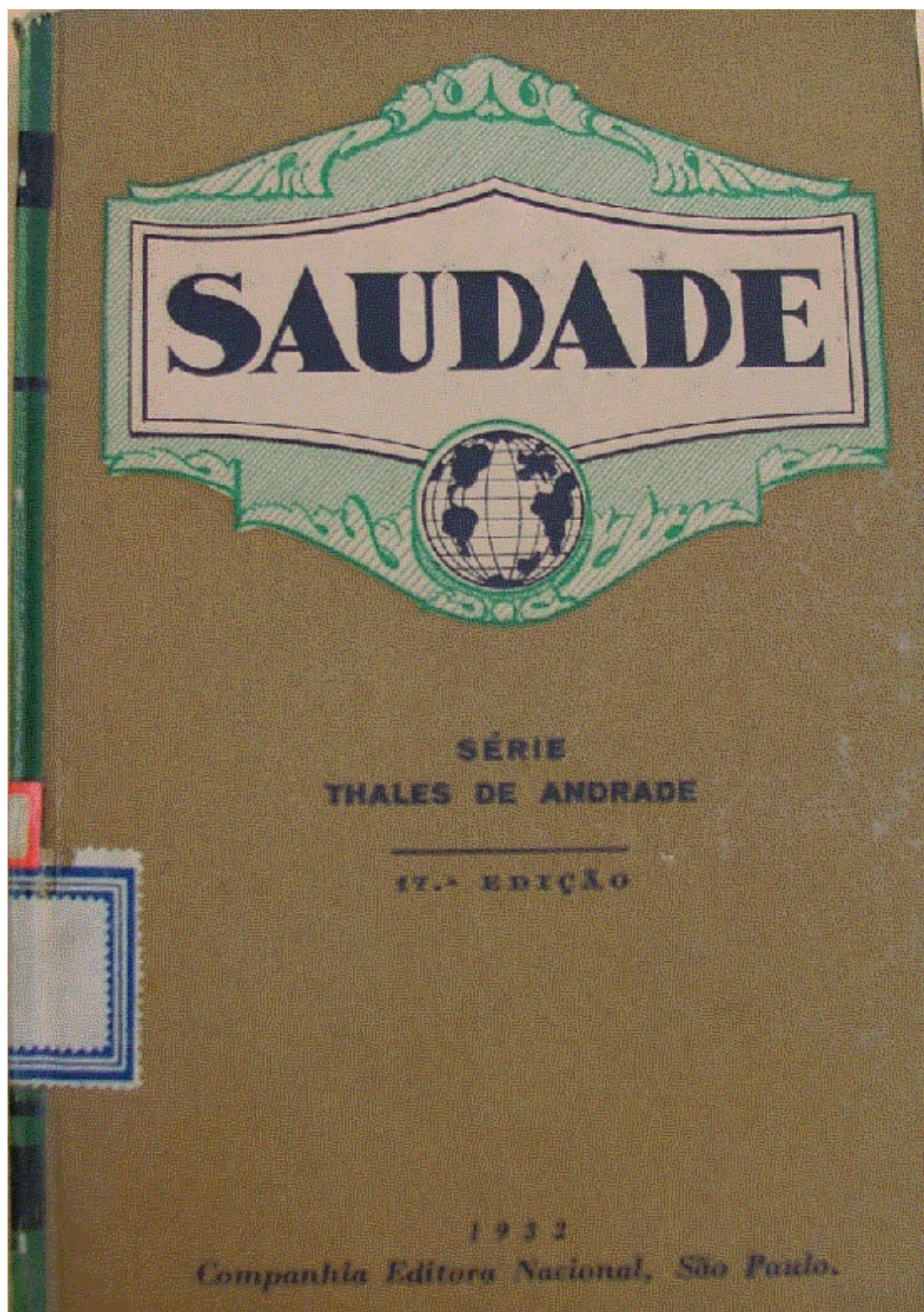
A capa da 17ª edição do livro *Saudade*, publicado em 1932, é de cor verde, com encadernação cartonada, o que permite avaliar que a capa mostra a importância ocupada pelo livro entre os outros livros com capas diferentes. A cor da capa também funciona como uma maneira de classificar e identificar o livro na coleção em que está inserido, mantidos pela editora as mesmas capas para os livros de uma coleção.

No topo da capa está o nome do livro, logo abaixo, a informação de que pertence à Série Thales de Andrade. Em seguida, a edição, o ano da publicação e o nome da editora. O nome do livro e do autor são elementos essenciais para reconhecimento da obra. Para a editora, o nome da série é importante para classificar o livro. Não apresenta ilustrações decorativas.

O prefácio, a história descrita no livro, as ilustrações, o índice, os textos e as poesias que intercalam os episódios não sofreram nenhuma alteração desde a 2ª edição. O tamanho da letra e o espaço entre as linhas, agora, aumentaram: o que demandou o aumento das páginas para atender o leitor.

Nesta edição, há a informação de que o livro foi aprovado pelas “Directorias da Instrucção Publica” dos estados de São Paulo, Ceará, Paraná, Espírito Santo e Rio Grande do Norte, indicando e confirmando a sua destinação para as escolas primárias brasileiras. Não há a informação de quando esta aprovação aconteceu, impossibilitando saber quem indicou, como foi o processo de escolha e quais as pessoas envolvidas nesse processo.

A CAPA – *Saudade* – 17ª edição (Fonte: Companhia Editora Nacional)



Na contra-capa ainda aparecem as propagandas de três livros: *Ler Brincando*, *Espelho e Trabalho*, do próprio autor; e três livros de Theodoro de Moraes, da Série Cesario Motta: *Ser Ler*, que são diferenciados quanto à sua utilização nas escolas: dois dos livros são classificados como 1º livro de leitura e o terceiro livro como 2º livro de leitura.

Pude observar que os aspectos descritos acima nas duas edições analisadas permitem considerar que não houve alterações no texto entre os 12 anos de intervalo das duas publicações. No entanto, a capa mudou, foram abolidas as figuras, o número de páginas, o tipo de papel e a coleção a que pertencia foram alterados, como será visto posteriormente. Uma das mudanças mais significativas foi a capa que perdeu a ilustração das crianças em frente a uma casa de sítio para dar lugar somente ao nome do livro em destaque. Tendo como base o tamanho da ilustração da capa e do nome do livro, a 2ª edição privilegia as ilustrações, e a 17ª privilegia o nome do livro e a sua localização numa coleção. A 17ª edição aparece com uma capa mais expressiva para um livro de leitura escolar do que para um livro de literatura infantil, ou seja, há as informações essenciais, como o nome do livro, do autor e da editora, mas sem desenhos.

O livro, num primeiro momento, não traz referência do seu uso, sua destinação. Diferente da 17ª edição, que confirma a destinação para o uso nas escolas, com a informação no próprio livro de que foi aprovado pelos governos estaduais de alguns estados brasileiros.

RELAÇÃO AUTOR – AUTORES

O livro *Saudade* foi escrito num momento de grande efervescência nacional no campo econômico, cultural, político e educacional. Nas escolas, em todo país, nesse período, eram utilizados livros de leitura para ensinar a ler e escrever, e *Saudade*, de Thales Castanho de Andrade, era destinado à leitura escolar nas séries do curso primário. Esse livro estava presente na leitura escolar do curso primário nas escolas brasileiras, adotado principalmente nos Estados de São Paulo, Paraná, Ceará e Distrito Federal, segundo propaganda do livro na *Revista da Sociedade de Educação* editada pela Monteiro Lobato e Cia, de 1923, que também editava *Saudade* nesse mesmo ano. E, posteriormente, como já indiquei, em outros estados.

Além das questões agrárias, Thales Castanho de Andrade estava envolvido de modo geral, com a cultura, a educação e o desenvolvimento da cidade de Piracicaba. Foi professor, escritor, vereador, trabalhou em jornais e revistas e estava envolvido com entidades esportivas, culturais e agrícolas. Por tudo isso, sua dedicação e, também, principalmente, pelo fato de que era cidadão piracicabano em primeiro lugar, o autor é homenageado até hoje em sua cidade. A Biblioteca Infantil Municipal tem o seu nome, assim como uma das escolas de ensino fundamental do município. Entre concursos e outros eventos que acontecem com seu nome e em sua homenagem, há a Associação Amigos de Thales Castanho de Andrade para resgatar e relembrar a obra do autor, nomes de ruas, avenidas, edifícios e um busto em uma das praças da cidade.

Thales Castanho de Andrade manteve relações com pessoas importantes para a educação no Brasil, que eram seus amigos ou estavam entre aqueles de seu convívio social e profissional. Entre eles, Sampaio Dória, Lourenço Filho, Sud Mennucci e Monteiro Lobato. Estas relações podem ser um dos fatores que colaboraram com o êxito de sua obra.

Sampaio Dória²² formou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1908, pela Faculdade de Direito de São Paulo. Dedicou-se ao jornalismo, foi professor da Escola Normal Secundária de São Paulo, recebendo nomeação de Professor Catedrático da Escola Normal Secundária de São Paulo. Escreveu muitos livros, dentre os quais destaco *Princípios de Pedagogia*, publicado em 1914. Segundo Marta Carvalho (2002, p. 125) a figura de Sampaio Dória incorporou-se à memória educacional como Diretor da Instrução Pública do Estado de São Paulo (1920) e por ter sido responsável pela reforma mais importante do ensino paulista – a Reforma Sampaio Dória.

Sampaio Dória, durante a reforma que empreendeu no ensino primário e normal paulista, nomeou homens de sua confiança para cargos no ensino. Dentre eles, Lourenço Filho e Thales Castanho de Andrade, na cidade de Piracicaba. Segundo Hilsdorf (1998), Lourenço Filho foi responsável pela implantação pedagógica da Reforma Sampaio Dória em Piracicaba. Conforme o que já foi dito anteriormente, foi Sampaio Dória quem escreveu o prefácio do livro *Saudade* de Thales Castanho de Andrade.

Sampaio Dória fundou a Faculdade Paulista de Direito, integrada mais tarde à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Junto com Lourenço Filho fundou, também, o Liceu Rio Branco na cidade de São Paulo.

Manoel Bergstrom Lourenço Filho²³, conhecido somente como Lourenço Filho, formou-se normalista em 1914 pela Escola Normal Primária de Pirassununga e foi professor primário no Grupo Escolar de Porto Ferreira/SP em 1915, atuando ao lado de Thales de Andrade. Desde muito jovem, colaborou com jornais e revistas, dentre eles, os de Porto Ferreira e Piracicaba, cidades do interior paulista. Escreveu, a partir de 1915,

²² Nasceu em Belo Monte, Alagoas, em 25/03/1883 e morreu em 1964. Informações extraídas de FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros (org.). *Dicionário de Educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais*. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

para a revista *Vida Moderna*, de São Paulo, sendo colaborador do jornal *O Comércio de São Paulo* e redator do *O Estado de S. Paulo*.

Nessa época, escreveu para a *Revista do Brasil*, dirigida por Monteiro Lobato, de quem se tornou auxiliar e depois secretário. Foi aluno de Sampaio Dória quando estudou na Escola Normal da Praça da República em São Paulo/SP. Dentre muitos cargos que ocupou e de uma vida política e social intensa, foi Integrante da Liga Nacionalista, em 1917, e Diretor da Instrução Pública do Ceará, em 1922, quando introduziu o livro *Saudade* nas escolas primárias deste estado.

Em 1921, criou a *Revista de Educação* em Piracicaba/SP, e em 1927 propôs à Cia Melhoramentos de São Paulo a organização da série “Biblioteca de Educação”, que dirigiu até o fim de sua vida, publicando e prefaciando obras de educadores brasileiros e estrangeiros. Colaborou, ainda, com obras escolares e de literatura infantil.

Em Piracicaba/SP, por remoção feita por Sampaio Dória, de 1921 a 1923, foi professor na Escola Normal de Piracicaba e, em São Paulo, de 1925 a 1930, foi professor da Escola Normal de São Paulo, na Praça da República. Em 1930 foi nomeado Diretor Geral da Instrução Pública de São Paulo e, por ocasião, reorganizou e mudou a denominação para Diretoria Geral do Ensino. Também transformou a Escola Normal da Praça da República em Instituto Pedagógico, instituindo o Curso Normal de Aperfeiçoamento da Capital, que deu origem, em 1933, ao 1º Curso Superior de Educação.

Em 1931, a convite do Ministro da Educação, Francisco Campos, chefiou seu gabinete e, em 1932, a convite de Anísio Teixeira, dirigiu o Instituto de Educação do Distrito Federal. Lourenço Filho escreveu livros, artigos em periódicos, diversos artigos em revistas, prefácios, apresentações e introduções de livros de autores brasileiros.

²³ Nasceu em 10/03/1897 em Porto Ferreira/SP e faleceu em 03/08/1970 no Rio de Janeiro/RJ. Informações extraídas de FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros (org.). *Dicionário de Educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais*. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

Traduziu livros estrangeiros, publicou seus trabalhos no exterior em diferentes idiomas – Espanhol, Francês, Inglês, Árabe; teve suas obras traduzidas, participou de congressos e conferências internacionais, foi membro de várias entidades, recebeu várias homenagens e títulos, dedicando mais de 50 anos de sua vida à educação. Lourenço Filho, Sud Mennucci e Thales Castanho de Andrade eram amigos desde o ano de 1915, quando lecionavam no Grupo Escolar de Porto Ferreira (HILSDORF, 1998).

Sud Mennucci²⁴ também era piracicabano. Formou-se pela Escola Complementar de Piracicaba e em 1910 iniciou carreira no Magistério. Foi Diretor do Ginásio Moura Santos em São Paulo/SP, fundou o Ginásio Paulistano, foi Diretor Geral do Ensino de São Paulo, em 1931. Destacou-se no comando e na fundação do Centro do Professorado Paulista (CPP), criado em 1930, e responsável pela direção da *Revista do Professor*, do CPP, que circulou entre 1934 e 1965; também era membro da Academia Paulista de Letras. Sud morreu em 1948.

Sud Mennucci, em 1920, foi delegado distrital de ensino na cidade de Piracicaba/SP, por indicação de Sampaio Dória. Nos anos anteriores a este, Sud Mennucci e Lourenço Filho foram escritores nas redações da Revista *Vida Moderna*, e provavelmente, segundo Hilsdorf (1998, p. 101), sendo amigos e trabalhando juntos, inclusive com Thales de Andrade, acompanharam o processo de composição dos primeiros textos do escritor e o ajudaram a conseguir editores para eles.

Segundo esta mesma autora, muitos piracicabanos, chamados por ela de bloomsburyianos, incluindo Thales de Andrade, no ano de 1920, espelharam-se por outras cidades vizinhas trabalhando como professores, redatores de jornais e críticos, inclusive ao

²⁴ Informações extraídas de FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros (org.). *Dicionário de Educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais*. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

redor de Monteiro Lobato na *Revista do Brasil* e da redação do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Monteiro Lobato, segundo Hilsdorf (1998, p. 102), afirmava que jovens literatos piracicabanos eram considerados por ele como “perigo piracicabano”, pois todos saídos da Escola Normal de Piracicaba procuravam a Revista querendo publicar seus textos e iniciar uma carreira crítica na literatura e no jornalismo. Como já foi dito anteriormente, Monteiro Lobato era o proprietário da editora que publicou *Saudade* entre a 3ª e a 13ª edições.

Sud Mennucci e Lourenço Filho trabalhavam na redação do jornal *O Estado de S. Paulo* e “[...] todos se relacionavam intensamente e contribuíram para projetar as obras de uns e outros...” (HILSDORF, 1998, p. 102)

Todas essas relações que se entrelaçam ora no trabalho, ora nas relações de amizade, estavam envolvidas também nas publicações da época, nas divulgações dos livros e dos próprios pensamentos desses autores, no estado de São Paulo e também em outros estados, como por exemplo, no Ceará, estado do nordeste do país, com a ida de Lourenço Filho até lá.

Todas as relações entre Thales e pessoas importantes para a educação e sociedade da época em que *Saudade* foi publicado, assim como as críticas publicadas em periódicos de grande circulação, funcionaram como mecanismo de consolidação da obra.

O artigo publicado no *Jornal de Piracicaba* no ano de 1919, anunciando a 1ª edição do livro e os artigos publicados neste jornal, no ano seguinte, rendiam elogios ao livro, convencendo o leitor de que era bom e, por isso, deveria ser lido. Pessoas notáveis como Lourenço Filho, Sud Mennucci, Monteiro Lobato e Sampaio Dória, com suas declarações, reforçavam, por meio de seus discursos, a preferência e, por sua vez, alta

qualidade do livro, apontado como padrão de leitura e indicado como obra genuinamente brasileira, logo essencial para que o brasileiro o lesse.

As idéias discutidas neste tópico sobre as relações de Thales Castanho de Andrade com outros autores não o secundarizam, ao contrário, explicitam a figura importante diante de sua obra a partir do momento que se busca a autenticidade e qualidade dos seus livros no início da carreira de Thales. Ele publicou seus livros nas duas grandes editoras do país, ou seja, na Companhia Editora Nacional e também na Editora Melhoramentos (ver anexo 1, sobre a obra de Thales). Isto revela o potencial do autor por ele mesmo, ou seja, pela qualidade de seus livros e por seu potencial enquanto autor.

Estas considerações influenciaram a dimensão do sucesso que *Saudade* obteve em vários estados brasileiros. Foram 66 edições em 83 anos (entre a primeira e a última edição). Publicado, em algumas edições, uma vez por ano e chegando, como em 1935, a cinco edições no ano. Somente entre a 65ª e a 66ª edições foi que a publicação ocorreu em intervalos maiores: foram 20 anos entre uma e outra – 1982 e 2002, respectivamente. A partir dessas informações, acrescentando as tiragens das edições que ultrapassam 460.000 exemplares, pode ser dito que *Saudade* alcançou grande êxito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O método de análise que utilizei no desenvolvimento da pesquisa, centrado na abordagem histórica das idéias desenvolvidas por Roger Chartier, identificada como “história cultural”, possibilitou-me a compreensão dos aspectos do conteúdo textual do livro e as mudanças materiais dessas edições, que envolvem o contexto histórico e social do momento da produção e publicação do livro.

Por envolver pesquisa de fundo histórico, encontrei certas dificuldades no que se refere à localização e recuperação de informações e documentos, que certamente possibilitariam exploração mais detalhada de alguns dos aspectos analisados. A principal dificuldade na coleta dos dados consistia em não poder fotocopiar os documentos, livros, jornais e revistas nos locais de pesquisa. Para lê-los foi necessário fotografar esses documentos e transferir para programas de computador, dificultando a leitura e análise dos textos.

O que pude constatar, mediante a pesquisa documental e a análise da 2ª e 17ª edição de *Saudade*, é que, embora difundido em diversos estados brasileiros, ao ser utilizado pelas escolas como livro de leitura escolar, representava uma identificação para as pessoas de Piracicaba e dessa região do interior do estado de São Paulo. Por meio da história do livro é possível reconhecer lugares, o modo de viver das pessoas e, principalmente, a escola agrícola.

Algumas constatações foram apontadas no decorrer do desenvolvimento desta dissertação, mas que são importantes serem utilizadas para as considerações finais.

No momento de publicação de *Saudade*, o envolvimento de Thales Castanho de Andrade com Lourenço Filho, Sampaio Dória, Monteiro Lobato e Sud Mennucci, principalmente, possibilitou ao autor ganhar o reconhecimento de seu livro e, com isso, lançá-lo nas escolas como livro de leitura escolar. O *Jornal de Piracicaba*, onde Thales era

colaborador, impulsionou este reconhecimento com as críticas publicadas nos artigos sobre o livro.

O diálogo com o universo escolar afinado por Thales Castanho de Andrade, enquanto professor, permitiu que escrevesse um livro com alguns aspectos presentes nos livros de leitura escolar. Neste caso, apesar de ser um livro diferente nos moldes estabelecidos, a estrutura do livro dividido em episódios identifica-o como sendo de leitura escolar. Como professor de escola rural e participante ativo de entidades e acontecimentos agrícolas, tudo isso abriu caminho para que o autor conhecesse e escrevesse seu livro com uma história considerada pelos seus leitores, e induzida por ele mesmo no início do livro, como sendo verdadeira, vivida por uma pessoa, e até mesmo fazendo acreditar que era o próprio autor.

A partir da utilização de *Saudade* para a leitura escolar, o governo manifestava indiretamente as idéias presentes num discurso de inibir a imigração das pessoas da zona rural para as grandes cidades, que estava ocorrendo em grande intensidade. Para o estado de São Paulo, palco da publicação da obra, os problemas com as questões de saúde e emprego estavam crescendo juntamente com o aumento da população, como foi apontado pelo autor na história da família de Mário, coincidindo com as realidades das grandes cidades daquela época.

Os aspectos rurais que envolveram *Saudade* são importantes, principalmente para o estado de São Paulo, onde se concentrava grande parte da população e da produção cafeeira do país naquela época. Ao mesmo tempo que a década de 1920 era auge da urbanização das cidades, principalmente de São Paulo, o livro tratava da vida rural. Para as autoridades, fazer com que as crianças lessem *Saudade* por meio da leitura escolar indicada pelo governo às escolas, era uma maneira de influenciar o pensamento das famílias.

O livro não estava confinado ao mundo imaginário: tratava de assuntos e problemas da realidade das pessoas da época em que foi escrito. Mesmo articulando-se com questões pertinentes ao gosto das crianças nas aventuras vividas no sítio por Mário, seu amigo Juvenal e sua irmã Rosinha, buscava dar ênfase ao trabalho, à dignidade humana, à saúde, à educação, ao lazer e ao bem-estar da família.

No desfecho da história de Mário em *Saudade*, ao evidenciar a educação como meio de ascensão e progresso, atendia a um dos aspectos presentes no ideário da época de que a educação era a salvação para os problemas do país.

Apesar das marcas de leitura escolar de *Saudade* e reconhecendo as críticas existentes de estudiosos da área de história da educação, *Saudade* não foi, somente, mais importante e divulgado nas escolas, ultrapassou as linhas escolares e sobreviveu como um livro de literatura infantil, visto que as edições e os leitores permanecem até os dias atuais.

Quanto a materialidade do livro e os aspectos editoriais, *Saudade* sofreu mudanças significativas durante as 66 edições que o fizeram sobreviver ao tempo e alcançar público leitor em diferentes épocas. Inicialmente indicado, adotado e utilizado para leitura escolar nas escolas brasileiras, adaptando-se às condições de um livro de leitura. Em seguida como livro de literatura infantil, houve adaptações para atender ao leitor? Evidentemente as primeiras edições eram publicadas e direcionadas para a escola, momento que o autor estava presente. Nas últimas edições qual a motivação para a publicação de *Saudade*? Aspectos como a revigoração da editora e os direitos autorais influenciaram essa questão?

Considero, também, que, embora tenha buscado responder a todas as questões formuladas inicialmente, isso nem sempre ocorreu com a profundidade desejada, propondo a necessidade de continuidade dos estudos sobre o tema e sobre o livro.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de [et al.]. *Dicionário Histórico e Biográfico Brasileiro: pós 1930*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, CPDOC, 2001.)

ANDRADE, Thales Castanho de. *Saudade*. 2 ed. São Paulo/SP: Companhia Editora Nacional, 1920. CD-ROM

ANDRADE, Thales Castanho de. *Saudade*. 17 ed. São Paulo/SP: Companhia Editora Nacional, 1932.

ARROYO, Leonardo. *O Tempo e o Modo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1963. (Coleção Ensaio)

_____. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

_____. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. O novo, o velho, o perigoso: relendo a cultura brasileira. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 71. p. 29-35, nov. 1989.

_____. Reformas da Instrução Pública. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes Faria; VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 225 – 251

_____. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In: SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara. *Práticas educativas, Culturas Escolares, Profissão Docente*. São Paulo: Editora Escrituras, 1998. p. 31 – 40

_____. Verbete: Antônio de Sampaio Dória. In: FÁVERO, M. L. A; BRITTO, J. M. (Org.). *Dicionário de educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais*. 2. ed.. Rio de Janeiro; Brasília: Ed. UFRJ; MEC/INEP/COMPED, 2002 (verbo em dicionário).

_____. Modernidade Pedagógica e Modelos de Formação Docente. *São Paulo em Perspectiva*, p. 111-120, 2000.

CARRADORE, Hugo Pedro. *Thales de Andrade: Uma História Verdadeira*. Editora Degaspari. Piracicaba, 2004.

CHARTIER, Roger; CAVALLLO, Guglielmo. *História da leitura no mundo ocidental*. 1 ed. São Paulo: Ática, 2002. Coleção Múltiplas Escritas. Vol. 1.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. 11 (5), p. 173 – 191, 1991.

_____. *História cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro. Editora Bertraud, 1990.

CHARTIER, Roger (org). *Práticas da Leitura*. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 1995

DAROLT, Carolina Amália Witzke. *As imagens multifacetadas da palavra: a literatura na escola*. Universidade Federal de São Carlos. Pós-graduação em Educação. São Carlos, 2004. Dissertação de Mestrado em Fundamentos da Educação.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. *O Livro de Ouro da História do Brasil: do descobrimento à Globalização*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

EDREIRA, Marco Antonio Branco. Monteiro Lobato e seus leitores: livros para ensinar, ler para aprender. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas; n. 07, p. 09-42, jan./jun. 2004.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 1996.

GANDINI Raquel Pereira Chain; RISCAL, Sandra Aparecida. Verbete: Manoel Bergstrom Lourenço Filho. In: FÁVERO, M. L. A; BRITTO, J. M. (Org.). *Dicionário de educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais*. 2. ed.. Rio de Janeiro; Brasília: Ed. UFRJ;MEC/INEP/COMPED, 2002 (verbetes em dicionário).

GIESBRECHT, Ralph Mennucci. *Sud Mennucci: memórias de Piracicaba, Porto Ferreira, São Paulo...* Imprensa Oficial: São Paulo, 1998.

FERREIRA, Antonio Celso. *A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. Lourenço Filho em Piracicaba. In: SOUSA, Cynthia Pereira de (org.). *História da Educação: processos, práticas e saberes*. São Paulo: Escrituras Editora, 1998.

_____. *História da Educação Brasileira: leituras*. São Paulo: Pioneira Thomsom Lerner, 2003

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. 6 ed. São Paulo: Ática. 1999. (Série Fundamentos)

LEVI-MOREIRA, Silvia. *São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1988. Coleção Tudo é História.

LOBATO, Monteiro. Saudade. *Jornal de Piracicaba*, Piracicaba, 24 fev. 1920.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Como aperfeiçoar a literatura infantil. *Revista Brasileira (ABL)*. n. 3, v. 7, p. 146 – 169, 1943.

_____. Saudade. *Jornal de Piracicaba*, Piracicaba, 02 mar. 1920.

_____. *Introdução ao Estudo da Escola Nova*. 8 ed. São Paulo: Melhoramentos. 1963

MAGNANI, Maria do Rosário Longo Mortatti. Entre a literatura e o ensino: um balanço das tematizações brasileiras (e assisenses) sobre literatura infantil e juvenil. *Miscelânea*, Assis, v. 3, p. 247-257, 1998. (Revista de Pós-Graduação em Letras: Teoria Literária, Literatura Comparada e Literatura de Língua Portuguesa).

_____. *Leitura, Literatura e Escola: Sobre a Formação do Gosto*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1969. v. 1

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 2 ed. São Paulo: Summus Editorial. 1979.

MENNUCCI, SUD. *Rodapés*. 1927. [S.L: S.N], [1927?].

MONARCHA, Carlos. *A reinvenção da cidade e da multidão: dimensões da modernidade brasileira: a Escola Nova*. São Paulo: Cortez, 1990.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Leitura crítica da literatura infantil. Leitura: teoria & prática*, Porto Alegre, v. 36, dez. 2000a.

_____. *Os sentidos da alfabetização* (São Paulo: 1876 – 1994). São Paulo: Editora UNESP: CONPED, 2000b.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda.; Rio de Janeiro: Fundação Nacional do Livro Escolar, 1976.

NERY, Ana Clara Bortoleto. *Oficialidade e Conflito: os Diretores da Instrução Pública e suas reformas*. In: NERY, Ana Clara Bortoleto . *A Sociedade de Educação de São Paulo: embates no campo educacional*. 1999. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. Cap. 2, p. 78-107.

NETTO, Cecílio Elias. *Almanaque 2000: Memorial de Piracicaba – Século XX*. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba; Jornal de Piracicaba; UNIMEP, 2000.

NICOLA, José de. *Literatura Brasileira: das origens aos dias atuais*. 3 ed. São Paulo: Scipione, 1989.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense. 1990 .

PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. 1 ed. São Paulo: Ícone, 1986.

PERIN, Paula Vicentini; LUGLI, Rosário S. Genta. *Verbetes: Sud Mennuci*. In: FÁVERO, M. L. A; BRITTO, J. M. (Org.). *Dicionário de educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais*. 2. ed.. Rio de Janeiro; Brasília: Ed. UFRJ; MEC/INEP/COMPED, 2002 (verbetes em dicionário).

PIRES, Mário. *Criador da literatura infantil. Jornal de Piracicaba*, Piracicaba, maio. 1990.

PROGRAMA para o ensino primário fundamental: 3º ano. Ato n.º 46, de 26 de julho de 1949. Rio de Janeiro: Francisco Alves; São Paulo, Belo Horizonte: Paulo de Azevedo Ltda.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. 2 ed. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2000.

SAUDADE. *Jornal de Piracicaba*, Piracicaba, dez. 1919.

SÃO PAULO (Estado). Consolidações das leis, decretos e decisões referentes ao Ensino Primário e às Escolas Normas do Estado de São Paulo. São Paulo. *Diário Oficial*. 1912

SILVEIRA, Carlos. Culto Cívico. *Revista da Escola Normal de São Carlos*. Ano IV, n. 07, 1919. p. 03-21

SOUZA, Rosa Fátima. *Templos de Civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

STANISLAVSKI, Cleila de Fátima Siqueira. Uma Leitura de Contos Infantis (1886) de Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida. *Leitura: Teoria e Prática*. Campinas: ALB; Porto Alegre: Mercado Aberto, n. 40, ano 21, 2003.

TAMBARA, Elomar. Livros de leitura nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil. In: 26º *Reunião Anual da Anped*, 2003. *online*

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A indústria de livros, a materialidade do impresso e o campo educacional: reflexões sobre a organização do acervo histórico da Companhia Editora Nacional. In: III Congresso Brasileiro de História da Educação. A Educação Escolar em Perspectiva Histórica, 2004, Curitiba/PR: *Anais...* Curitiba/PR: PUC/PR; SBHE, 2004. CD-ROM

_____. *Coleção Atualidades Pedagógicas: Do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*. Tese (Doutorado em Educação) – PUC – SP, 2001. CD-ROM.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e Processo Educativo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. 3º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 497-517

_____. Escola Nova e Processo Educativo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. 3º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 497-517

ZILBERMAN, Regina. *A literatura Infantil na Escola*. 3 ed. São Paulo: Global, 1983.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABREU, Alzira Alves de [et al.]. *Dicionário Histórico e Biográfico Brasileiro: pós 1930*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, CPDOC, 2001.)

ABREU, Márcia. *Percursos da Leitura*. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da leitura*. 1ª reimpressão. Campinas/ SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 2002.

ANDRADE, Thales Castanho de. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1920. CD-ROM

ANDRADE, Thales Castanho de. *Saudade*. 17 ed. São Paulo/SP: Companhia Editora Nacional, 1932.

ANDRADE, Tales de. *Saudade*. 63 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

_____. *Saudade*. 66 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

ARROYO, Leonardo. *O Tempo e o Modo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1963. (Coleção Ensaio)

_____. *O Tempo e o Modo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1968. (Coleção Ensaio)

_____. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

_____. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

AZEVEDO, Fernando de. *A Educação e seus Problemas*. 4 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1948.

BAJARD, Élie. *Caminhos da escrita: espaços de aprendizagem*. São Paulo: Cortez, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CHARTIER, Roger; CAVALLLO, Guglielmo. *História da leitura no mundo ocidental*. 1 ed. São Paulo: Ática, 2002. Coleção Múltiplas Escritas. Vol. 1.

CADEMARTORI, Lúgia. *O que é literatura infantil*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Coleção Primeiros passos)

CARDOSO, Fernando Henrique (et al.). *O Brasil republicano: Estrutura de poder e economia (1889-1930)*. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Reformas da Instrução Pública. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes Faria; VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 225 – 251

_____. Notas para Reavaliação do Movimento Educacional Brasileiro (1920-1930). *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 66. p. 04-11, ago. 1988.

_____. O novo, o velho, o perigoso: relendo a cultura brasileira. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 71. p. 29-35, nov. 1989.

_____. *Por uma história cultural dos saberes pedagógicos*. In: SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara. *Práticas educativas, Culturas Escolares, Profissão Docente*. São Paulo: Editora Escrituras, 1998. p. 31 – 40

_____. Modernidade Pedagógica e Modelos de Formação Docente. *São Paulo em Perspectiva*, p. 111-120, 2000.

CARRADORE, Hugo. Thales de Andrade: Aos que buscam reverenciar a memória de Thales. *A tribuna*. Piracicaba, p. 07, nov. 1997.

_____. *Thales de Andrade: Uma História Verdadeira*. Editora Degaspari. Piracicaba, 2004.

CHARTIER, Roger. *História cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro. Editora Bertraud, 1990.

_____. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. 11 (5), p. 173 –191, 1991

CHARTIER, Roger (org). *Práticas da Leitura*. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CORDEIRO, Jaime Francisco Parreira; CARVALHO, Luís Miguel. A circulação de modelos educativos nas revistas pedagógicas: Portugal e Brasil (1920 - 1935). In: 25º *Reunião Anual da Anped*, 2002. online

DAROLT, Carolina Amália Witzke. *As imagens multifacetadas da palavra: a literatura na escola*. Universidade Federal de São Carlos. Pós-graduação em Educação. São Carlos, 2004. Dissertação de Mestrado em Fundamentos da Educação.

DÓRIA, Antonio de Sampaio. *Questões de Ensino*. São Paulo: Monteiro Lobato, 1923. vol. 1.

EDREIRA, Marco Antonio Branco. Monteiro Lobato e seus leitores: livros para ensinar, ler para aprender. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas; n. 07, p. 09-42, jan./jun. 2004.

ESCOLA AGRÍCOLA PRÁTICA DE PIRACICABA. Disponível em: <http://lepto.procc.fiocruz.br:8081/dic/verbetes/ESCAGPRPIRA.htm>. Acesso em: 20 jul. 2005.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 1996.

FÁVERO, Maria de Lourdes Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros (org.). *Dicionário de Educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-Inep-Comped, 2002.

FERREIRA, Antonio Celso. *A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira ; BATISTA, Antônio Gomes Batista. A leitura na escola primária brasileira: alguns elementos históricos. Disponível em:

<www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/escolaprimaria.htm> Acesso em: 02/12/2004.
online

GIESBRECHT, Ralph Mennucci. *Sud Mennucci*: memórias de Piracicaba, Porto Ferreira, São Paulo... Imprensa Oficial: São Paulo, 1998.

GONSALVES, Elisa Pereira. *Conversas sobre Iniciação à Pesquisa Científica*. 2. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

HÉBRARD, Jean. os livros escolares da bibliothèque Bleue: arcaísmo ou modernidade? Tradução Laura Hansen e Maria Rita de Almeida e Toledo. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas; n. 04, p. 09-46, jul./dez. 2002.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. Lourenço Filho em Piracicaba. In: SOUSA, Cynthia Pereira (org.). *História da Educação*: processos, práticas e saberes. São Paulo: Escrituras Editora, 1998.

_____. *História da Educação Brasileira*: leituras. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2003

_____. *História da Educação Brasileira*: leituras. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2000.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Trad. Marina Appenzeller. 6 ed. Campinas/SP: Papirus, 2003.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira*: história & histórias. 6 ed. São Paulo: Ática. 1999. (Série Fundamentos)

LEVI-MOREIRA, Silvia. *São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1988. Coleção Tudo é História.

LOBATO, Monteiro. Saudade. *Jornal de Piracicaba*, Piracicaba, 24 fev. 1920.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Como aperfeiçoar a literatura infantil. *Revista Brasileira (ABL)*. n. 3, v. 7, p. 146 – 169, 1943.

_____. Saudade. *Jornal de Piracicaba*, Piracicaba, 02 mar. 1920.

_____. *Introdução ao Estudo da Escola Nova*. 8 ed. São Paulo: Melhoramentos. 1963

MAGNANI, Maria do Rosário Longo Mortatti. Entre a literatura e o ensino: um balanço das tematizações brasileiras (e assisenses) sobre literatura infantil e juvenil. *Miscelânea*, Assis, v. 03, p. 247-257, 1998. (Revista de Pós-Graduação em Letras: Teoria Literária, Literatura Comparada e Literatura de Língua Portuguesa).

_____. *Leitura, Literatura e Escola: Sobre a Formação do Gosto*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 2 ed. São Paulo: Summus Editorial. 1979.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1969. v. 1

MONARCHA, Carlos. *A reinvenção da cidade e da multidão: dimensões da modernidade brasileira: a Escola Nova*. São Paulo: Cortez, 1990.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Leitura crítica da literatura infantil. *Leitura: teoria & prática*, Porto Alegre, v. 36, dez. 2000a.

_____. *Bibliografia brasileira básica sobre literatura infantil e juvenil*. Marília, 2000b. (digitado)

_____. *Os sentidos da alfabetização* (São Paulo: 1876 – 1994). São Paulo: Editora UNESP: CONPED, 2000a.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda.; Rio de Janeiro: Fundação Nacional do Livro Escolar, 1976.

NERY, Ana Clara Bortoleto. Discutindo “a Escola Paulista”. In: 26 *Reunião Anual da Anped*, 2003. *Online*

_____. Oficialidade e Conflito: os Diretores da Instrução Pública e suas reformas. In: NERY, Ana Clara Bortoleto. *A Sociedade de Educação de São Paulo: embates no campo educacional*. 1999. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. Cap. 2, p. 78 - 107.

NETTO, Cecílio Elias. Almanaque 2000: Memorial de Piracicaba – Século XX. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba; Jornal de Piracicaba; UNIMEP, 2000.

NICOLA, José de. *Literatura Brasileira: das origens aos dias atuais*. 3 ed. São Paulo: Scipione, 1989.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense. 1990 .

OLIVEIRA, Cátia Regina Guidio Alves de; SOUZA, Rosa Fátima de. *As faces do livro de leitura*. Caderno Cedes, ano XX, n.º 52, nov. 2000.

PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. 1 ed. São Paulo: Ícone, 1986.

PIRES, Mário. Criador da literatura infantil. *Jornal de Piracicaba*, Piracicaba, maio 1990.

PIRES, Mário. Thales de Andrade Pioneiro. *A tribuna*. Piracicaba, ago. 1996.

PROGRAMA para o ensino primário fundamental: 3º ano. Ato n.º 46, de 26 de julho de 1949. Rio de Janeiro: Francisco Alves; São Paulo, Belo Horizonte: Paulo de Azevedo Ltda.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. *O Livro de Ouro da História do Brasil: do descobrimento à Globalização*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio. Livros e leitura na escola brasileira do século XX. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS; Maria Helena Camara (org.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil: vol. II, século XX*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. 2 ed. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2000.

SILVEIRA, Carlos. Culto Cívico. *Revista da Escola Normal de São Carlos*. Ano IV, n. 07, 1919. p. 03-21

SÃO PAULO (Estado). Consolidações das leis, decretos e decisões referentes ao Ensino Primário e às Escolas Normaes do Estado de São Paulo. São Paulo. *Diário Oficial*. 1912

SAUDADE. *Jornal de Piracicaba*, Piracicaba, dez. 1919.

SILVA, Maria do Remédios. *Relatório Final de Atividades de Iniciação Científica (Bolsa PIBIC/CNPq/UNESP)*. Marília, 2000. (digitado)

SILVA, Vivian Batista da. Uma história das leituras para professores: análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930 – 1971). In: 25º *Reunião Anual da Anped*, 2002 .

_____; CORREIA, António Carlos Luz. Uma história de leituras para professores em Portugal e no Brasil (1930 – 1971). In: 25º *Reunião Anual da Anped*, 2002.

SOARES, Gabriela Pellegrino. *A semear horizontes: leituras literárias na formação da infância, Argentina e Brasil (1915-1954)*. 2002. 339f. Tese – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOUZA, Rosa Fátima. *Templos de Civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

STANISLAVSKI, Cleila de Fátima Siqueira. *Uma leitura de Contos Infantis (1886), de Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida*. 2001. 58f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

_____. Uma Leitura de *Contos Infantis* (1886) de Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida. *Leitura: Teoria e Prática*. Campinas: ALB; Porto Alegre: Mercado Aberto, n. 40, ano 21, 2003.

TAMBARA, Elomar. Livros de leitura nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil. In: 26º *Reunião Anual da Anped*, 2003. *online*

TEIXEIRA, Anísio. *Porque “Escola Nova”*. Boletim da Associação Bahiana de Educação. Salvador, n. 01, 1930, p. 1-8.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A indústria de livros, a materialidade do impresso e o campo educacional: reflexões sobre a organização do acervo histórico da Companhia Editora Nacional. In: III Congresso Brasileiro de História da Educação. A Educação Escolar em Perspectiva Histórica, 2004, Curitiba/PR: *Anais...* Curitiba/PR: PUC/PR; SBHE, 2004. CD-ROM

_____. *Coleção Atualidades Pedagógicas: Do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*. Tese (Doutorado em Educação) – PUC – SP, 2001. CD-ROM.

VIDAL, Diana Gonçalves. *Livros por toda a parte: ensino ativo e a racionalização da leitura nos anos 1920 e 1930 no Brasil*. In: ABREU, Marcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999. p. 335 - 355

_____. *Escola Nova e Processo Educativo*. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. 3º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 497-517

_____. *Práticas de leitura na escola brasileira dos anos 1920 e 1930*. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (org.). *Modos de ler/ Formas de escrever: estudos de História da Leitura e da Escrita no Brasil*. 2 ed. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2001. p. 87 – 116

_____. *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001. (Coleção Estudos CDAPH; Série Historiografia)

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. 2 ed. São Paulo: Global, 1986.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. *A literatura Infantil na Escola*. 3 ed. São Paulo: Global, 1983.

INSTITUIÇÕES, ACERVOS E *SITES* CONSULTADOS

- Centro de Referência para Pesquisa Histórica em Educação (CRPHE) – FFC-UNESP/Marília
- Biblioteca da FFC-UNESP/Marília
- Biblioteca Municipal de Piracicaba
- Museu Histórico e Pedagógico “Prudente de Moraes” – Piracicaba/SP
- Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba/SP
- Academia Piracicabana de Letras
- Acervo Histórico - Companhia Editora Nacional
- www.biblioteca.ufrgs.br/
- www.unicamp.br
- www.dedalus.usp.br
- www.cgb.unesp.br
- www.crmariocovas.sp.gov.br
- www.anped.org.br
- www.ibep-nacional.com.br
- www.capes.gov.br

BIOGRAFIA DE THALES CASTANHO DE ANDRADE

Thales Castanho de Andrade estudou no curso denominado na época de pré-primário, no Kindergarten do Colégio Americano, hoje Colégio Piracicabano e fez o curso Primário no primeiro Grupo Escolar “Barão de Rio Branco” de Piracicaba, e no Grupo Moraes Barros, hoje Escola Estadual Barão do Rio Branco e Escola Estadual Moraes Barros. Fez o curso normal na antiga Escola Complementar, posteriormente chamada Escola Normal Primária de Piracicaba e, atualmente, Escola Estadual Sud Mennucci.

Residiu nas cidades do estado de São Paulo: Rio das Pedras, Capivari, Piracicaba e São Paulo e em Porto Ferreira, pois nessa cidade há uma placa na casa onde ele escreveu o livro *Saudade*.

Iniciou²⁵ sua carreira no Magistério em Jaú, em 1912, estado de São Paulo, na Escola Rural de Banharão, posteriormente chamada de Escola da Saudade, e que hoje está abandonada. Foi professor do Grupo Escolar de Porto Ferreira e do Grupo Escolar Modelo, anexo à Normal Oficial de Piracicaba, lecionando as disciplinas de História da Civilização e do Brasil e, mais tarde, foi diretor dessa escola. Lecionou também História da América, História Geral, Direito Geral, Pedagogia, Psicologia e Prática de Ensino. Foi inspetor e assistente técnico de ensino rural, nomeado no ano de 1943: diretor geral do Departamento de Educação do Estado de São Paulo – nomeado em 16 de setembro de 1947²⁶ - aposentando-se com mais de 47 anos de serviços prestados ao estado de São Paulo.

²⁵ Quando rapaz, trabalhou como tipógrafo na *Gazeta de Piracicaba* e também aprendeu com o pai a fabricar licores, refrigerantes, vinagres, enlatados, doces e caramelos. Obteve carta de habilitação para dirigir carro de tração animal por meio de um exame realizado em praça pública. Assim, foi vendedor de bebidas na cidade, percorrendo de trem e a cavalo as cidades paulistas de Capivari, Rio das Pedras, São Pedro, Torrinha e Santa Bárbara. Foi industrial de fábrica de bebidas e inventor do refrigerante com o nome Cotubaína.

²⁶ Thales Castanho de Andrade foi nomeado Diretor Geral do Departamento de Educação pelo Governador Dr. Adhemar Pereira de Barros.

Também lecionou Filosofia, História da Civilização e do Brasil no Colégio Piracicabano e na Escola de Comércio Cristóvão Colombo, que eram escolas de ensino privado.

Estas informações sobre a carreira de professor do autor demonstram que ela foi intensa, culminando com o cargo de Secretário da Educação do Estado de São Paulo. Thales, além de professor, esteve envolvido com questões políticas. Colaborou com os jornais: a *Gazeta de Piracicaba*, *Jornal de Piracicaba*, *Folha Ferreirense* e *Diário Carioca*; e com as revistas: *Vida Moderna*, *Revista da Educação* da Escola Normal de Piracicaba e *A Cigarra*. No ano da publicação de *Saudade*, 1919, Thales recebeu muitos elogios por meio do *Jornal de Piracicaba*, segundo o artigo com o título *Saudade*, de 27 de dezembro de 1919.

Thales Castanho de Andrade foi vereador da Câmara de Piracicaba entre os anos de 1920-1922 e o seu primeiro Projeto de Lei propunha a criação de um parque infantil, o que causou espanto e risos entre os seus colegas vereadores. Em 1932 foi integrante do M.M.D.C.²⁷, como voluntário e serviu no Batalhão dos Professores durante o Período da Revolução Constitucionalista de 1932 (CARRADORE, 2004, p. 33), participando, também, do Partido Republicano Paulista e, depois, do Partido Constitucionalista. Pertenceu à Academia Piracicabana de Letras, União Brasileira de Escritores e foi sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. No auge da publicação de *Saudade*, Thales era vereador, ou seja, estava envolvido em questões políticas na cidade e, conseqüentemente, no país. Também participou do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, possibilitando relacionar-se com pessoas importantes.

²⁷ O M.M.D.C. é uma sigla que significava as iniciais dos nomes dos estudantes paulistas mortos em confronto com forças legais - Miragaia, Martins, Dráusio e Camargo - na Revolução Constitucionalista de 1932, ocorrida em São Paulo, que durou 3 meses.

Participante da vida rural de sua época, foi iniciador dos clubes de horticultura, com o apoio da Sociedade Amigos de Alberto Tôrres, participando, também, do 1º Congresso Normalista de Ensino Rural, realizado em Campinas. Foi fundador da instituição nacional dos Clubes Agrícolas Escolares e promotor da primeira Festa do Milho, da Uva, do Pêssego e do Vinho. Até o momento, não foi possível localizar as cidades onde aconteceram estes eventos. Fica evidente a intensa participação de Thales e sua aproximação com as questões da vida rural.

Thales Castanho de Andrade foi criador do “Método Brasileiro da Alfabetização pela Imagem – a figura ensina”, destacado por meio da cartilha *Ler Brincando*. Enquanto foi Secretário da Educação do Estado de São Paulo, criou cursos para Alfabetização de Adultos.

Thales Castanho de Andrade ingressou no Magistério em 08/02/1912 e aposentou-se em 07/03/1955. Foram 8 anos no Ensino Primário nas seguintes escolas: Grupo Escolar Modelo de Piracicaba, Grupo Escolar Porto Ferreira e Escola Isolada de Banharão, em Jaú. Foram 23 anos lecionando no Ensino Secundário e Normal; 4 anos e meio como Assistente Técnico do Ensino Rural; 7 anos e meio como Diretor Geral do Departamento de Educação. Trabalhou 43 anos, sendo considerados alguns anos como prêmios para completar o tempo de sua aposentadoria²⁸.

Segundo Carradore (2004, p. 13), Thales Castanho de Andrade foi um “[...] notável educador, pioneiro e expoente da literatura infanto-juvenil brasileira, sendo a educação e a literatura marcos na vida do autor. Foi reconhecido e premiado como

²⁸ Thales Castanho de Andrade (CARRADORE, 2004, p. 33) destacou-se na educação e participou de entidades de classe, esportivas e culturais. Foi presidente do XV de Novembro de Piracicaba, clube desportivo que abrigou equipes esportivas como o time de futebol local “XV de Piracicaba”, foi presidente do Centro do Professorado Piracicabano, do Grêmio Normalista de Bola ao Cesto. Participou ativamente nos

educador, literato, folclorista, sociólogo e pioneiro na luta ecológica em defesa da natureza. Atualmente, existe uma escola de Ensino Fundamental em Piracicaba que recebeu o nome do autor.

A OBRA DE THALES CASTANHO DE ANDRADE²⁹

Segue abaixo a relação da obra de Thales Castanho de Andrade até então encontrada.

Na série Leitura Escolar, aparecem o nome do curso onde eram utilizados e o nome da editora. Logo após, o nome de cada livro é colocado, juntamente com as informações existentes em que série foram utilizados ou qual o tipo de livro e as edições que alguns livros alcançaram.

LEITURA ESCOLAR – Curso primário – Companhia Editora Nacional

1. *Ler Brincando* – Cartilha – 64 edições;
2. *Espelho* – 1º ano - 21 edições;
3. *Alegria* - 1º ano - 13 edições;
4. *Vida na Roça* - 2º ano - 30 edições;
5. *Trabalho* - 2º ano - 44 edições;
6. *Na Oficina* - 2º ano - 1 edição;
7. *Saudade* – 3º ano - 66 edições;
8. *Campo e Cidade*.

Os livros de contos infantis faziam parte da Série Encanto e Verdade e foram editados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo. Logo após o nome de cada livro é

²⁹ Fonte: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo – Departamento de Museus e Arquivos – Museu Histórico e Pedagógico “Prudente de Moraes” de Piracicaba/SP.

colocada, quando existente, a informação: do que tratava cada história e a data a ser comemorada, e as edições que alguns livros alcançaram.

CONTOS INFANTIS – Série Encanto e Verdade – Companhia Melhoramentos de São Paulo

1. *A Filha da Floresta* - História contra a devastação das matas e incentivo ao reflorestamento - 12 edições;
2. *El-Rei Dom Sapo* - História em defesa dos animais úteis à lavoura - 10 edições;
3. *Bem-te-vi Feiticeiro* - História de proteção às aves e á festa das aves - 9 edições;
4. *Dona Içá Rainha* – História de combate à saúva - 8 edições;
5. *Bela, a Verdureira* - História de incentivo à horticultura de quintal; clubes agrícolas escolares - 8 edições;
6. *Árvores Milagrosas* - História de incentivo à pomicultura - 6 edições;
7. *Pequeno Mágico* – História da importância da agricultura - 3 edições;
8. *Totó Mau* – História sobre a proteção aos menores órfãos, riquezas do Brasil, sertão, obra de Rondon, Dia do Índio - 2 edições;
9. *Fim do Mundo* - História sobre o flagelo da destruição da flora e da fauna pelo homem - 4 edições;
10. *Caminho do Céu* – Apresentava duas versões: História sobre a aliança do homem com todos os elementos naturais úteis a sua vida; a luta e vitória do bem contra o mal, e o Cristianismo - 6 edições;
11. *Sono do Monstro* – História sobre pacifismo, a paz pela escola, confraternização dos povos - 6 edições;
12. *A Rainha dos Reis* – Apresenta duas versões: história e importância do constitucionalismo, 24 de fevereiro - 5 edições;

13. *Praga e Feitiço* – História sobre suplício e glória de Tiradentes - 3 edições;
14. *Capitão Feliz* - História sobre intencionalidade luso-cabralica do descobrimento do Brasil; 22 de abril o Dia da Raça - 6 edições;
15. *A Fonte Milagrosa* - História sobre os milagres do trabalho; 1º de maio - 6 edições;
16. *A Bruxa Branca* – História sobre libelo contra os escravocratas e elogio aos abolicionistas; igualdade das raças; 13 de Maio - 3 edições;
17. *Castelo Maldito* - História contra o absolutismo e o despotismo; 14 de Julho - 4 edições;
18. *Grito Milagroso* – História sobre o príncipe Dom Pedro e a Independência do Brasil; 7 de Setembro o Dia da Pátria - 4 edições;
19. *Gigante das Ondas* – História sobre a obra divinatória de Colombo; 12 de outubro o Dia da América - 4 edições;
20. *Morto e Vivo* – História sobre o culto aos mortos; 2 de Novembro o Dia de Finados - 1 edição;
21. *A Cadeira Encantada* – História sobre democracia e república presidencialista; 15 de novembro - 1 edição ;
22. *Mistério das Cores* – História sobre a instituição das cores nacionais brasileiras; 19 de novembro o Dia da Bandeira - 1 edição;
23. *A Estrela Mágica* – História sobre Natal e a redenção das crianças; 25 de Dezembro - 1 edição;
24. *Melhor Presente* - 1 edição;
25. *Como Nasceu a Cidade Maravilhosa* – História sobre o culto ao fundador e aos benfeitores do Rio de Janeiro - 2 edições;
26. *Flor de Ipê* – História sobre a bondade e a inteligência da mulher, e em destaque a flor - símbolo brasileira.

Os romances juvenis tratavam do sertanismo e indianismo no Brasil, a obra de Rondon e seus precursores, lendas indígenas e interiorização da civilização no Brasil. Não se tem informação sobre editoras, apenas a edição e os exemplares alcançados do único livro editado.

ROMANCE JUVENIL

Itaí, o Menino das Selvas - 1 edição – 11 mil exemplares;

Itaí, na Cidade Maravilhosa – no prelo;

Itaí, entre os Cariocas - no prelo;

Itaí, no Palácio do Catete – escrito;

Itaí, no Palácio da Alvorada – em preparo;

Itaí e Ibaê, entre as Estrelas - em preparo.

Os livros da série em quadrinhos fazem parte da Série Café, e tem-se a informação apenas do que tratava cada história, as edições que alcançaram e os exemplares editados.

SÉRIE EM QUADRINHOS – Série Café

O Irmão Café – História em defesa da policultura e poliprodução - 2 edições – 30 mil exemplares;

Cafezal assim, sim! - História em defesa da cultura racional dos cafezais – 1 edição – 11 mil exemplares.

Existem três livros do autor que não estão entre as relações de livros descritas anteriormente. São livros utilizados em campanhas nacionais.

OUTRAS OBRAS

1. *Ensinando a Constituição* – Livro utilizado na Campanha de Assistência ao Estudante do Departamento Nacional de Educação do Ministério da Educação e Cultura;
2. *A Senhora Pernilongo* - Livro utilizado na Campanha contra a febre amarela – publicado em capítulos pelo *Diário Carioca*;
3. *Irmãos*.

BIBLIOGRAFIA DE THALES CASTANHO DE ANDRADE

ANDRADE, Thales Castanho de. *A Bruxa Branca*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *A Cadeira Encantada*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *A Estrela Mágica*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *A filha da floresta*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *A filha da floresta*. São Paulo, 2002.

_____. *A Fonte Milagrosa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *Alegria*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [19--]

_____. *A Rainha dos Reis*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *Árvores Milagrosas*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *Bela, a Verdadeira*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *Bem-te-vi Feiticeiro*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *Campo e Cidade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [19--]

_____. *Como Nasceu a Cidade Maravilhosa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *Dona Içá Rainha*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *El-Rei Dom Sapo*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *Espelho*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [19--]

_____. *Fim do Mundo*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *Flor de Ipê*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *Ler Brincando*. 48 ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1942.

_____. *Ler Brincando*. 51 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

_____. *Morto e Vivo*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *Na Oficina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [19--]

_____. *O Caminho do Céu*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *O Sono do Monstro*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *O Capitão Feliz*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *O Castelo Maldito*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *O Grito Milagroso*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *O Gigante das Ondas*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *O Mistério das Cores*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *O Melhor Presente*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *O Pequeno Mágico*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *Praga e Feitiço*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *Saudade*. 1 ed. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo: Secretaria da Agricultura, 1919.

_____. *Saudade*. 2 ed. Piracicaba: Jornal de Piracicaba, 1920.

_____. *Saudade*. 3 ed. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, [19--].

_____. *Saudade*. 4 ed. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, [19--].

_____. *Saudade*. 5 ed. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, [19--].

_____. *Saudade*. 6 ed. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, [19--].

_____. *Saudade*. 7 ed. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, [19--].

_____. *Saudade*. 8 ed. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, [19--].

- _____. *Saudade*. 9 ed. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, [19--].
- _____. *Saudade*. 10 ed. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, [19--].
- _____. *Saudade*. 11 ed. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, [19--].
- _____. *Saudade*. 12 ed. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, [19--].
- _____. *Saudade*. 13 ed. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, [19--].
- _____. *Saudade*. 14 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928.
- _____. *Saudade*. 15 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930.
- _____. *Saudade*. 16 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.
- _____. *Saudade*. 17 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.
- _____. *Saudade*. 18 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.
- _____. *Saudade*. 20 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.
- _____. *Saudade*. 22 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.
- _____. *Saudade*. 23 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.
- _____. *Saudade*. 24 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.
- _____. *Saudade*. 26 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.
- _____. *Saudade*. 27 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

_____. *Saudade*. 29 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

_____. *Saudade*. 31 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

_____. *Saudade*. 32 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

_____. *Saudade*. 33 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

_____. *Saudade*. 34 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

_____. *Saudade*. 35 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

_____. *Saudade*. 36 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

_____. *Saudade*. 37 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

_____. *Saudade*. 38 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

_____. *Saudade*. 39 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

_____. *Saudade*. 40 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

_____. *Saudade*. 41 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

_____. *Saudade*. 42 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

_____. *Saudade*. 43 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

_____. *Saudade*. 44 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

_____. *Saudade*. 45 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952.

_____. *Saudade*. 46 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952.

_____. *Saudade*. 47 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952.

_____. *Saudade*. 48 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954.

_____. *Saudade*. 49 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954.

_____. *Saudade*. 50 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

_____. *Saudade*. 51 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

_____. *Saudade*. 52 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

_____. *Saudade*. 54 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

_____. *Saudade*. 55 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1962.

_____. *Saudade*. 56 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

_____. *Saudade*. 57 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

_____. *Saudade*. 58 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

_____. *Saudade*. 59 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

_____. *Saudade*. 60 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

_____. *Saudade*. 61 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

_____. *Saudade*. 62 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

_____. *Saudade*. 63 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974

_____. *Saudade*. 64 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

_____. *Saudade*. 65 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.

_____. *Saudade*. 66 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

_____. *Totó Mau*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [19--]. Série Encanto e Verdade.

_____. *Trabalho*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1938.

_____. *Trabalho*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [19--]

_____. *Vida na Roça*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1933. I vol.

_____. *Vida na Roça*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1946. II vol.

_____. *Vida na Roça*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [19--]

HOMENAGENS PARA O AUTOR

Segundo Carradore (2004, p. 69), Thales Castanho de Andrade recebeu muitas homenagens, sendo que muitas delas enquanto era vivo.

Algumas delas, citadas abaixo, estão descritas pela ordem das datas em que ocorreram:

Em 24 de junho de 1967, durante o Bicentenário de Piracicaba, o prefeito da cidade, Luciano Guidotti, sancionou a Lei 1.486, de autoria do vereador Elias Jorge, aprovando que fosse erguida a Herma Thales Castanho de Andrade, na praça Jorge Tibiriçá. Atualmente a herma do autor está sob a seguinte frase: “A Thales Castanho de Andrade / A maior criança-grande do Brasil.”

No dia 15 de julho de 1967, às 10 horas, na livraria Pilão de propriedade de João Chiarini³⁰, Thales concedeu uma manhã de autógrafos em todos os seus livros já editados.

No dia 22 de julho de 1967, com a presença de Thales, às 20 horas, no Salão Nobre do Instituto Educacional Piracicabano aconteceu o *Recital de Canções em Homenagem à Thales de Andrade*, com a participação de Otávio Righetto, Alcides Zagatto e Antonio Carlos Coimbra.

No dia 23 de agosto de 1967, às 15 horas, foi inaugurada a exposição “Vida e Obra de Thales de Andrade” na Galeria Lúcia Cristina, localizada no centro da cidade de Piracicaba e entre os dias 14 a 24 de setembro de 1967 foi realizada em homenagem ao autor, a *Semana Thales de Andrade*, na mesma cidade.

³⁰ João Chiarini foi professor, advogado, escritor e folclorista tendo se dedicado à criação da Academia Piracicabana de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Ocupou uma das cadeiras da Academia Paulista de Educação.

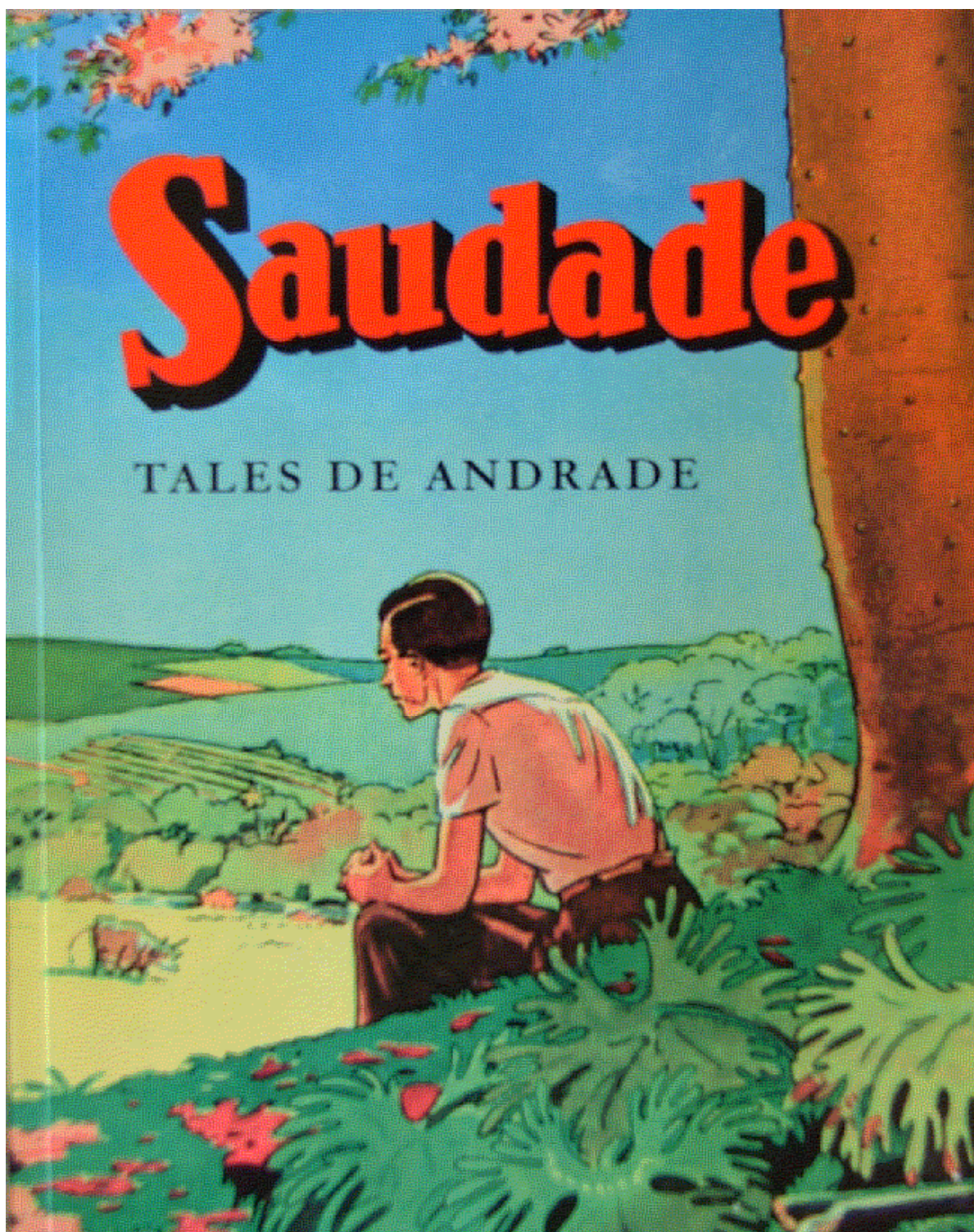
Thales Castanho de Andrade recebeu outras homenagens tais como: Luiz Marrone esculpiu a cabeça do escritor que está sob um pedestal na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, na Prefeitura de São Paulo; há uma placa de bronze na Escola da Saudade, e outra placa na casa em que Thales morou em Porto Ferreira, com a seguinte frase: “Nesta casa em 1918, foi escrito o *Saudade* pelo Prof. Thales de Andrade. Homenagem do Leitores desse livro.”

O autor recebeu o diploma de “Amigo do Livro”, da Câmara Brasileira do Livro; de “Pioneiro do Ruralismo Bandeirante”, da Escola Prática de Agricultura de Ribeirão Preto/SP e da “Semana dos Insetos”, da Revista *Chácaras e Quintais*; a medalha de “Honra ao Mérito”, do Grupo Escolar Dr. Guimarães Júnior de Ribeirão Preto/SP; um cartão de prata das crianças de Santo André/SP com a dedicatória “À Maior Criança do Brasil”. Como escritor de *Saudade*, seu livro recebeu o diploma de “Evangelho do Ruralismo”, do Centro do Professorado Paulista.

Também recebeu várias moções de congratulações e aplausos pelo seu trabalho em favor da educação, entre elas: do Senado da República do Brasil e da Congregação da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” de Piracicaba/SP pelo seu livro *Saudade*; da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo pelo livro *Irmão Café*; e da Câmara Municipal de Piracicaba/SP pelo livro *Campo e Cidade*.

Segundo Carradore (2004, p. 83), Thales também recebeu homenagens póstumas. Em 1990 foi comemorado o centenário de nascimento de Thales Castanho de Andrade com várias solenidades na cidade de Piracicaba.

ANEXO 1
CAPA DO LIVRO SAUDADE



Fonte: ANDRADE, Tales de. *Saudade*. 66ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

ANEXO 2

FACHADA DA ESCOLA “PROFESSOR THALES CASTANHO DE ANDRADE” –
PIRACICABA/SP



Fonte: CARRADORE, Hugo Pedro. *Thales de Andrade: Uma História Verdadeira*. Editora Degaspari. Piracicaba, 2004.

ANEXO 3

CARIMBO COMEMORATIVO E MEDALHA



Fonte: CARRADORE, Hugo Pedro. *Thales de Andrade: Uma História Verdadeira*. Editora Degaspari. Piracicaba, 2004.

ANEXO 4

MEDALHA CONFERIDA À THALES CASTANHO DE ANDRADE



Fonte: CARRADORE, Hugo Pedro. *Thales de Andrade: Uma História Verdadeira*. Editora Degaspari. Piracicaba, 2004.

ANEXO 6

CAPA DO LIVRO *HISTÓRIA E HISTÓRIAS*

Fonte: CARRADORE, Hugo Pedro. *Thales de Andrade: Uma História Verdadeira*. Editora Degaspari. Piracicaba, 2004.

ANEXO 7

ESCOLA MUNICIPAL DE BANHARÃO – JAÚ/SP

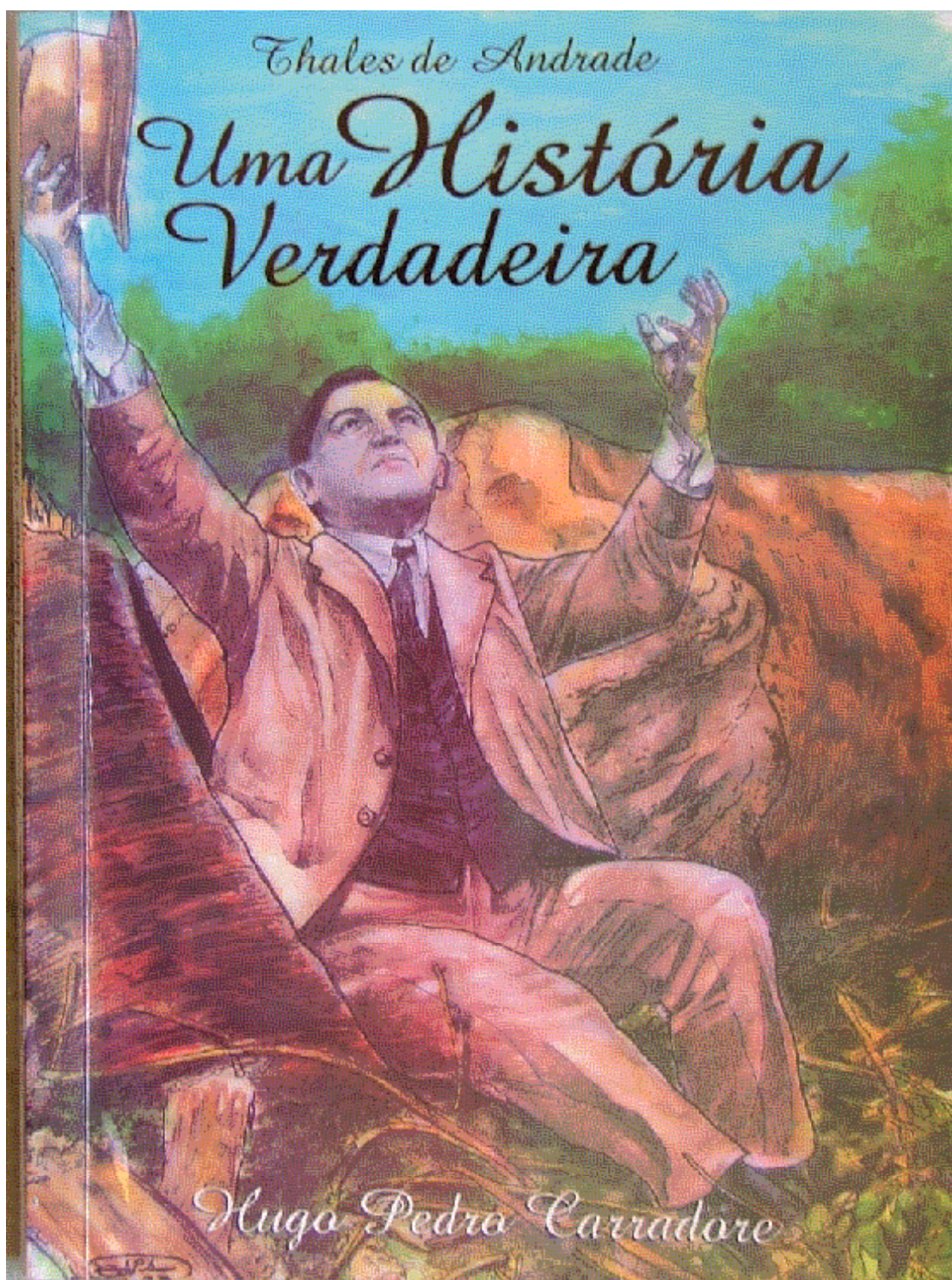


A "Escola da Saudade": Escola Isolada Rural na barra do Banharão, Município de Jaú, onde Thales com sua esposa, também professora iniciou a sua carreira na magistério.

Fonte: CARRADORE, Hugo Pedro. *Thales de Andrade: Uma História Verdadeira*. Editora Degaspari. Piracicaba, 2004.

ANEXO 8

LIVRO: *THALES DE ANDRADE: UMA HISTÓRIA VERDADEIRA*, DE HUGO CARRADORE



Fonte: CARRADORE, Hugo Pedro. *Thales de Andrade: Uma História Verdadeira*. Editora Degaspari. Piracicaba, 2004.

ANEXO 9

**FOTO DE THALES CASTANHO DE ANDRADE, EM 1920 – BEIRA DO RIO
PIRACICABA**

Fonte: CARRADORE, Hugo Pedro. *Thales de Andrade: Uma História Verdadeira*. Editora Degaspari. Piracicaba, 2004.

ANEXO 10



Fonte: Museu Histórico e Pedagógico “Prudente de Moraes” – Piracicaba/SP

ANEXO 11



Fonte: Museu Histórico e Pedagógico “Prudente de Moraes” – Piracicaba/SP

ANEXO 12



Fonte: Museu Histórico e Pedagógico “Prudente de Moraes” – Piracicaba/SP